

AG EN DA

MÉRTOLA CULTURA

2021
abril
maio
junho



editorial_ 04

~

destaques_ 06

Na rota de ser Évora 2027 08
Paula Mota Garcia

Memórias andarilhas 10
Miguel Rego

25 Abril 13

A sociedade aberta 14
e os seus inimigos
Rosário Gambôa

Coversas de boca em boca 17
19 a 26 de mar.

A cozinha é uma farmácia 20
Otilia Eusébio.

Hammam 22
Maria Cardeira da Silva

Arte Non Stop 24
5 a 19 de jun.

Horizonte Raso 26
contos de Mariana Vasques
Maria Filomena Leite

arte_ 54

exposições 55

Boiografias da Arte 56
Daniel Cardeira

A nossa capa 62
Audrey Schayes

~

mértola, património de todos_ 64

Olhar de ...Jorge Custódio 65

28 _em andamento

Guarda-Rios

~

32 _teatro & cinema

33 foi aqui
porque há vidas que davam filmes e
filmes que marcam vidas
cinema paraíso
programação cinema & teatro

~

48 _música & dança

49 Ponham os ouvidos nisto!
"100% carisma" por Vaiapraia

51 Programação de Música

53 Programação de Dança e Novo Circo

68 _museu & arquivo

69 A história através dos objetos
Lígia Rafael

74 Arqueologia em construção
Jorge Feio

79 aconteceu
Paula Rosa

80 memórias fotográficas

81 Centro de Documentação da
Mina de S. Domingos

82 Quem foi?
Luiz Teixeira Beltrão

84 literatura

85 sugestões

86 espaço autor
Ondjaki

89 prosas / Licençapoética
87

~

92 arquitecturas

93 Portas de Portugal e Marrocos:
um sentido comum

mãos e manualidades 98

Guilhermina Bento 99

~

capacitar 104

Serviços Educativos 105

Viagem ao Centro da Terra
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
e Geociências, que ligação?
Sérgio Esperancinha

O planeta dentro das coisas 109

Aula Aberta 110

A caminho da 2ª ruralidade
António Covas

Biofoco

Charcos Temporários Mediterrânicos 112

~

passa a palavra 114

Cuidar da infância 115
Cristina Taquelim e Paula Cusati

~

sociedade recreativa 116

Sociedade Recreativa Pomarense 117

~

120 gastronomia e mercados

122 O ABC das plantas comestíveis,

123 aromáticas e medicinais

F de ... Figueira-da-Índia

124 A Origem dos Alimentos

conserva de peixe com Fernando Sequeira

126 Na mesa
Petiscos

~

128 vá para fora cá dentro

131 Mértola em família

EDITO RIAL

AGENDA MÉRTOLA CULTURA



Rosinda Pimenta
Vereadora da Câmara Municipal de Mértola

Avançamos para mais um trimestre de programação cultural sob a égide da prudência e da incerteza. À mercê de uma pandemia que a todos constrange, com medos e restrições validadas por uma coleção de decretos e despachos, sucederam-se, até aqui, um sem fim de iniciativas culturais canceladas, adiadas, reformatadas ...

Esta é a vida que levamos: triste, indigesta, enfadonha, limitante, longe do que nos define como pessoas, humanidade. Sentimos

falta dos que nos são próximos, familiares, amigos, vizinhos. Sentimos falta da presença, do toque, do abraço, do beijo na cara, do aperto de mão, do carinho, da ternura. De ver nos olhos.

Resignados ante a evidência do primado da saúde, anuímos em grande maioria, ao conformismo da expressão e ato “que assim tem de ser”. A prudência assim o dita. Se na vivência quotidiana se apela ao acatamento em prol do bem coletivo, cá dentro na alma, convoca-se a resistência e a resiliência. Que ninguém se habitue a esta vida e que ela nunca se instale como o novo normal.

Somos “bicho” gregário e a nossa sociabilidade assenta em primeira instância na proximidade e nas nossas fontes primárias: família, amigos, vizinhos. Sem elas, perdemos referências, vivemos cercados de espelhos e torna-

mo-nos vulneráveis a realidades ficcionadas.

O mundo à nossa volta cresce em relações digitais catapultadas pelo confinamento, relacionamo-nos em redes de alcance global e sem barreiras, mas estamos mais sozinhos e desconectados que nunca.

É certo que há coisas bem piores. Há dramas pessoais, dificuldades financeiras, complicações de saúde, vidas perdidas, algumas, bem perto de nós, mas esta melancolia e sentido meio taciturno de ser e estar que se instalou, acarreta em si o risco de corroer a camada de empatia que nos reveste.

Como referi, inicialmente, avançamos para mais um trimestre de programação cultural sob a égide da prudência e da incerteza. A prudência levou-nos ao cancelamento de algumas das

iniciativas que integravam o calendário normal de eventos para a época. Iniciativas que não se compadecem de distanciamentos e confinamentos, que apelam à comensalidade, à partilha de uma mesa e de um petisco; que evocam a contiguidade, o estar próximo, acostado a uma multidão que percorre as estreitas ruas de um souk ou bamboleia ao som de um ritmo frenético; que pressupõem o toque das mãos e do corpo unidos num bailado ritmado. Ficamo-nos pelo que é mais seguro, realizável dentro do quadro de restrições para já conhecidas.

Mas ainda assim, avançamos com esperança e resiliência, não fosse a Cultura uma das mais resilientes manifestações da humanidade. É dos setores que mais sofre em períodos de crise, conflito, perseguição. E em cada provação, reconfigura-se, adap-

ta-se e emerge renovada quão Fénix das cinzas.

Apesar da inquietante omissão da Cultura em muitos dos documentos, planos, decretos e despachos nacionais que anunciam os ambicionados e necessários apoios à retoma, por cá, persiste a vinculação e investimento num setor que sempre foi pilar transversal e estratégico per si na afirmação de um território vivo, em diálogo com o passado, projetado para o futuro.



DES

TAO

UES

di·a·lo·gar

(diálogo + -ar)

verbo transitivo

Dizer ou escrever em
forma de diálogo;

pôr em diálogo; conversar.



CIDADE CANDIDATA A CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

na rota de ser ÉVORA 2027

Paula Mota Garcia



Évora quer ser Capital Europeia da Cultura em 2027. Nos dias de hoje, esta ação da União Europeia, criada em 1985, está já longe de valorizar apenas o ano do título, dando ênfase à trajetória de construção das candidaturas das cidades que desejam ser Capital Europeia da Cultura e aos legados das que são distinguidas. O que, necessariamente, implica o desenvolvimento e a implementação gradual de ações estruturantes, enquadradas por um compromisso de longa duração.

Acima de tudo, enquanto cidade candidata, esta é uma oportunidade para defender como a Cultura é preponderante à revitalização de um território com consciência de todas as suas geografias de relação, e tanto mais quanto maior for o seu diálogo com outras dimensões.

E ao entendermos a origem da palavra Cultura como “cultivo do indivíduo” implicitamente resgatamos a importância das manifestações artísticas para esta construção porque a natureza da arte trata o permanente questionamento do indivíduo e do mundo. Se a isto somarmos as geografias de relação que a Cultura enquanto “cultivo do indivíduo” deve implicar, a candidatura a Capital Europeia da Cultura necessariamente deverá ligar o pensamento e a prática artística a áreas tão distintas como a educação, a ciência, o ambiente, a arqueologia, a arquitetura, a astronomia, o turismo, o desporto, entre outras; mas também a temáticas como a herança cultural, a inclusão social, a valorização da diversidade, operando sempre nos contextos regional, nacional e internacional.

Um exercício que obrigará a convocar memórias do passado e visões de futuro para que seja gerada uma estratégia cultural que contribua, efetivamente, para uma melhoria da qualidade de vida. Para tal, vamos levantando o chão, deixando as raízes bem seguras.

E, mais do que projetar um território na Europa, entendemos que desenhar uma candidatura a Capital Europeia da Cultura implica fomentar um diálogo participado, sustentado e crítico sobre qual o lugar que um território quer ocupar na Europa e quanto de Europa esse lugar transporta, conscientes de todas as vozes que gravitam.

A candidatura a Capital Europeia da Cultura é um processo longo e exigente que importa compreender para, sobretudo, podermos fazê-lo participado e comprometido. A participação e o compromisso são, talvez, as principais características que, na nossa leitura, poderão definir o atual paradigma da ação Capital Europeia da Cultura.

Apesar da experiência de cidades portuguesas como Lisboa (1994),

Porto (2001) e Guimarães (2012) que já foram distinguidas com o título, é a primeira vez que, em Portugal, várias cidades concorrem. A cidade portuguesa selecionada será Capital Europeia da Cultura em 2027, a par de uma cidade da Letónia.

O aviso de concurso nacional foi publicado pelo Ministério da Cultura no dia 23 de novembro de 2020 e as cidades interessadas em concorrer deverão formalizar as suas candidaturas no prazo de um ano, através da apresentação do chamado *BidBook*, um dossiê que responde a vários critérios impostos pelo regulamento do concurso. Em abril de 2022, será publicada a *shortlist* das cidades que são convidadas a detalhar as suas propostas do *BidBook* de acordo com um conjunto de recomendações do júri e a decisão final será conhecida entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023.

Se, por um lado, a candidatura ao título tem de ser obrigatoriamente submetida por uma cidade, neste caso, Évora; é também verdade que, desde logo, foi assumida pelos municípios do Alentejo Central como uma ferramenta estratégica

para a cooperação intermunicipal e regional na área da Cultura, sendo que o seu alcance e o nosso olhar se estende ao Alentejo porque entendemos que estamos sempre em relação, em diálogo.

2021 é o ano de preparação e de capacitação, por excelência. Por isso, **“Anda, acreditando” porque propomos a construção de uma voz comum, uma voz que cresce de porta em porta até chegarmos a um coro mobilizador que reivindica um desígnio coletivo que se propague no tempo e no espaço. Uma voz polifónica que cresce de Évora, do Alentejo para o resto do país, para a Europa e restantes continentes. Évora está na rota de ser Capital Europeia da Cultura em 2027.**

Paula Mota Garcia

é coordenadora da equipa de missão da candidatura de Évora a Capital Europeia da Cultura em 2027. Programadora cultural. Coordenou vários projetos de intervenção artística em comunidades e com outros programadores, possibilitou a criação/consolidação de redes de programação, ao nível regional e nacional. Entre dezembro de 2016 e março de 2020, foi diretora-geral e de programação do Teatro Viriato em Viseu.

MEMÓRIAS ANDARILHAS

Miguel Rego

As memórias. A memória. A memória é uma arma, maior que a cantiga ou a palavra, neste tempo encarcerado! Uma arma sublime carregada de sentimentos caldeados num pote de emoções, até aqui [tão] desconhecidos para a maioria de nós. Entre as quatro paredes impostas, a ausência de muitos dos que nos vão deixando obriga a socorrer-mo-nos da memória. Assim como esta limitação de movimentos nos invoca os espaços de memória que nos marcaram. Afinal, o isolamento alimenta-se da memória para sobreviver, para minorar o vazio instalado. Um improvisado caminho entre a lembrança e o esquecimento, porque construímos a memória a partir do desmonte de estruturas pouco robustas como são essas: lembrança e esquecimento.



"Memórias de um tempo em torno de memórias. Miguel Rego, Manuel Passinhas e Cláudio Torres, Verão de 1991. Retirada de talha do século XIII, depositada entre sepulturas cristãs do século XIV."

Todos os novos olhares, provocados pelos tempos de pandemia que nos afogam, são, para o cidadão comum, o acrescentar de um novo léxico ao seu vocabulário bem mais livre de [pre] conceitos do que o daqueles que no dia-a-dia têm de trabalhar a "memória". E esse facto tão objectivo permite concluir que nunca a relação com a memória foi tão perceptível, intensa, epidérmica como é agora. Ao mesmo tempo tão exigente, do ponto de vista individual. E tão abrangente, do ponto de vista social.

Pandemia e memória levam-nos a invocar, historicamente e no imediato, a "gripe espanhola". Essa traz-nos estórias contadas de geração em geração, porque há sempre alguém que conheceu alguém que perdeu alguém nessa gripe que ceifou entre 50 a 100 milhões de vidas entre 1918 e 1920... Olhando essas lembranças difusas, feitas de memórias, percebemos que, ontem tal como hoje, pouco ou nada podemos fazer perante um "vírus" desconhecido, traiçoeiro, imprevisível... Foi assim há cem anos quando famílias inteiras desapareceram num espaço de meia dúzia de meses. Ontem, mas também hoje, apesar de tão longe estarmos do ponto de vista do desenvolvimento, das comunicações, do acesso a apoio médico. Mas é para

isso que serve a memória. Olhar, comparar, discutir, decidir...

Estes novos tempos de confinamento vestem-se de roupagens diferentes nas nossas relações e, não raras vezes, é à memória que vamos buscar imagens de um casamento, de uma festa de anos, de umas férias algures; imagens de episódios da nossa infância... a escola, um jogo de futebol num campo improvisado onde as pedras não eram muito mais pequenas que a bola...

A lembrança e o esquecimento, porque quantas memórias não são mais que a confusão instalada de uma e outro, são parte inseparável (e inquestionável) de nós. E assim construímos os laços que nos ligam à família, à comunidade, aos elementos identitários que marcam os grupos a que nos sentimos pertencer (local de nascimento, localidade onde se vive, clube de futebol, partido político, religião, língua)...

Nesta amálgama de normalidade em tempos de anormalidade, cada um de nós encontra os artificios que necessita para se relacionar com o tempo e o espaço em que vive. Mas também para conhecer melhor aquilo que a anormalidade dos tempos de normalidade nos fazem viver incautos e

displicentes. Mais fechados dentro de nós, menos dialogantes, menos relacionados na esfera natural do dia-a-dia.

Procurando subverter esse “estado”, desenvolvi as “Memórias Andarilhas” na rede social Facebook.

Por aí vão passando amigos e amigas, conhecidos, cuja relação por este ou aquele motivo se aprofundou mais um pouco, para além de momentos que me marcaram ao longo da vida, deixando uma memória que pode ser um objeto, uma história, uma “estória”, uma lembrança de uma canção...

Através desse momento, ou desses momentos, recriamos laços perdidos na distância, recuperamos afetos nas palavras, conhecemos um pouco mais e melhor o outro que não está próximo ou do qual há muito estamos separados; entramos no seu mundo mais privado e, na ausência de “dois dedos de conversa”, sabemos qual o filme que mais o marcou, a música que continua a trautear, as lembranças que lhe invoca a sua terra de origem.

“Memórias Andarilhas” é, acima de tudo, a recolocação de memórias que, sendo de cada um de nós, não deixa

de ter elementos identitários que poderão ser também o de outros nesta comunidade universal onde todos somos seres “andarilhos”. São memórias na dimensão mais rica que tem a memória, porque elemento estruturante das lembranças que respiram dentro de nós e que nos ligam aos outros. Porque aquele fotograma, aquela tela, aquele som não o é simplesmente na realidade que o enforma. É o resultado do caldear minucioso da lembrança e do esquecimento. É a memória!

Miguel Rego,
nasceu em Lisboa em 1963. Colabora nas escavações em Mértola a partir de 1983, para onde vem viver entre 1986 e 2006. Faz parte do grupo que, em 1987, cria o Campo Arqueológico de Mértola, onde é técnico entre 1991 e 1993. Foi funcionário da Câmara Municipal de Mértola entre 1986 e 1988 e Diretor Operacional da Fundação Serão Martins e da Merturis entre 2003/4 e 2006. Licenciado em Arqueologia, pela Faculdade de Letras do Porto, é actualmente funcionário da Direção Regional de Cultura do Alentejo.

ABRIL



25

O mundo não é humano apenas porque agimos no seu seio, mas porque dialogamos acerca dele, porque debatemos o sentido que se produz no seu interior. (Hannah Arendt, 1981)

A Sociedade Aberta E OS SEUS INIMIGOS

Rosário Gambôa

A democracia tem por base o princípio da participação. É pela capacidade de mobilização e integração dos cidadãos na construção social da realidade que as sociedades abertas e democráticas se desenvolvem e transformam, integrando a diferença e gerando consensos segundo um processo de equilíbrio permanente.

A comunicação - elo chave dos sistemas democráticos fundados no direito de participação e na liberdade de expressão - não é um fenómeno linear e simples, mas um ato social sujeito a constricções estruturantes. A pobreza, a iliteracia e as múltiplas desigualdades limitam o acesso de muitos à informação ou à expressão das suas opções e ideias. E simultaneamente a comunicação é um espaço de interação habitado pela demagogia, pela manipulação e conseqüente capacidade de disseminação de opiniões falsas no espaço público.

As sociedades democráticas são, por natureza, sociedades de risco porque abertas, em exposição permanente à crítica, à dissonância, ao conflito, à distorção de factos. Mas é precisamente



essa fragilidade intrínseca a sua principal força regeneradora: a base participativa e dialógica onde se constrói o direito, a justiça social, a inclusão e o respeito pela diferença. É essa base que devemos preservar e melhorar combatendo a exclusão social, fomentando a igualdade como condição de liberdade e participação, acompanhando e regulando os permanentes desafios que se nos colocam no mapa do terreno da democracia: a globalização, a revolução tecnológica e digital, as alterações climáticas, os movimentos migratórios, os direitos sociais.

As condições de exercício da democracia, da participação e da cidadania nas sociedades contemporâneas foram profundamente transformadas com a emergência da internet e das tecnologias digitais de comunicação. O digital alterou de forma significativa o espaço vital da experiência humana: o lugar físico do encontro e o ciberespaço cruzam-se e misturam-se dando corpo a um novo espaço de interação onde narramos a nossa vida e visões sobre o mundo.

É nesse palco 'amigável', aparentemente inofensivo, entre partilhas lúdicas e generosas, que circulam as mais distorcidas pseudoverdades, as teorias

negacionistas mais perigosas (como, no atual contexto, o não uso de máscara protetora defendido pelo grupo ironicamente denominado Médicos pela Verdade), teorias da conspiração alucinadas (como os movimentos Teraplanistas apoiantes de Bolsonaro, ou QAnon, integrantes do assalto ao Capitólio, para quem Trump luta contra uma cabala de "pedófilos admiradores de Satanás"), opiniões aparentemente soltas, mas ardilosamente trabalhadas e patrocinadas por ideologias extremistas, antidemocráticas, xenófobas, potenciadas por algoritmos computacionais com que websites obscuros operam como metáteses.

Karl Popper, num célebre ensaio de 1945 (de cujo título me aproprio para este artigo), ao analisar os sinais genéticos do totalitarismo moderno, sinaliza o anti-humanitarismo (fechar a porta a todas as ideologias igualitárias, democráticas) e o anti-universalismo (sustentar a diferenciação entre a própria tribo e outras) como tendências maiores destas correntes por oposição às sociedades abertas, radicadas na razão, na liberdade e na fraternidade entre os Homens.

O medo ao 'outro' (o que vem de fora, do exterior, percebido como inimigo) a



quem são imputadas todas as causas da deterioração de valores, da perda de direitos (como ao emprego), tão presentes na atual política nacional e internacional, é um instrumento fácil de mobilizar que não exige fundamentação ou o esforço de debate. No mar avassalador das redes sociais, sem contraditório, a realidade alternativa fabricada não tem de ser verdadeira; basta a emoção, a promessa messiânica ou apocalíptica de uma nova ordem justiceira (a IVª República), onde os desiludidos se abrigam e os radicais se acoitam. O seu poder corrosivo não é negligenciável: maturados no ressentimento, na desilusão dos marginalizados ou esquecidos, o extremismo acicuta fraturas sociais onde a mediação racional não tem lugar. A polarização é hoje um dos principais inimigos da democracia: nega a possibilidade de convergência democrática pelo diálogo, repudia o consenso.

O sucesso da democracia depende da verdade, do conhecimento de *si* e do mundo como condição da tolerância perante *o outro diferente*. É o desconhecimento de nós, da nossa imensa complexidade e diferença, o que mais nos afasta do outro.

Os pilares de resiliência da democracia são os que já temos: o conhecimento, o diálogo, a crítica ou a justiça. E estes são valores e ferramentas que se ensinam e realizam *na* e *pela* participação integradora na vida pública.

Não basta escrever nas *Tábuas da Lei* que “todos os homens nascem livres e iguais”. É preciso ensiná-lo, discuti-lo e problematizá-lo em contextos próprios da vida e da história dos povos. Não basta dizer que em democracia as propostas se constroem em debate e pelo consenso público. É preciso ensinar a debater, ouvir, argumentar, fazendo do diálogo um hábito de vida. A educação e a Escola são, a par com um Estado Social forte que combate velhas e novas assimetrias, os escudos mais sólidos.

74 anos de democracia deram-nos um sistema político consolidado e uma sociedade profundamente transformada, onde a atualização permanente do projeto democrático é condição de progresso. *Uma obra aberta*.

Rosário Gambôa.

Doutorada em Filosofia, U Minho (2001); Mestre em Filosofia da Educação, U Minho (1993); licenciada em Filosofia, U. Porto (1982). Presidente do Instituto Politécnico do Porto (2010/18); Vice-Presidente Investigação Internacionalização (2006-08) Presidente da Escola Educação/IPP (2001-6). Membro do Conselho do Ensino Superior Militar (2017-19). Primeiro Secretário do Conselho Geral do INESC/TEC (2015-18); Conselho de Administração da Casa da Música (2015/8); Direção do Coliseu do Porto (2016-19). Membro Direção da Associação Comercial do Porto (2016-21), Conselho de Administração da Fundação AEP (2018-21). Deputada à Assembleia da República (2019).

Ciclo de conversas sobre práticas artísticas e culturais de proximidade, na comunidade e participativas.

Conversas de Boca em Boca

Partimos da apresentação de experiências de trabalho para fazermos o caminho do diálogo, do encontro e da perspectivação do futuro.



Conversas

Modos de escutar e contar: experiências de escutadores(as) e contadores(as) de histórias

30 de abril, 18h00, Corte da Velha, Mértola

Manuela Barros Ferreira, Pedro Faria Bravo, António Fontinha

Da escura nasce a festa

23 de maio, 18h00, Monte Gato

Isabel Campos, Celina da Piedade, Alexandra Espiridão Parceria Universidade Sénior de Mértola

Escutando a voz que não tem voz

26 de junho, 18h30, Corte Sines

Cristina Taquelim, Natália Cardeira (a confirmar), Miguel Horta

São várias as pessoas que, ao longo dos anos, têm desenvolvido trabalho em torno da escuta, criando ou facilitando espaços que promovem a expressão de viva voz, seja ela individual ou colectiva. Conversam, convidam, gravam e recolhem um pouco de tudo, entre muitas áreas que suscitam interesse e curiosidade. No cerne destes trabalhos estão pessoas e comunidades a transmitir histórias, músicas, danças, ofícios; a exprimir as suas percepções e experiências sobre temas específicos, num infinito rol de possibilidades; a partilhar memórias pessoais e colectivas.

Assim, se vão constituindo projectos com características variadas, uns que seguem mais o caminho da transumância, e que viajam em busca de um tema contactando com várias comunidades e culturas; outros que se enraízam, e escolhem aprofundar o conhecimento sobre a vivência de um determinado território, desenvolvendo por vezes um trabalho que toca várias áreas da acção humana.

As experiências de interacção com a memória e tradição oral dos territórios e comunidades originam grande variedade de acções e resultados: como a recolha e a salvaguarda de registos; a divulgação de materiais recolhidos; a investigação e reflexão; a transmissão e a reactivação de práticas antigas; a recriação, e mesmo, a criação de objectos artísticos.

O Ciclo de Conversas de boca em boca é um caminho partilhado, de conversa e reflexão sobre práticas artísticas e culturais em comunidade.

Em cada conversa, um(a) convidado(a), uma experiência recolectora e/ou criativa e um lugar de encontro à volta de uma mesa numa qualquer Coletividade ou Sociedade Recreativa do nosso território.



DE BOCA EM BOCA

TERRA QUE CONTA

Rádio Mértola - 95.2 fm ou 95.0 fm
Terças e Quintas às 18h45

Um programa
de rádio com
histórias de Mértola



Disponível em podcast:
m.soundcloud.com/debocaemboca
e em: www.debocaemboca-mertola.com

A cozinha é uma farmácia

Otilia Eusébio

Presidente da ATGDM- Associação das Terras e das Gentes da Dieta Mediterrânica. Convivium Leader da Slow Food Algarve

Em boa hora a Assembleia Geral da ONU declarou 2021 o Ano Internacional das Frutas e Vegetais, uma celebração que pretende ser uma oportunidade para aumentar a sensibilização em torno do importante papel das frutas e legumes na nutrição humana, segurança alimentar e saúde, e na realização dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A alimentação, hoje em dia, tornou-se uma moda, com os “influencers” a capitalizarem os “likes” na proporção do prato mais “instagramável”, mas, o mais importante, o que tem de nos orientar, é a literatura séria sobre o tema com as evidências científicas que provam que o que pomos no nosso prato desempenha um papel relevante na prevenção, no tratamento e até na reversão das principais causas de morte. Está provado cientificamente que o garfo é a arma com que podemos combater o nosso inimigo, “as doenças da civilização” já com características epidémicas, como as doenças cardiovasculares, a diabetes tipo 2 e alguns tipos de cancro. E os alimentos que cheguem à nossa cozinha devem primar pela variedade e serem provenientes de uma agricultura limpa, nossa amiga e amiga do ambiente, privilegiando sempre os de origem local e sazonal. A variedade não é só uma forma de combater a monotonia alimentar mas a necessidade de o fazer passa por sabermos que os grupos alimentares não são intermutáveis, só como exemplo, o sulforafano, que ajuda a controlar a diabetes tipo 2, desintoxicante hepático, promissor agente anticancerígeno, forma-se quase exclusi-



vamente em vegetais crucíferos. E, se necessário for cozinhar com gordura pois utilizemos o azeite.

A opção por um aumento significativo da qualidade alimentar terá de passar pela ingestão diária de alimentos integrais de origem vegetal, fruta, legumes, cereais integrais e leguminosas. Aqui, poderemos ainda especificar, pela comprovada promoção da saúde evitando várias doenças, a ingestão diária dos vegetais crucíferos (a couve-galega, a couve-de-bruxelas, a couve-flor, o repolho, a lombarda, os brócolos, os rábanos, os rabanetes, a couve-rábano...) as sementes de linhaça, os frutos secos e sementes, as ervas aromáticas e especiarias. Nas leguminosas cabem as lentilhas, o grão-de-bico, os chicharos, as ervilhas, e todos os géneros de feijão.

Todos os vegetais verde-escuro folhosos são dos alimentos mais saudáveis que existem e, contrariamente ao esperado, contêm muitos dos outros pigmentos vegetais, aí todos concentrados. Estes pigmentos, estes compostos coloridos são precisamente muitos dos antioxidantes benéficos que encontramos nas frutas e nos outros vegetais. Que não nos engane a cor verde que, aqui, mascara todas

as outras. Ao comê-los estamos a dar dentadas no arco-íris e a dar razão ao Popeye.

Mas diversificar o portfólio de muitas frutas e vegetais torna-se imperioso se quisemos obter todos os benefícios para a saúde já que cada vegetal possui a sua combinação única. Venham as cebolas, os alhos, o tomate, as abóboras, as batatas-doces, as bagas, os citrinos e a restante panóplia.

Criar o hábito de utilizar as especiarias que são autênticos concentrados de saúde e as ervas aromáticas, plenas de propriedades medicinais e que nos permitem reduzir o consumo de sal. Trincar uma pequena porção de frutos secos como as amêndoas, o amendoim, as nozes e as avelãs é introduzir gordura saudável. Os cereais deverão ser os integrais, mais ricos em nutrientes, não esquecendo os flocos de aveia que são uma excelente opção nas papas do pequeno-almoço. Os pseudocereais que, sendo sementes, têm características similares aos cereais, como o trigo-sarraceno, o amaranto e a quinoa devem também fazer parte do nosso prato. Atendendo à pegada ecológica e à economia local não esquecer que, se quisermos introduzir a quinoa na nossa alimentação, devemos optar pela qui-

noa produzida em Portugal, que também já existe.

E, se os não vegetarianos que aderiram à campanha “segundas-feiras sem carne” fossem mais longe e alargassem a outros dias? Penso que seria uma ótima resolução. Não nos esqueçamos que os nossos avós, na sua cozinha de simplicidade e mediterrânica só utilizavam um bocadinho de carne para tempero. Que bem que eles faziam.

O Dr. Neal Barnard, pesquisador clínico americano e presidente fundador do Comité de Médicos para a Medicina Responsável afirma que “as dietas à base de vegetais são o equivalente nutricional de deixar de fumar”. O poder que está nas nossas mãos de deixar de fumar é o mesmo que temos para iniciarmos uma alimentação saudável que, não terá de ser sensaborona, antes prazerosa, que tempere a vida com alegria. Pois, como dizia Vinicius, “a alegria é a melhor coisa que existe/É assim como a luz no coração”.

**Mercado de
Produtores Locais
24 de abril.**

Maria Cardeira da Silva

Professora Associada do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa. Investigadora no CRIA - entro em Rede de Investigação em Antropologia.

Os hammam-s – ou banhos mouros, como ficaram conhecidos entre nós por via dos orientalistas – são lugares de purificação, higiene, sociabilização e sociabilidade mais ou menos intensa (e não estou, com esta ordem, a hierarquizar as suas funções) que pontuam, e de certa forma estruturam, o espaço de algumas sociedades árabes e islâmicas. Alguns historiadores aparentam-nos geneologicamente às termas romanas e aos banhos turcos e é fácil incluí-los na panóplia de espaços e instituições purificadoras semitas e outras com as quais partilham os seus aspectos mais ritualísticos, e onde se podem acompanhar, linearmente e sem sobressalto, as etapas teóricas dos rituais sistematizadas por van Gennep e depois por Turner.*

Os hammam-s existem com maior ou menor frequência nos diferentes países árabes-islâmicos, nas zonas mais ou menos urbanizadas determinadas por diferentes concepções de espaço, e são também, obviamente, vivenciados de modos diferentes consoante a pertença social, o género, a idade ou a nacionalidade e ainda de acordo com a linha jurídica do Islão dominante. Apesar da





sua difusão pelo Médio Oriente, a importância do hammam parece ser sociologicamente mais relevante no Magrebe, sobretudo em Marrocos e na Argélia, o que é explicado por Buite laar (1992) pela orientação jurídica do malikismo vigente, que sublinha de modo mais efectivo a importância da TaHarâ (purificação, higiene, circuncisão).

A essa diversidade dos hammam-s nascidos no seio das sociedades maioritariamente árabes e islâmicas soma-se hoje a multiplicação de outros locais assim designados em contextos ocidentais.

Todos partilham de certas características físicas: uma a três salas aquecidas através de hipocaustos e canalizações, água fria e quente corrente, uma sala de recepção, podendo a estas juntar-se uma piscina, uma sala de repouso e outros equipamentos.

Nos hammam-s mais antigos, as configurações arquitectónicas da entrada em gincana, os tectos em cúpula, a luz coada, associadas a um imaginário popular fortemente erotizado e alimentado pelo

facto de, segundo a ortodoxia islâmica, ali se dever proceder à purificação quando em estados decorrentes da actividade sexual, facilitam as leituras psicanalistas que sobre eles se multiplicaram. Essa associação explica também, em parte, a própria feminização do hammam.

Tratando-se de um lugar de purificação prescrita após a actividade sexual, os homens não podiam – nem quereriam, porque ali se exhibe também a sua virilidade – proibir as mulheres de o frequentar. Por isso, o hammam surge ainda, no imaginário literário e oral, como lugar álbi para aventuras menos ortodoxas.

Nos banhos públicos das medinas a segregação dos sexos pode fazer-se espacialmente – pela separação entre o hammam das mulheres e o dos homens –, ou temporalmente – pelo estabelecimento de horários de frequência alternadamente masculinos e femininos. A proximidade no espaço e a sequência na frequência alimentaram, ainda, histórias imaginadas de cópulas à distância no hammam, que serviram para justificar gravidezes inexplicáveis à luz de códigos sociais apertados.

O Hammâm, Alguns Anos Depois: Revisitação Etnográfica de um Contexto Marroquino. Maria Cardeira da Silva in Etnográfica Vol VII, Número 1, CEAS, 2003 (pp.187-205).

18º ANIVERSÁRIO DA CASA DAS ARTES MÁRIO ELIAS
05\19
jun.
2021

ARTENCO

A large, expressive red brushstroke graphic that starts from the right edge and extends horizontally across the page, partially overlapping the word 'ARTENCO'. The stroke has a textured, painterly quality with visible bristles and varying intensity of red.

ARTES VISUAIS / TEATRO / DANÇA / MÚSICA / CIRCO CONTEMPORÂNEO / CONFERÊNCIAS / CONVERSAS / WORKSHOPS

ONSTOP

TIAGO RODRIGUES / TEATRO NACIONAL D. MARIA II
COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO
NOISERV
VERA MANTERO
RAQUEL CASTRO
CLÁUDIA GAIOLAS
ALDARA BIZARRO
ANA ISABEL CASTRO E DEEGO OLIVEIRA
DANIEL SEABRA / ERVA DANINHA
VERA MANTERO E GABRIEL GODOI
SOFIA BEÇA
DANIEL CARDEIRA

MARIANA VASQUES

A pair of hands holds a black book cover against a textured, reddish-brown background. The cover features a silhouette of a forest against a sunset sky. The author's name 'MARIANA VASQUES' is at the top, and the title 'Horizonte Raso' is at the bottom.

Horizonte Raso

Mineira, sem nunca ter trabalhado nas minas, mas por ter nascido na Mina de S. Domingos, Mariana Máximo Pelicano Vasques Duarte Balseiro é um ser de rara beleza humana e moral.

Desde muito jovem, foi posta à prova dos que querem e são verdadeiramente fiéis a princípios de entre os mais dignos de apreço.

Filha de pais economicamente modestos e, colocada, desde muito cedo, perante a situação da cegueira, a Mariana consegue, de sobressalto em sobressalto, erguer-se na plenitude do seu ser, onde sobressai, com muita firmeza a veia artística.

“Tudo acaba bem, quando começa bem”, costuma dizer-se. Talvez adulterando um pouco o ditado popular, não foi esse o percurso da Mariana.

O Alentejo e a sua candura correm-lhe nas veias e vêm à luz do dia nas mais variadas facetas da sua vida. Apesar disso, a Mariana viu-se um dia a caminhar para uma Lisboa desconhecida, onde lhe surgem como refúgio a JOC (Juventude

Operária Católica) e, posteriormente, é recebida na Fundação Raquel e Martin Sain. A sua paixão pelo desenho, depois pela modelagem e, em acréscimo, a prática de massagista acabam por se sobreporem a todos os enganos e desencantos que a vida parecia ter-lhe destinado à nascença.

São prova disso as várias exposições em que tem participado, tendo realizado a primeira na Fundação Calouste Gulbenkian.

Tímida, porém, “de temperamento ardente e impulsivo”, (palavras suas) cedo



fotografia. Eduardo Gageiro

conheceu o amor na pessoa de Manuel Rodrigues Duarte Balseiro, seu companheiro e impulsionador da apetência que a Mariana sempre revelara pela leitura e, talvez não por acaso, pela escrita.

Em 2004 publicou a obra “Sonhos Com Pé” e anos passados traz à nossa leitura os contos que, por longo tempo, manteve na gaveta, apesar do honroso e estimulante apreço em tempos (1972) manifestado pelo escritor, seu amigo, Bernardo Santareno.

“Horizonte Raso” é, pois, a revelação perfeita de uma sensibilidade muito peculiar, onde o Alentejo continua, no espírito da autora, como pano de fundo e personagem central. É com o maior orgulho que recordo e reitero, nesta nota, as palavras de Bernardo Santareno, as de “uma Mariana delicada e extremamente sensível, sempre fiel às suas origens e mulher com um grande potencial de graça e de afecto”.

Maria Filomena Leite

Horizonte Raso é um livro de contos de autoria de Mariana Vasques, com prefácio de Bernardo Santareno (1972). Edição conjunta da Câmara Municipal de Mértola e Fundação Serrão Martins. A apresentação da obra está agendada para o programa Encontro Mineiro a realizar em junho na Mina de S. Domingos.

EM ANDAMENTO (WORK IN PROGRESS)



Guarda-Rios

Guarda-Rios (palavra que designa ora uma ave dos ambientes ribeirinhos, ora uma profissão ligada à gestão e fiscalização destes territórios) é o nome que demos a um projeto de investigação-criação artística iniciado em 2019 e que se propôs, a partir dos territórios ribeirinhos, refletir sobre diferentes dimensões – estética, cultural, social, ambiental – das relações dos seres humanos com o seu ambiente natural e construído (blog: <https://guardarios.org/blog/>; página Facebook: <https://www.facebook.com/guardarioscoletivo>).

Quer a ave Guarda-Rios, quer o profissional guarda-rios, co-evoluíram com os seus ambientes respetivos, estabelecendo com eles

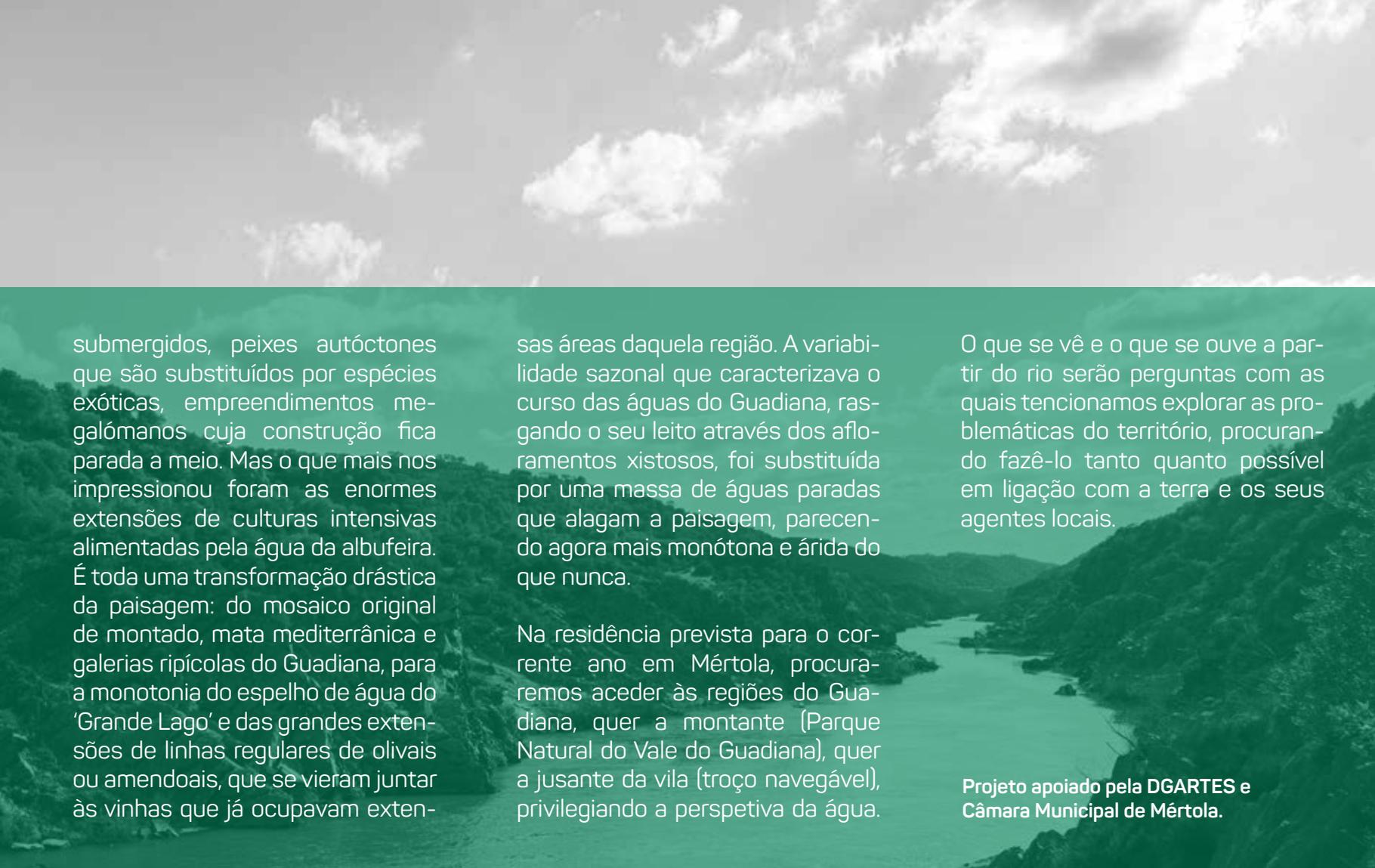
relações dinâmicas, que, simultaneamente, são um reflexo e podem ajudar a preservar as suas características próprias. Foi com base nesta perspetiva que o projeto desenvolveu um programa de residências em diversas bacias hidrográficas nacionais (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego). Procurámos nessas residências assegurar uma presença demorada em cada território visitado, através de práticas de observação-escuta e de contacto direto com os lugares e as pessoas que neles habitam, com o intuito de aceder às múltiplas camadas das realidades locais. O programa de residências foi complementado por um programa de exposições/eventos que nos tem permitido partilhar algumas das vivências e recolhas nos territórios percorridos.

Entre os vestígios da história recente da ocupação humana que encontrámos nas margens de rios e ribeiras destacam-se as diferentes atividades e tecnologias que aproveitaram os recursos hídricos – da agricultura à pesca e das azenhas às barragens, em particular estas últimas, que, ao domar o caudal de rios outrora livres, transformaram-nos em albufeiras, mudando profundamente a paisagem. Foram também evidentes as riquezas patrimoniais, paisagísticas e naturais ainda existentes, que podem contribuir para valorizar esses mesmos territórios e as suas populações,

muito para além dos aproveitamentos mais ou menos incipientes das iniciativas turísticas ou recreativas (públicas ou privadas).

Na residência na Aldeia da Luz, junto ao Guadiana (Outubro de 2020), fomos confrontados não só com a paisagem alagada da mega-albufeira gerada pela barragem de Alqueva, mas também com todo um sonho visionário de desenvolvimento regional para o Baixo Alentejo. Tal como em residências anteriores, também ali ouvimos falar de ofícios que desapareceram, sítios e vestígios arqueológicos





submergidos, peixes autóctones que são substituídos por espécies exóticas, empreendimentos megalómanos cuja construção fica parada a meio. Mas o que mais nos impressionou foram as enormes extensões de culturas intensivas alimentadas pela água da albufeira. É toda uma transformação drástica da paisagem: do mosaico original de montado, mata mediterrânica e galerias ripícolas do Guadiana, para a monotonia do espelho de água do 'Grande Lago' e das grandes extensões de linhas regulares de olivais ou amendoais, que se vieram juntar às vinhas que já ocupavam exten-

sas áreas daquela região. A variabilidade sazonal que caracterizava o curso das águas do Guadiana, rasgando o seu leito através dos afloramentos xistosos, foi substituída por uma massa de águas paradas que alagam a paisagem, parecendo agora mais monótona e árida do que nunca.

Na residência prevista para o corrente ano em Mértola, procuraremos aceder às regiões do Guadiana, quer a montante (Parque Natural do Vale do Guadiana), quer a jusante da vila (troço navegável), privilegiando a perspetiva da água.

O que se vê e o que se ouve a partir do rio serão perguntas com as quais tencionamos explorar as problemáticas do território, procurando fazê-lo tanto quanto possível em ligação com a terra e os seus agentes locais.

Projeto apoiado pela DGARTES e Câmara Municipal de Mértola.





TE
AT
RO

C
N
MA

image of 1934 edition of Four Little Kittens.



Chegar a Casa

Santiago Macias

“Chegar a casa” não é exatamente um filme. É mais uma nota, uma daquelas folhas que tiramos de um bloco de apontamentos, qualquer coisa de que não nos queremos esquecer. A ação gira em torno de um homem que não consegue encontrar o caminho de volta, que quer chegar a casa e se perde, assombrado pela memória do passado e pela presença fantasmagórica de três mulheres. O grafismo do filme, e detalhes como a “voz-off” e o formato 4:3, foram vagamente inspirados em “Tabu”, de Miguel Gomes. O homem que anda em círculos é uma citação expressa de “Toby Dammit”, de Fellini.

Desta curta não rezará a história. Foi projeto que propus à Câmara de Mértola, em finais de 2014. O orçamento era modesto, mas suficiente. A minha única preocupação era que tudo corresse bem e que a entidade produtora não ficasse comprometida ante uma coisa imprestável. Tal não sucedeu, felizmente. O filme seria admitido em dois festivais, um nacional, outro internacional, de onde saiu sem glória nem vexame.

A filmagem, milimetricamente planeada, ocupou três dias. Juntei depois, em jeito de uma pós-produção, imagens recolhidas com um telemóvel e com um “tablet”. A montagem foi a parte mais divertida. A criação de efeitos, de imagem e de som, o acerto dos planos, da locução e da música fizeram-me mergulhar num mundo desconhecido e estimulante.

“Chegar a casa”, falado em árabe e legendado em português, foi estreado no Festival Islâmico de 2015. Foi resultado da generosidade da Câmara Municipal de Mértola e de um vasto grupo de amigos: Sana Contá, Joseline Cabral, Percida Camará, Azeneide Batista, Manuel Passinhas da Palma, Joaquim Simões, Hélder Coelho, Fábio Moreira, Abdalah Khawli, Badr Hassanein, Guilhermina Bento, Mercedes Cerón, Antónia Baião, Daniel Sasportes, José Moças, Jorge Sales e Rui Madruga. Nunca teria visto a luz do dia sem o Jorge Murteira. E, bem entendido, sem a Isabel Martins.





"Chegar a Casa" está disponível no youtube: <https://youtu.be/vQH8zXDiwQ>

Porque há vidas que davam filmes; e filmes que marcam vidas.

João Vaz



Nasceu em Lisboa e viveu até aos 18 anos na vila de Mértola. O seu primeiro contacto com cinema aconteceu através de um curso intensivo e prático na NYFA tendo depois seguido para o curso de Cinema, Vídeo e Comunicação Multimédia na ULHT com o intuito de aprofundar conhecimentos na área da imagem.

O seu percurso profissional divide-se entre a direção de fotografia e a realização.

Fundou a produtora “MAUS DA FITA” que tem como objetivo principal ser uma plataforma para a criação e colaboração entre artistas de todas as áreas.

FILMOGRAFIA

- Curta-metragem “Complex of Shadow” (Melhor Realizador Português no Festival INSHADOW)
- Curta-metragem “Cold” (Melhor Realizador Português no Festival INSHADOW)
- Curta-metragem “Fixação” (“Melhor Curta-Metragem Experimental”, Menção Honrosa “Melhor Filme Português” e Melhor Cinematografia”)

OS FILMES DA MINHA VIDA

Três filmes que influenciaram a minha capacidade emocional, me deram uma nova forma de me relacionar com a memória, “re-significar” lugares concretos e abstratos, uma renovada forma de estar com o outro ...

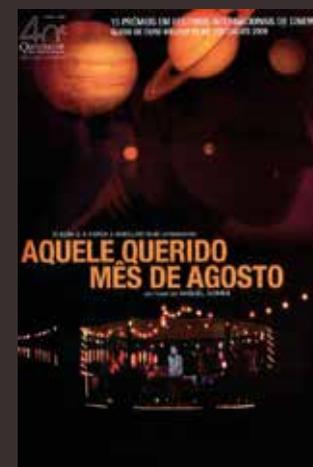
Aquele Querido Mês de Agosto

Miguel Gomes (2008)

Tinha saído há poucos meses da Corte Gafo e o entusiasmo por começar uma etapa nova da vida em Lisboa era imenso. Na altura, não sabia como organizar emocionalmente as experiências da minha juventude vivida em Mértola. Era inverno e foi no início do meu percurso académico durante esta transição, que vi *Aquele Querido Mês de Agosto*. O filme é uma viagem sincera e bem-humorada ao imaginário das aldeias no interior de Portugal e às histórias das personagens que as habitam e que tem como pano de fundo os bailes de verão ao som do repertório romântico/pimba. Tudo isto sem nunca estabelecer uma fronteira entre o que é real e o que é realidade intervencionada.

Ver *Aquele Querido Mês de Agosto* fez crescer em mim o sentimento de pertença à terra e trouxe uma certa paz de espírito com as memórias que tinha dos tempos vividos em Mértola e o seu lugar de importância na história da minha vida.

Numa nota final, numa das cenas finais do filme, o realizador pergunta ao operador de áudio que está a captar o som ambiente do



vento a passar pelas árvores da serra, se é possível (e como é que é possível?) estar a ouvir o som da música do Marante na sua gravação sendo que não há nada ali se não as árvores e o vento. Serve-me isto para lembrar que em tudo à nossa volta haverá sempre mais coisas do que aquelas que conseguimos ouvir ou ver à espera que despertemos para elas. Para mim esse despertar foi principalmente para as pessoas e as histórias que compõem a narrativa do sítio onde cresci.

Sunset Boulevard

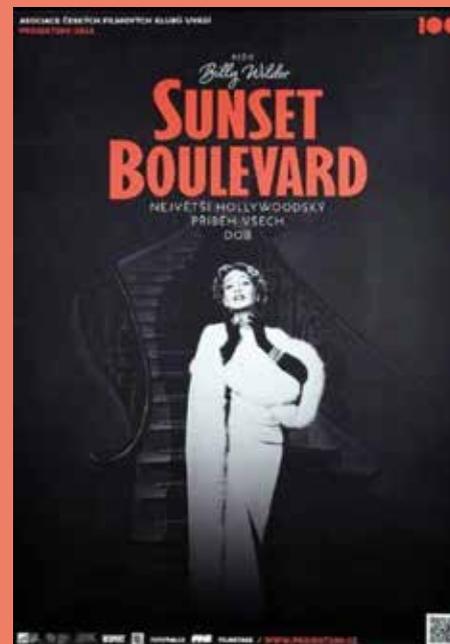
Billy Wilder (1950)

A cinemateca Portuguesa foi um lugar bastante importante no meu crescimento enquanto aprendiz e amante de cinema. Foi um lugar de descoberta, onde a tela umas vezes era espelho outras vezes janela. Poderia escrever sobre este ou qualquer outro filme que lá vi ser projectado e que me marcou para sempre quer fosse pelos diálogos que ainda ecoam na minha mente, pelas imagens que me assaltam a memória, ou bandas sonoras que me acompanham nos momentos especiais.

O filme conta-nos sobre o impacto de uma época cheia de transformações profundas na história do cinema, através de um encontro que se revelará fatal entre um argumentista falhado e uma antiga estrela dos *silent films* de Hollywood caída no esquecimento mas que vive presa na ilusão de que um dia regressará às luzes da ribalta.

Sunset Boulevard ensinou-me a olhar o passado como ferramenta de aprendizagem e não para um culto nostálgico que paralisa a progressão da vida. Filmes como *Sunset Boulevard* que tive o prazer de assistir no escuro das salas da cinemateca, possibilitaram-me conhecer as linguagens e padrões comunicativos que marcaram o passado, e com isso, ajudaram-me na construção de novas ideias e formas de pensar o futuro.

A capacidade de criar e a inovar crescem dessa simbiose entre a compreensão do passado e a consciência plena e crítica do que nos rodeia.



Primavera, Verão, Outono, Inverno...E Primavera

Kim Ki-Duk (2003)

O cinema tem a magia de nos fazer sentir na pele um imenso mundo de emoções. A relação sentimental que estabelecemos com os heróis e vilões, o questionamento dentro de nós que surge com as escolhas difíceis com que os nossos personagens do ecrã se deparam, a capacidade constante de nos continuarmos a fascinar com o que já conhecíamos ou sentir algo novo que desconhecíamos fazem parte da alquimia do cinema.

Primavera, Verão, Outono, Inverno...e Primavera é um filme sobre a condição humana, a forma como nos construímos e reconstruímos ao longo da vida. É um retrato da vida de um budista recolhido numa cabana num lago isolado do mundo e do seu aprendiz. Cada estação conta-nos um pouco mais sobre os diferentes estágios do ciclo da vida e os avanços e recuos que fazemos até encontrar a plenitude entre nós e o mundo.

O filme tem a capacidade de falar para além das palavras que são ditas e de nos fazer ver mais do que aquilo que as imagens nos mostram. A cumplicidade existente entre os dois personagens que acompanhamos intimamente ao longo do filme consciencializa-nos que nem tudo o que existe e que nos impacta tem uma linguagem inteligível com tradução em sentimentos ou ideias previamente concebidas por nós e de fácil descodificação. Vivemos e crescemos dos sonhos que a vida, o cinema e a arte criam à nossa volta. E é nesse desafio que vamos lançando a nós mesmos, de exploração de um mundo intangível, que a nossa existência se constrói e "re-significa".





Paraíso

João Antero

Professor na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Membro correspondente da Academia Nacional de Belas Artes e Academia de Letras e Artes Portugal. Alentejo e Ribatejo Film Commission (ARFC).

Kurosawa, o realizador samurai.

Akira Kurosawa, foi o principal responsável pela divulgação do cinema japonês no estrangeiro e, através dos seus filmes, deu a conhecer a enraizada cultura japonesa ao Ocidente. Censurado no Japão antes da guerra e censurado pelo Ocidente no pós-guerra. Criou o género Samurai, foi influenciado pela cultura ocidental, e influenciou o cinema europeu e americano.



Kurosawa, descendente de uma linhagem de antigos samurais, era um amante de literatura, essencialmente japonesa, mas o seu imenso conhecimento da literatura ocidental, permitiram-lhe uma compreensão da cultura ocidental com fortes similitudes humanistas à literatura japonesa. Aliás, alguns dos seus filmes foram inspirados em obras literárias do ocidente, como Ralé (1957) baseado na obra de Maximo Gorki, O Idiota (1951) e O Barba Ruiva (1965) inspirados em obras de Dostoiévski, o Trono Manchado de Sangue (1957), uma adaptação de Macbeth e Ran (1985), baseado no Rei Lear, de Shakespeare.

Este seu conhecimento e admiração da literatura e cultura ocidentais, fez com que os seus filmes do período da guerra fossem censurados pelo regime japonês, por serem demasiado ocidentais e democráticos, e continuaram a ser censurados pelos americanos no período da ocupação do pós-guerra, por serem demasiado feudais. Quem vê os seus filmes, sejam os mais antigos dos anos 50 e 60, sejam os mais recentes dos anos 70 e 80, fica preso à história graças à forma como Kurosawa narra a trama, como apresenta os personagens e as suas relações, distantes e muito cordiais, próprias da cultura oriental. As emoções dos personagens são passadas pelos silêncios e pelas acções, e raramente pelas suas expressões faciais. É pouco usual ver nos filmes de Akira grandes planos ou de pormenor, exceptuando aqueles que mostram objectos.

Os Sete Samurais serviu de base para o remake americano Os Sete Magníficos.

Kurosawa ingressou no cinema, como assistente de realização, em 1936, tendo feito 24 filmes. As suas tarefas eram, para além de assistir o realizador, ajudar na construção de cenários, rever os guiões, dirigir os ensaios, apoiar a iluminação, acompanhar as dobragens e a montagem dos filmes. Esta multitask deu-lhe bases para saber fazer e saber pedir. Realizou o seu primeiro filme, Sugata Sanshiro, em 1943. Kurosawa sempre foi bastante exigente com as suas equipas, tal como consigo próprio.

A sua vasta obra de 30 filmes pode ser dividida em 3 fases distintas: a fase doméstica em que realizou 14 filmes para o público japonês, dos quais vale a pena destacar Rashomon (1950) e Ikiru (1952), a fase Samurai com filmes como Os Sete Samurais (1954), Trono Manchado de Sangue (1957) e O Barba Ruiva (1965) e a fase do sucesso internacional com os filmes Dersu Uzala (1975), Kagemusha (1980) e Ran (1985).

A fase Samurai é marcada pelo género Samurai por ele criado, um género que trabalha o tema da honra como abordagem principal e estabelece um profundo respeito pelo indivíduo e a sua consciência.

Rashomon (1950) investiga o assassinato de um samurai e a violação da sua esposa, testemunhada sob diferentes pontos de vista, conflitantes entre si. Este foi o primeiro grande sucesso de Kurosawa no Ocidente, tendo ganho o Leão de Ouro de Veneza.

Para escrever Os Sete Samurais (1954), Kurosawa e outros dois guionistas fecharam-se durante seis semanas numa pousada, até concluírem o guião. Este filme marca o início do género Samurai. A pré-produção durou três meses, os ensaios mais um e as filmagens um total de cinco meses ao longo de um ano. O orçamento foi milionário mas as receitas geraram um retorno financeiro muito superior ao esperado. Os Sete Samurais serviu de base para o remake americano Os Sete Magníficos, em que os sabres foram substituídos pelas pistolas. Mas a base é a mesma: uma aldeia fustigada pelos ataques de bandidos é defendida pelos sete pistoleiros.

Outro remake foi o filme Por Um Punhado de Dólares, de Sergio Leone, copiado cena a cena do filme de Kurosawa Yojimbo, o Guarda-Costas (1961), que lançou no Japão o género de humor negro violento de samurai.

Uma característica de Kurosawa, para garantir o realismo e veracidade dos personagens, era colocar os seus actores a viver nos locais de rodagem algumas semanas antes, e aí comerem a comida local, logo desde o início dos ensaios, usando os nomes dos seus personagens.

O Barba Ruiva (1965), é um médico severo que dirige uma clínica para pobres em meados do século XIX e que acolhe, como estagiário, um jovem médico, vaidoso e materialista que, ao longo do filme, passa de resistente aos ensinamentos do experiente e altruista médico a seu seguidor e admirador. Barba Ruiva é interpretado pelo experiente actor Mifune enquanto que o papel do jovem médico é atribuído à estrela de cinema e da música Yuso Kayama, garantindo uma maior receita e popularidade. Este filme foi rodado intensivamente ao longo de um ano. O Barba Ruiva marca o fim de uma era e o virar de página para Kurosawa.

Se durante os primeiros 24 anos de cinema, Kurosawa realizou 22 filmes, nos 23 anos seguintes apenas realizou 7. Esta terceira fase começou bastante mal para Kurosawa. Saiu do Japão e foi convidado a escrever e filmar Runaway Train, que não chegou a ser rodado, tendo a história de Kurosawa sido concretizada duas décadas mais tarde, em 1985. Depois foi convidado para escrever e realizar Tora! Tora! Tora!, mas, ao fim de muitos meses de trabalho, muitos cortes no guião e grandes limitações às exigências de Kurosawa, acabou por ser demitido e o seu nome nem consta dos créditos do filme.





Decide criar uma nova produtora, a terceira, e faz o filme *Dodesukaden* (1970) que lhe acarreta um grande prejuízo. Kurosawa, desfeito, tenta-se suicidar mas nem nisto tem sucesso. Dois anos depois é convidado por um estúdio soviético a realizar *Dersu Uzala* (1975), uma obra autobiográfica do explorador Vladimir Arsenyev. O filme recebeu o Prémio de Ouro em Moscovo e um Oscar para Melhor filme estrangeiro. Uma obra contemplativa de uma extrema beleza e grande profundidade humanista no tratamento dado por Kurosawa ao personagem.

George Lucas, influenciado por algumas das obras de samurai de Kurosawa (os sabres de luz e as espadas de samurai, por exemplo) e que acabara de lançar

Star Wars Episódio IV: *Uma Nova Esperança*, influenciou a 20th Century Fox a contratar Kurosawa para a realização de *Kagemusha*, em 1979. Este filme ganhou a Palma de Ouro de Cannes. Com este sucesso, Kurosawa lançou-se no projecto *Ran*, os *Senhores da Guerra*, baseado no *Rei Lear*, de Shakespeare e cujas filmagens, iniciadas em finais de 1983, apenas foram terminadas em 1985. Com este filme, Kurosawa alcançou mais um sucesso internacional. O último.

Em 1987 realiza *Sonhos*, baseado nos sonhos do próprio Kurosawa e cuja conclusão só foi possível com o apoio de Steven Spielberg junto da Warner Bros que comprou os direitos internacionais. Mas a bilheteira, tal como os

críticos, não acolheram bem o filme. Tal como não acolheu os seus dois últimos filmes, *Rapsódia em Agosto* (1991) e *Ainda Não!* (1993).

Se a obra de Akira Kurosawa, um realizador japonês que se manteve fiel às tradições, usos e costumes do seu país, marcou o cinema nipónico, acrescentando mais valias cinematográficas do ocidente à sua obra, também foi o seu cinema que ajudou a difundir a cultura, o pensamento e o modo de vida oriental além fronteiras. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas atribuiu-lhe um Oscar Honorário em 1990, como reconhecimento pela sua contribuição ao desenvolvimento do cinema. Morreu em 1998, mas a sua obra perdura até hoje. E mais além.

Programação Cinema

CineDoc



My dear spies

a definir. 21h00

Cineclube de Mértola

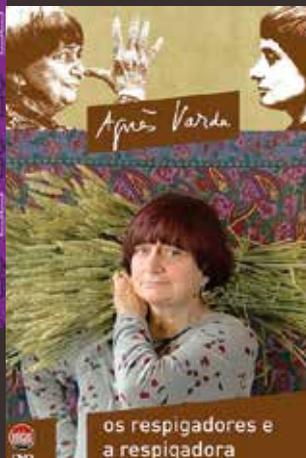
Cineteatro Marques Duque

Género: Documentário

Realizador: Vladimír Lén

Ano: 2020

Classificação: M\10



Os respigadores e a respigadora.

10 de jun. 21h00

programação arte non stop

Cineclube de Mértola

Cineteatro Marques Duque

Género: Documentário

Realizador: Agnès Varda

Ano: 2000

Classificação: M\12

miúdos & graúdos

Curtinhas [nas escolas]

28º Curtas Vila do Conde.

Festival Internacional de Cinema

Maio e Junho

datas a definir em função do calendário escolar

CineDoc

CINECLUBE DE MÉRTOLA

O Cineclube de Mértola é um grupo informal de amantes do cinema que se reúne para visionar filmes e debatê-los. Iniciado em Dezembro de 2020, dinamiza sessões todas as semanas, onde se vê e discute um ou mais filmes escolhidos por todos, numa lógica de partilha e aprendizagem conjunta. A escolha dos filmes, que por um motivo ou por outro se considera interessante, é um dos pressupostos da participação no cineclube. Todos queremos partilhar o que conhecemos e aprender com as escolhas dos outros.

Por causa da pandemia, os filmes têm sido vistos individualmente, cada um em sua casa, e depois discutidos em sessões online. Mas assim que possível, **queremos abrir o cinema a todos** e partilhar com o público de Mértola alguns dos filmes que visionamos semanalmente. **O Cineclube vai fazer uma projeção por mês**, e preparar uma pequena **ação de mediação** em cada sessão para a conversa com o público. Serão também preparadas projeções de festivais de cinema e sessões temáticas.

As sessões, abertas à comunidade, serão realizadas no Cineteatro de Mértola, ou em locais ao ar-livre sempre que possível. A programação trimestral será decidida pelos membros do clube, num processo dinâmico e participativo. **Fundamental é conhecer outros filmes de todos os tempos e lugares, descobrir a matéria cinematográfica e explorar a articulação com os temas e questões que aborda.**

No Arte Non Stop 2021, em Junho, serão realizadas as primeiras sessões de cinema programadas e mediadas pelo Cineclube. Para todos aqueles que gostariam de se juntar às discussões semanais e ter um papel mais ativo no Cineclube, fica o convite a juntarem-se, bastando para isso enviar um simples email para cineclube.mertola@gmail.com.

Programação Teatro



Animateatro

(Portugal)

29 de abr. 14h00

Cineteatro Marques

Duque

Classificação: M\03

Antropofobia

(Rep. Dominicana)

05 de mai. 21h00

Cineteatro Marques

Duque

de Marienela Bóan

Classificação: M\12

Dizcontos

(Moçambique)

7 de mai. 21h00

Cineteatro Marques

Duque

de Teatro di Mozambik &

Cia Lendas d'Encantar

Classificação: M\12

As datas e horas das apresentações ao vivo estão sujeitas a alteração conforme o evoluir da situação pandémica e das orientações emanadas pela DGS e o Governo de Portugal.



Esta Noite Grita-se!

Festim de Leitura

08 de mai. 21h00

Cineteatro Marques Duque

Texto Cinderela de Lígia Soares

Uma produção Cepa Torta

intérpretes: João Cabral e Teresa Coutinho



fotografia. Estelle Valente

Antiprinçasas - Carolina Beatriz Ângelo

*07, 08 e 09 de jun.
Teatro nas Escolas
de Cláudia Gaiolas
Classificação: M\06
integrado no programa
arte non stop*



fotografia. Magda Bizarro

By Heart

*08 de jun. 21h00
Cineteatro Marques
Duque*

**de Tiago Rodrigues/Teatro
Nacional D. Maria II
Classificação: M\12
integrado no programa
arte non stop**



fotografia. Carlos Lopes

A Nova Bailarina

*15 e 16 de jun.
Teatro nas Escolas
de Aldara Bizarro
Classificação: M\06
integrado no programa
arte non stop*



fotografia. Bruno Simão

Turma de 95

*19 de jun. 18h00
Cineteatro Marques
Duque*

**de Raquel Castro
Classificação: M\12
integrado no programa
arte non stop**





MÚSICA

MÚSICA

Ponham os ouvidos nisto!

Por Marcus Veiga
Comunicação e Conteúdos
PLAY Prémios da
Música Portuguesa



100% Carisma de Vaiapraia (Tons to Tell, 2020)

Tempos de catarse, na vida social e na arte, mas a arte já não imita a vida, ela é a vida - "Eu tenho a destreza, a destreza da certeza que a tua violência nunca foi surpresa"- E é assim que Vaiapraia abre caminho para novo exercício de emancipação disruptiva.

O álbum 100% Carisma lançado em Junho de 2020 e nomeado nas listas dos melhores discos nacionais por várias plataformas da especialidade é provocação e confronto, punk rock com vários layers dentro de uma automotora correndo em carris de purpurina e passando pelos apeadeiros de António Variações, Joy Division ou Patti Smith.

Das estruturas de canção pop convencional às formas dissonantes, 100% Carisma traz mais texturas e mais luz aos vértices aguçados de afirmação identitária do artista com os ingredientes característicos revelados nas edições anteriores, “Amor Duro” EP de 2018 ou “1755” LP de 2016. Um diário e confessional em forma de disco, coberto de recursos emocionais, abre logo com um ousado spoken word mas parte daí, das palavras à ação, em 16 temas de tom introspectivo perante o seu meio, nunca perdendo o teor de humor combativo e trilhando pelo storytelling pessoal. Nas palavras do autor, o título que dá nome ao trabalho, surgiu primeiro que a sua composição, estabelecendo logo por aí uma fidelização ao conceito idealizado mas, este é tudo menos um mero disco de estúdio, pelo contrário, é a entrega ao vivo do Setubalense Rodrigo Vaiapraia e sua banda para uma plateia com ou sem distância social de seguran-

ça, quem já viu ao vivo reconhece, quem ainda não viu, bem... este trabalho é uma associação direta muito fiel ao que se passa em cima do palco.

A temática de um corpo que não é mais um desafio, é uma realidade não binária e, uma cascata de inspiração sendo Vaiapraia uma das vozes mais representativas



fotografia. Diogo Santo

desse movimento em Portugal - “Que eu castre e não mate com o meu alicate, entre as tuas pernas, kit kit kit kat” no tema “Frigorífico Vazio” é devaneio identitário, rematado com o fatalismo de um “Quero ir, quero fugir” em tensão emocional.

A força motriz do artista bebe inegavelmente da fonte Grrrl Punk como sua influência mãe, assumindo inspiração direta a uma das bandas ícone desse mesmo movimento de final da década de 70, os

londrinos X-Ray Spex, tendo a especial participação de Lora Logic, saxofonista da banda inglesa neste disco a convite informal via instagram por Rodrigo Vaiapraia no tema “2003”.

Soam guitarras, riffs e teclados com arranjos na muche que servem de suporte e à medida de alfaiate à visceralidade de temas como “Fogo Fera” “Real” ou “Rabo” assim como ao doce embalo que Vaiapraia e coro entregam em “Interlúdio do Salmão” ou “Pose de Neusa”.

Apesar do leme de Rodrigo Vaiapraia em nome próprio, o trabalho é uma obra coletiva com o resto dos elementos do quarteto do projeto, Ana Farinha (bateria), Daniel Fonseca (baixo) e Francisca Ribeiro (guitarra). Os arranjos e produção são de Adriano Cintra (Cansei de Ser Sexy) e ainda Luís Severo, também este último, integrante do coletivo de artistas Maternidade (Filipe Sambado, Sreya entre outros e do qual Vaiapraia é um dos fundadores).

“Eu faço o que posso, o que não posso é o que serei”

100% Carisma? É mais uma valente pedrada no charco nacional e Vaiapraia anda de algibeira cheia de pedrinhas.

Aceda aqui ao álbum 100% Carisma <https://vaiapraia.bandcamp.com/album/100-carisma>



Concerto 25 Abril

Bruno Batista . Gonçalo Veríssimo . Luís Galrito

24 abril. 21h00 . Cine-Teatro Marques Duque .
(presencial e streaming)



Memórias a Dois

José Rego e Miguel Rego

01 maio. 21h00 . Cine-Teatro Marques Duque .
(presencial e streaming)



Interpretam Caetano Veloso

Vera Mantero e Gabriel Godoi

12 junho. 21h00 . Castelo de Mértola .
integrado na programação Arte Non Stop



Uma Palavra começada por N

Noiserv

19 junho. 21h00 . Castelo de Mértola .
integrado na programação Arte Non Stop



Concertos de S. João

Luís Trigacheiro

23 junho. 21h30 . Cais do Guadiana .



Virgem Suta

27 junho. 21h30 . Castelo de Mértola .

As datas e horas das apresentações ao vivo estão sujeitas a alteração conforme o evoluir da situação pandémica e das orientações emanadas pela DGS e o Governo de Portugal.



Tocar & Andar

A música andarilha, em itinerância, no porta-à-porta, nos largos e ruas dos por montes e lugares. Vamos contornar a pandemia e levar a animação musical até junto de si! Fique atento(a) porque lá mais para o verão é tocar (quem sabe bailar) e andar!



Espetáculo

Os Serrenhos do Caldeirão

de Vera Mantero

11 de jun. 21h00. Cine-Teatro Marques Duque, Mértola M\6
integrado no programa Arte Non Stop

Circo Contemporâneo

Por um Fio

de Daniel Seabra/Erva Daninha

12 de jun. 11h00. Mina de S. Domingos M\6
13 de jun. 19h00. Cais do Guadiana, Mértola M\6
integrado no programa Arte Non Stop

Conferência . Espetáculo .

Do Clássico ao Contemporâneo - Uma viagem pelo universo da dança

Shostakovitch Pas de Deux

por Yannick Bouquin\Companhia Nacional de Bailado

Conferência

por Tiago Bartolomeu Costa

Kokoro

de Ana Isabel Castro e Deeogo Oliveira

18 de jun. 21h00. Pavilhão Multiusos de Mértola. M\6
integrado no programa Arte Non Stop



As datas e horas das apresentações ao vivo estão sujeitas a alteração conforme o evoluir da situação pandémica e das orientações emanadas pela DGS e o Governo de Portugal.



ART

10 de jun. a 11 de jul.

– “CONSEQUÊNCIAS NA MATÉRIA” –
exposição de cerâmica de
SOFIA BEÇA integrado na
programação Arte Non Stop.

**Galeria
do Castelo**



**casa
das artes
Mário Elias**



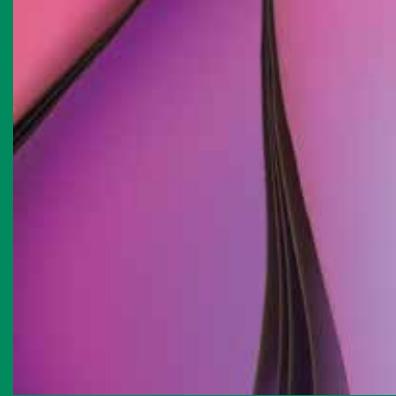
5 a 30 de jun.

– “ACTO BOTÂNICO” –
exposição de desenho de
DANIEL CARDEIRA integrado
na programação Arte Non Stop.

15 de abr. a 15 de mai.

– “A FORÇA DOS AFFECTOS” –
exposição de pintura e fotografia
MARIA JOSÉ FERREIRA
e FILIPA VIEIRA

**casa
das artes
Mário Elias**



horários.

galeria do castelo. 3ª feira a sábado. 09h00-
12h30 | 14h00-17h30

casa das artes mário elias. 3ª feira a sábado.
09h00-12h30 | 14h00-17h30

biografias da arte

Marcámos encontro na Corte do Pinto com Daniel Carneira, um jovem artista natural daquela aldeia.

O som estridente do sino da torre da igreja, a marcar as três e meia, coincidiu com o nosso cumprimento. Depois de uma volta pelas redondezas da igreja, o Daniel convidou-nos a ir até ao seu atelier, uma casa cedida temporariamente por familiares e que lhe proporciona o ambiente favorável à criação artística.

O Daniel Carneira colaborou várias vezes com a Câmara Municipal de Mértola participando com as suas obras na exposição/ concurso MertolArte. Tem programada uma exposição individual integrada na Arte Non Stop, cuja curadoria está a cargo de Tiago Guedes.

E lá fomos à conversa com o Daniel.

Daniel Cardeira





“Sou natural da Corte do Pinto mas aos 4 anos de idade mudei-me para a Mina de S. Domingos. Vivi na Mina até aos 11 anos e depois voltei à Corte do Pinto. Andei à escola em Mértola até ao 12º ano. Ao nível do meu imaginário, o que eu trago da minha infância é isto - Corte do Pinto – Mina – Mértola e todo o meio envolvente. Maioritariamente passava as férias na Corte do Pinto ou na Mina, mais tarde comecei a ir também para casa da minha irmã no Algarve, em Faro.

A passagem por Mértola foi muito importante. Dos anos que frequentei a escola é inevitável falar da Nádia, ainda hoje a considero uma Mestra. Influenciou-me muito. Depois de acabar o secundário entrei para a Faculdade de Belas-Artes, para pintura, fui então para Lisboa. Foi uma grande aprendizagem.

Tive a oportunidade de poder estudar e de ter uma boa educação. Enquanto estudei em Lisboa tive sempre a ajuda da família. Usei também algumas ferramentas que o Estado proporciona como residências de estudantes e bolsas de estudo que me ajudaram (felizmente nem tudo é mau no nosso país). Também fui bolseiro da Associação Duarte Tarré que foi uma grande ajuda.”

Quisemos saber como se “constrói” um aprendiz de artista numa pequena aldeia e lá fomos perguntando como e quando começou o seu interesse pela arte.

“Desenhei sempre desde criança. Lembro-me que no café do meu tio passava o tempo rabiscando os blocos de notas, a grande entretegra era desenhar, desenhar e fazer coisas com as mãos.

A entrada para o secundário foi o grande ponto de viragem, até lá era um entretenimento. Quando se começa a estudar artes a coisa passa a ser diferente. Entrei para o curso de Artes Visuais onde tive a grande influência da professora Nádía. Ela puxava por nós, mostrava-nos coisas novas. Lembro que nos levou a Lisboa à Gulbenkian, a galerias e outros espaços culturais, mesmo que já tivesse ido a Lisboa não tinha tido acesso a este tipo de espaços. Ainda hoje, tenho grandes artistas de referência que me foram dados a conhecer pela professora Nádía. Foi também importante o contacto com outros professores como a Margarida Romão de História da Arte e a Conceição Oliveira de Geometria. O contacto com a História da Arte acabou por revelar-se um aspeto importante e que me acompanha até hoje.

Na escola a professora Nádía levava-nos a desenhar para o campo, incentivava-nos a utilizar o diário gráfico e depois, na Faculdade, foi dada uma outra dimensão teórica. Quando se começa a estudar nas Belas-Artes começa-se a ter outra noção do legado que nos estão a transmitir, a responsabilidade começa a ser diferente. As disciplinas da Faculdade foram um novo mundo.



Na faculdade houve imensos professores que me marcaram, a nível prático e teórico, o Manuel Botelho e a Isabel Sabino, excelentes professores de atelier, o Tomás Maia, o João Onofre, o Carlos Vidal, o meu professor de vídeo Francisco Queirós e outros. O contacto com os colegas também me ajudou a expandir os meus horizontes.

As Belas-Artes introduziram um novo mundo na relação com o meu trabalho. Houve um dado momento em que fui muito sério, muito preso a seguir um determinado cânon. Alguns professores fizeram-me mudar essa perspetiva.

Tive um professor, O Francisco Queirós que dizia que a arte também podia ter humor. Não tem que ser uma coisa séria. Curiosamente também houve uma exposição engraçada quando estava na Faculdade. Foi uma exposição no museu da Eletricidade – “RISO: UMA EXPOSIÇÃO A SÉRIO”. Esta exposição influenciou-me. Na altura comecei a fazer umas performances e uns vídeos. Eu fazia de estátua, utilizava o meu próprio corpo. Apesar de poder ser considerada uma situação algo narcisista eu era o modelo mais à mão. Essa relação com o humor pretendeu ser descontraída e mostrar que se pode pegar em tudo e brincar, o humor não desvaloriza.

Saí de Lisboa e achei que me faltava qualquer coisa, sempre fui muito curioso, achava que me estavam a faltar ferramentas teóricas. Também comecei a desenvolver o gosto por

outro tipo de expressões artísticas como a arte Outsider – a arte popular, arte bruta e a arte naïf. Decidi ir para História da Arte. Fui para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto para aprofundar conhecimentos. Foi um mundo novo. Acabei o mestrado em novembro passado; entreguei a minha dissertação nessa altura – “Os veículos de tração animal no Algarve. Carretas e carros de besta” onde estudo os veículos tradicionais usados no Algarve e o artesão que os constrói. No Algarve existe um abegão vivo que ainda os faz da forma tradicional.

Trabalhar enquanto investigador de história da arte e património é diferente da prática artística, são dois papéis que desempenho de forma diferente. Claro que ambos se informam e influenciam contudo, as metodologias e os objetivos são diferentes. Por enquanto, tenho conseguido conciliar as duas áreas.

Neste momento estou desempregado.

Tive a trabalhar como técnico de museografia na Quinta dos Avós em Algoz. Trabalhei uma coleção de etnografia do Algarve muito diversificada: Artesanato, arte popular, carros de besta, cerâmica, alfaias agrícolas, enfim, um mundo de objetos por explorar. Foi um privilégio. Era uma coleção em bruto, nunca tinha sido estudada. Foi o ponto de partida para a minha dissertação de mestrado.

Tenho estas duas áreas que adoto como minhas e, por enquanto, não abdicó de nenhuma.

Continuo sempre o trabalho plástico/artístico. Para mim a expressão artística é muito íntima, talvez por isso levo muito tempo a mostrar o que faço. Nunca parei, mesmo quando estava no mestrado.

A exposição que agora vou apresentar em Mértola é um bocado disso – os desenhos em pequeno formato, são portáteis porque estava sempre a deslocar-me e nem sempre tinha espaço para trabalhar... desenhar fazer coisas é quase inevitável. A série de desenhos “Plantarum” coincidiu com a altura em que estava a fazer o mestrado no Porto e que contudo se relacionam com o meio onde cresci no Alentejo. São desenhos botânicos que apresentei em Faro. A exposição que vou apresentar em Mértola vai um pouco mais além, por um lado porque vou apresentar desenhos inéditos e também porque vai ter instalações, por isso é diferente, é um “Acto Botânico”.

Na curiosidade desafiámos o Daniel a mostrar-nos um pouco da sua obra. Ali, à mão, tínhamos dois conjuntos que nos apresentou.

“Só tenho aqui o que fiz nas últimas semanas, em casa tenho mais, dentro de capas e caixas...”

Isto aqui é inédito. Faz parte de uma instalação pensada para uma biblioteca - dois livros dourados. Já todos comidos das traças, eles são dourados porque tem a ver com o valor do conhecimento. Um exemplar será exposto na biblioteca para se poder consultar e o outro numa zona expositiva.



E aqui tenho estes desenhos que comecei há uns meses. Têm a ver com o livro do José Saramago – “Levantados do chão”. O autor faz referência a uma carreirinha de formigas, a dado momento as formigas começam a ladrar. Tenho aqui desenhadas as formigas que por vezes se transformam em cães a ladrar, ou formigas que ladram às outras formigas...”

E assim nos ficámos, na expectativa de encontrar O Daniel Cardeira com a sua exposição “Acto Botânico”, na Casa das Artes Mário Elias já no início de Junho.

Algumas exposições em que participou:

Platarum, exposição individual,
Galeria do IPDJ, 2020, Faro.

Garden Sketching, exposição coletiva,
Sala de Exposições da Gare da Estação Ferroviária de São Bento, 2019, Porto.

A Arte Contra o Cancro, exposição coletiva,
Casa das Artes Mário Elias, 2018, Mértola.

Finalistas Pintura 2014/2015, exposição coletiva,
Sociedade Nacional de Belas-Artes, 2016, Lisboa.

Estética do Efêmero, exposição coletiva,
Atrium Centro Criativo, 2015, Faro.

Pó e imagens lá de casa, exposição individual,
Fábrica dos sentidos, 2015, Faro

+351, exposição coletiva,
Galeria Sede, 2015, São Paulo, Brasil;

+351, exposição coletiva,
Galeria da Faculdade de Artes Campinas, 2015, São Paulo, Brasil;

RésVés Proença-a-Nova, exposição coletiva,
Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2014, Lisbon;

Mértolarte, exposição coletiva,
Câmara Municipal de Mértola, 2014, Mértola;

Desenhar a Poesia, exposição coletiva,
Biblioteca Municipal José Saramago, 2013, Loures.



A Escola de Artes Mário Elias é um projeto de sensibilização, formação e educação artística não formal promovido pela Câmara Municipal de Mértola. A escola não é um espaço físico, um lugar ou uma sala. A escola acontece em workshops, cursos, residências artísticas ou master classes dirigidos a diferentes públicos. Pretende habilitar as pessoas para a criação artística e desenvolver nelas a capacidade de se relacionarem, interpretar e sentirem as diferentes linguagens artísticas, bem como, de assumirem perante a arte e a vida uma consciência crítica e uma atitude criativa.



A NOSSA CAPA



Dialogar

Audrey Schayes

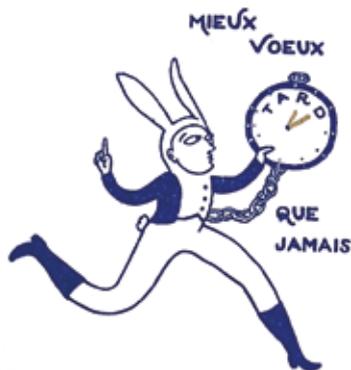
Designer e ilustradora. Licenciada pela Escola de Artes La Cambre de Bruxelas, inicia a sua carreira como diretora artística de uma marca premium de moda ready-to-wear.

Em 2005 e cria, em Bruxelas, a agência de comunicação visual Codefrisko. Desenvolve um estilo gráfico num universo artístico muito próprio. Em 2017, abre em Lisboa uma delegação da Codefrisko. No seu quotidiano divide-se entre Bruxelas e Lisboa, desenvolvendo trabalho de design gráfico e branding para clientes em todo o mundo.

Na ilustração o projeto pessoal "Illustrations of my wordplay" revela um traço fino onde os desenhos se entrelaçam com as palavras num contínuo comunicacional e relacional.

No seu portfólio de ilustrações é mais vasto e diverso nos temas que a inspiram. Em todas prevalece, quase sempre, o traço fino, o uso moderado da cor e uma espacialidade ampla, que deixa respirar.

<http://codefrisko.com/>



*Jamais
deux
sans toi!*



MÉRTOLA

PA

TRI

MÓ

NIO

DE
TODOS

Olhar de ...Jorge Custódio

Historiador, investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, fundador da APAI (Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial).

Os anos de 1977 e 1980 foram dois marcos essenciais da minha vida. Em 1977, entrei na Faculdade de Letras a convite de António Borges Coelho, para Assistente do Curso de História. Ambos eramos colegas do Externato Crisfal, professores da disciplina de História do ensino liceal. Borges Coelho entrara na Faculdade no fulgor da «revolução dos cravos», tal como o Cláudio Torres. A juventude dos assistentes estava de acordo com o bruxulear dos novos ideais. Na Universidade, órfã dos catedráticos saneados, não chegara ainda os efeitos da pacificação democrática do 25 de Novembro e do retorno ao princípio da autoridade do «magister dixit». Na euforia das transformações em curso, os assistentes eram uma espécie de «capitães» de Abril do ensino universitário, protagonistas de revoluções pedagógicas inimagináveis e da alteração dos conteúdos lectivos. No ambiente de renovação do ensino universitário fizeram-se coisas espantosas. Puseram-se em causa os princípios basilares da instituição superior do Estado Novo. Os programas das disciplinas, na maioria dos cursos, eram novidades e sinais de mudança que se impunha concretizar para uma função diferente do ensino superior. Discentes e assistentes faziam jus ao conceito original de universidade, enquanto corporação de mestres e alunos, demonstrando o quanto foram importantes as lutas académicas das décadas de 60 e 70 do século XX, na construção de um Portugal novo. Alunos, assistentes e raros professores doutorados partilhavam os mesmos espaços de convívio, manifestavam-se em conjunto na luta pelas suas rei-

vindicações pedagógicas e profissionais, ambos construíam saberes, organizavam colóquios e montavam exposições inovadoras nos espaços da Faculdade.

Na Faculdade de Letras gerou-se a intimidade de pequenas mudanças. Nalgumas delas participei, com os colegas e os alunos das diversas turmas. Noutras participaram Cláudio Torres, Borges Coelho, Luís de Matos. Foi durante esses três anos que nasceu e arrancou o projecto de Mértola do Cláudio, assim como a intervenção cultural na minha cidade natal, iniciada com a exposição Santarém. A Cidade e os Homens. Durante esta exposição, alunos e assistentes, correram a Santarém para observar as novidades da eclosão dos novos conceitos de património cultural [Imagem 1].

Cláudio Torres era um deles, Borges Coelho o outro. Na criação do estaleiro de arqueologia medieval no castelo de Mértola ocorreram centenas de alunos e assistentes ávidos de iniciar em Portugal um novo campo de investigação universitária.

Fui um dos que rumou a Mértola. Doravante, a vila alentejana do Guadiana passou a ser o itinerário dos novos valores da arqueologia, que ambos partilhávamos, um na época islâmica e o outro na era industrial, como da afirmação da herança cultural que se afirmara também entre 1977 e 1980, em nome da amizade intelectual e política. Recordo que em 1977, em Alcobça, nasceu o movimento associativo do património e o Cláudio estava presente, como esteve presente nos congressos que se reuniram depois, em Santarém, em Braga, em Torres Vedras.

No ano de 1980, Mértola era já um cartaz da renovação da arqueologia portuguesa e dos projectos de valorização patrimonial. O contrato cultural entre Arqueologia e Património afirmara-se. Era uma novidade ter audiência na imprensa periódica e na televisão. Sem outras perspectivas de construção de novas políticas para os monumentos e os museus, abafados pela ideologia salazarista, pela omnipresença da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ou pelo conservadorismo museológico, a Secretaria de Estado da Cultura, entrega a mudança dos paradigmas patrimoniais ao movimento associativo. É o ano da Campanha Nacional para a Defesa do Património e do programa televisivo «Património o que é?». Uma mão cheia de esperanças!

Mértola era um dos principais objectivos da equipa técnica daquela Campanha, simplesmente pelo facto de, em apenas dois anos, se ter iniciado a mudança experimental do paradigma patrimonial português. Outros eram a arqueologia subaquática, a arqueologia industrial, os centros históricos, os arquivos e as bibliotecas. Coubeme fazer a primeira entrevista ao Cláudio sobre tudo aquilo que iniciara em Mértola, vila até então marginalizada pela perda da navegação fluvial no Guadiana. O projecto desenhara-se e encontrava-se em esboço nas suas partes constituintes. Mértola era o objecto principal do estudo. Os componentes eram a intervenção arqueológica no criptopórtico; a «ocupação» museológica do espaço da pequena igreja da Misericórdia com um Museu de Arte Sacra, garantindo a salvaguarda das imagens religiosas acossadas por ladrões

de antiguidades; era a protecção do último ferreiro da vila, enquanto testemunho da persistência dos mesteres oficiais; era o casco urbano, naquilo que caracterizava o «espírito do lugar» medievo e sua perpetuação (genius locci); era ainda a vida das pessoas, a habitabilidade dos espaços, as relações de vizinhança, aquilo que não fora devassado pela circulação automóvel.

Então, o projecto era alimentado todos os verões pela diáspora dos alunos, assistentes e professores da capital com destino à vila alentejana, com uma ânsia de criar mudança. Na Faculdade discutiam-se as metodologias durante o ano académico e os objectivos de um domínio que obrigava ao trabalho colectivo e interdisciplinar, em constante construção ano após ano, fora dos padrões académicos anquilosados ainda vigentes. Estava em causa um conjunto de conceitos que os ideários políticos só parcialmente subscreviam. Era no interesse cultural das populações, enquanto modo de irradicação do atraso; era o desenvolvimento da vila do ponto de vista económico e social; era a atracção de futuros habitantes ligados ao Campo Arqueológico, estimulados pela sua formação científica e intelectual; era a continuidade renovada dos projectos e a multiplicação para novos campos do património, da cultura e do ambiente na sua expressão local. Lembro-me que um dos primeiros foi a oficina de tecelagem de mantas de lã, que reintroduziam os padrões ancestrais.

Nos anos seguintes, com o regresso dos catedráticos à Faculdade de Letras ou devido à contra-revolução pedagógica desencadeada pelas autoridades estatais, com novas variantes do todo-poderoso poder académico, tanto o Cláu-



1 - Inauguração da exposição Santarém, a Cidade e os Homens, Janeiro de 1977. Uma necessária mudança do pensamento cultural. Com a presença de Cláudio Torres.



Mértola

2 - Mértola guardiã do Guadiana. Caixa de Pandora do rumo da arqueologia portuguesa e ícone revisitado. Fotografia. 2.ª metade do século XIX.

dio, como eu, fomos afastados da Universidade Clássica. Nas contrariedades da vida, o projecto de Mértola não podia parar. E passou a ser um motivo de vida dos que nele apostaram, obrigando à redefinição da sua estrutura e modo de operar. Cláudio transformou-o no seu projecto de vida.

Da minha parte continuei a ter Mértola no meu olhar..., como horizonte dos meus «itinerários sentimentais» [Imagem 2]. Viajar com este destino era observar as novidades de cada ano e aquilatar como o conhecimento histórico era obrigado a equacionar cada nova descoberta local. Gradualmente o horizonte alargou-se-me para outras paragens. Os moinhos do Guadiana e os lagares de azeite pré-industriais ainda instalados no território concelhio continham tantas perguntas para os meus próprios interesses. Entretanto, entre 1982 e 1986, a mineração da pirite e o património mineiro dominaram uma parte substancial da minha consciência histórica e patrimonial. Em 1986, defendeu-se, em Mértola, a salvaguarda e classificação da Mina de S. Domingos. Como nascera uma aldeia mineira onde viveu mais população do que na sede do concelho? Porquê os ingleses? O que deixaram na região? Como exploraram o negócio da pirite e como mantinham quase escravizados os mineiros? O que significava classificar em Portugal, uma ruína industrial? Haveria dinheiro para a sua conservação?

Este novo campo da investigação estimulou a constante da relação pessoal com os lugares revisitados, enquanto Mértola adquiriu, doravante, o profundo significado de um ícone.



HISTÓRICO

ARQUIVO

DESIGN

A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS OBJETOS

O Museu de Mértola mais próximo de si!

Lígia Rafael

Coordenadora Técnica do Museu de Mértola

A sociedade atual avança agora a um ritmo completamente diferente daquele a que assistiram os nossos antepassados. O futuro é agora! Tudo é rápido e se dissemina de uma forma quase imediata, como é exemplo a difícil situação que temos vivido no último ano. No entanto, é na dificuldade que o ser humano demonstra as suas extraordinárias características de resiliência, criatividade e engenho, o que lhe permite adaptar, reinventar e avançar.



Também os museus têm que se adaptar a um novo Mundo, a uma nova sociedade, a novas formas de comunicar e de divulgar os seus acervos e fazer passar a sua mensagem. Esta perspectiva, que assenta cada vez mais no digital e no virtual, não deve significar perder de vista o seu foco principal que, genericamente, se traduz em "garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos". O frenético desenvolvimento tecnológico e digital não pode sobrepor-se ao material, ou seja, à importância do objeto, da investigação e da conservação, essencial para a construção da memória coletiva e para o fortalecimento de laços identitários e de pertença.

Cumprindo a sua missão no território onde se inserem, os museus devem também acompanhar os sinais dos tempos, adaptando o discurso e utilizando os instrumentos ao seu alcance para interagir e comunicar com os diferentes tipos de público. Os objetos e as coleções são importantes veículos de comunicação que podem fazer a diferença na formação pessoal e coletiva e na consolidação dos valores de cidadania, partilha, equidade, responsabilidade e tolerância. Neste





sentido, nos últimos 2 anos o Museu de Mértola tem investido na formação, na investigação e no desenvolvimento de projetos e ações que visam dar acessibilidades a Todos os que procuram esta unidade museológica, seja presencialmente ou através dos meios digitais e das novas tecnologias da informação.

As acessibilidades têm vindo a ser faseadamente trabalhadas no Projeto Mértola//Património de Todos – Do Património ao Turismo Criativo, Experiencial e Acessível, financiado pelo Programa Turismo Acessível do Turismo de Portugal, com o objetivo de proporcionar uma oferta turística acessível na sua aceção física, social e cognitiva. Neste âmbito foram desenvolvidas ações que procuram eliminar ou minimizar barreiras físicas de acesso aos bens patrimoniais e outras que procuram trabalhar a comunicação ao nível da expressão escrita e da perceção por diversos tipos de público, numa perspetiva em que “a acessibilidade é um elemento central de qualquer política de Turismo responsável e sustentável”.

À luz dos conceitos atuais não se entende acessibilidade só quando relacionada com pessoas com algum tipo de deficiência. Este é um conceito muito mais abrangente que se rela-

ciona com diversas fases e situações da vida de cada indivíduo que, muitas vezes, se traduzem em alguma diminuição da mobilidade ou da capacidade de perceção do que nos rodeia, ou seja, “quando em algum momento da nossa vida experimentamos a diferença e vivenciamos a distância que nos separa do homem idealizado, jovem, saudável, de estatura média e com capacidades de utilização dos espaços e dos equipamentos, é ali, nesse momento, que as adversidades e as barreiras do meio em que vivemos se sentem mais fundo”.

Por se pretender que os visitantes do Museu de Mértola possam usufruir da forma mais fácil e autónoma possível do seu acervo e dos conteúdos disponibilizados, tem vindo a ser desenvolvido um trabalho que visa introduzir melhorias, destacando-se:

- A atualização dos equipamentos de visita audioguiada com conteúdos em português, inglês, francês, espanhol e alemão para adultos, uma visita dirigida a crianças nos idiomas português e inglês e uma visita adaptada para público com deficiência visual;
- O desenvolvimento de folhas de sala em linguagem clara e nos idiomas português, inglês, francês, espanhol e alemão, para os núcleos museológicos Oficina de Tecelagem, Casa de Mértola, Igreja Matriz e Arte Islâmica ;

- O desenvolvimento de um Guia de Visita do Museu de Mértola, em linguagem clara e nos idiomas português, inglês, francês, espanhol e alemão;

- A renovação do website do Museu de Mértola, estruturado tendo em conta a legislação atual que regulamenta as acessibilidades digitais, com conteúdos em linguagem clara e acessível e nos idiomas português, inglês, francês, espanhol e alemão.

- O desenvolvimento de uma solução em 3D para a Alcáçova de Mértola com o objetivo de permitir uma melhor percepção das estruturas arqueológicas por parte dos públicos, com incidência nas pessoas com incapacidades visuais para as quais serão desenvolvidas soluções táteis.

- Com especial enfoque na conservação e na preservação dos registos, foi também importante a mudança da Área Técnica e Administrativa do Museu para um edifício localizado no centro histórico, a requalificação dos núcleos museológicos Casa Romana e Arte Islâmica, a organização da reserva arqueológica e a atualização do inventário. Este último, apoiado pelo Programa ProMuseus, e desenvolvido em parceria com o Campo Arqueológico de Mértola, permitiu o trabalho sistemático de introdução de dados na aplicação de inventário do Museu de Mértola, disponibilizado online no website.

Acompanhando a mudança da sociedade também o entendimento acerca do papel social e cultural dos museus tem vindo a alterar-se, no entanto, muitas vezes estes são ainda entendidos como locais fechados, onde se guardam coisas “velhas” e “antigas”, quase intocáveis e sem uso. É importante assumir uma atitude dinâmica e ativa na comunidade que demonstre uma mudança de paradigma onde o museu é mais um equipamento cultural ao serviço das pessoas, um espaço que deve funcionar como importante elo de ligação entre passado e presente, entre a comunidade e o território, entre as entidades locais, entre a escola e o meio.

Esta foi a visão dos impulsionadores do designado projeto Mértola Vila Museu – António Serrão Martins e Cláudio Torres -, uma ideia de desenvolvimento pioneira que tinha na relação comunidade e território o principal elemento agregador. Muitos têm vindo a abraçar esta ideia de desenvolvimento local que tem no Património, na sua envolvente ambiental e nas pessoas os principais elementos de uma engrenagem complexa e de difícil manutenção. Muitos têm ficado, outros tantos partiram, muitos se vão juntando e certamente outros virão e darão continuidade... ou não! A equipa do Museu de Mértola orgulha-se de fazer parte

deste caminho e, com todas as adaptações e alterações necessárias aos novos ritmos e desafios, continuará a preservar a memória, preparando as gerações atuais para o futuro e para o fortalecimento de uma identidade forte e coesa em que o Património, de Todos e para Todos, funciona como principal elo de ligação entre os indivíduos e elemento agregador de visões, projetos, ações e estratégias.

Visite-nos! Agora virtualmente através da internet... em breve estaremos novamente de portas abertas para vos receber.





horário

6 a 30 de abril 2021

terça a sábado,

das 9:15h às 12:30h e das 14:00h às 17:15 h
(encerra domingo e segunda)

2 de maio a 30 de junho 2021

terça a domingo

das 9:15h às 12:30h e das 14:00 às 17:15
domingo das 9:15h às 13:00h
(encerra domingo à tarde e segunda)

núcleos abertos ao público

Oficina de Tecelagem; Igreja Matriz; Alcáçova;
Castelo; Forja do Ferreiro; Arte Sacra; Basilica
Paleocristã.

condições de visita

O uso de máscara e/ou viseira é obrigatório;
Distanciamento social aconselhado (2m);
Desinfecção das mãos à entrada;
Cumprimento pelos limites de ocupação
assinalados à entrada;
Entrada grátis
Não se realizam visitas guiadas

Informações

turismo@cm-mertola.pt ou

museus@cm-mertola.pt

<http://www.museudemertola.pt>

Telefone: 286 610 100 ext. 1580 ou 1590

Arqueologia em construção

Vias Romanas do Concelho de Mértola

Jorge Feio, *Arqueólogo, CMM*

Na antiguidade, a actual vila de Mértola foi uma cidade flúvio-marítima com especial importância. Como escreveu Santiago Macias, era o último porto do Mediterrâneo. [...] Mas pensarmos que a antiga Myrtilis era um simples porto com a função de distribuir para o interior do território os produtos que vinham do mediterrâneo, sobretudo para Pax Iulia, servindo simultaneamente para escoar as produções (agrícolas, mineiras, ou outras como os mármore) que aqui aportavam é muito redutor. Se assim fosse, a cidade de Myrtilis, depois denominada por Mirtilia (século VI), não teria seguramente sobrevivido e tido o seu maior período de apogeu no decorrer de um período que designamos por Antiguidade Tardia. Outras cidades portuárias outrora importantes e com as mesmas funções de Mértola como Salacia (Alcácer do Sal), Baesuris (Castro Marim) e Miróbriga (Santiago do Cacém) quase desapareceram neste período, mas Mértola floresceu. Não tendo territórios férteis na sua envolvente que permitissem um florescimento da agricultura, ao contrário do que se observa em Salacia e em Miróbriga, foi o posicionamento estratégico de Myrtilis que conduziu a um maior desenvolvimento económico e permitiu o assentamento de uma classe dirigente proveniente do mediterrâneo oriental que manteve as importantes relações comerciais mediterrânicas. [...]

Para além de porto de chegada de produtos exógenos provenientes do “mundo mediterrânico”, a partir de Mértola escoavam-se as produções agrícolas dos ricos territórios de Beja e Serpa, as produções mineiras de Aljustrel (e eventualmente Alvito, face ao “de-

saparecimento” do porto de Salácia) e ainda os mármore de Trigaches/São Brissos (e, mais uma vez, de Alvito/Viana do Alentejo). Simultaneamente, o território de Myrtilis era também muito importante no que concerne à produção mineira, não se limitando apenas à muito conhecida Mina de São Domingos, pois existiam outras pequenas minas cuja exploração pode ter ocorrido em curtos períodos de tempo em época romana (zona do Manuel Galo e Papa Leite, Cerro da Mina, entre outros).

Face a tudo o que acabei de escrever, uma cidade importante como Myrtilis, cada vez mais centralizadora do ponto de vista económico e político teria de ser servida por um importante conjunto de vias principais e secundárias. Será que estas vias ainda são visíveis no território de Mértola? Não só são, como o concelho de Mértola ainda é um dos que preserva mais quilómetros de calçadas romanas bem preservadas e à vista.

A mais importante das vias era o próprio *Anas*, como os romanos designavam o rio Guadiana. Nas suas margens se concentrava uma boa parte do povoamento do território situado entre Myrtilis e Baesuris, sobretudo algumas das mais importantes *uillae*, como a Vaqueira, em Mértola, ou o Álamo e o Montinho das Laranjeiras, em Alcoutim. A par destas importantes *uillae*, ali localizadas pela fertilidade dos solos aluviais e pela possibilidade de rápido escoamento das suas produções a partir de pequenos ancoradouros, observam-se pequenos povoados, como por exemplo um que nos parece ser extraordinariamente importante para a economia da *civitas Mirtilensis* (cidade de Mértola), no caso o identificado no sítio denominado Cabra Assada. Neste local observam-se à superfície fragmentos de cerâmicas deformadas e muito quartzo, algo que é sinónimo de dois tipos de produções: de cerâmica, sendo o único sítio do concelho de Mértola onde é conhecida a laboração em época romana e que tinha condições para produção em escala razoável (nas proximidades observam-se zonas de possível extracção de argilas, podia recolher-se lenha para os fornos em boa quantidade, tinha uma zona para um bom ancoradouro) e a exploração mineira, sendo conhecida a associação do quartzo a diversos minerais.

Para além de permitir a ligação da cidade a estes pequenos sítios, o rio permitia o acesso de alguns barcos de calado médio que transportavam os produtos e pessoas provenientes do Mediterrâneo. A partir de Mértola, teriam um acesso mais facilitado a *Pax Julia* e a *Emerita Augusta* (Mérida).

[...]

A presença do rio Guadiana como via de comunicação é uma das razões que tem estado na base da defesa da inexistência de uma via terrestre paralela ao rio, totalmente ou em parte. Os vários investigadores que se opõem à existência desta via, suportam ainda a

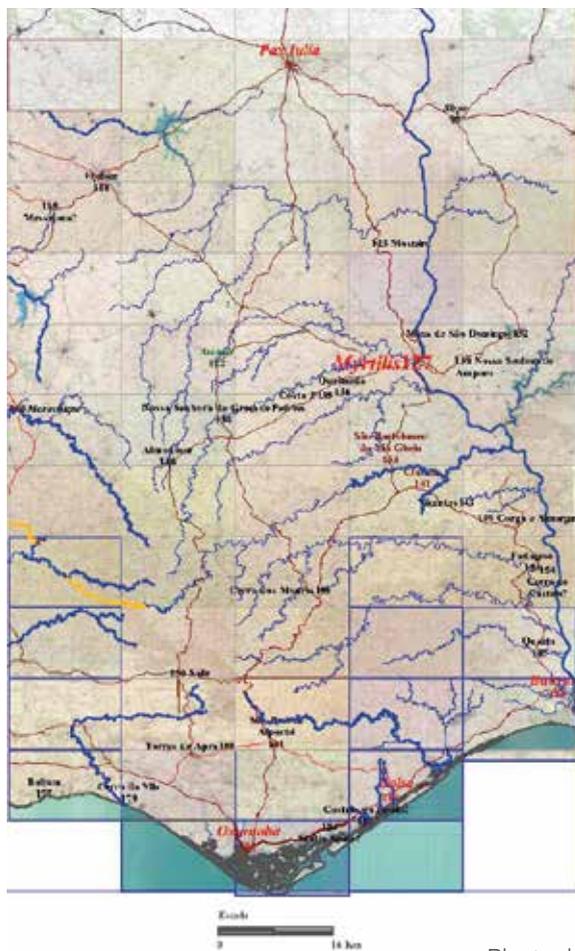
sua posição num texto escrito pelo Geógrafo Mariano Feio, que escreve que nos anos 40 do século XX ainda não existia qualquer estrada ao longo do rio e que a topografia do território não permitia a existência de uma via (MACIAS, volume I, 2005: 89; LOPES, 2012: 42).

Em minha opinião, pelo menos no território da *civitas Mirtilensis* essa via paralela ao rio existiu e está bem visível. Ela tem o seu início a nascente do actual convento de São Francisco e segue paralela ao rio no sentido Norte/Sul, onde são visíveis extensos troços de calçada, com uma média de 3m de



Via Mértola
Algarve, zona
mais estreita
com lajeado

largura. Alguns destes troços poderão ser mais recentes, mas outros são em tudo idênticos aos existentes na margem esquerda do rio Guadiana. Esta via segue em direcção ao Vau da Vaqueira, onde passa sobre um pontão de dimensões consideráveis em altura que pode datar de época romana e merece ser revisto, e daqui para a Bombeira passando próximo do fortim localizado perto do Mosteiro Velho e seguindo em direcção às Neves. Em todo este percurso são visíveis taludes escavados na rocha e saídas de pequenos percursos em direcção a alguns possíveis ancoradouros. São também observáveis algumas zonas de extracção de xisto de onde podem ter sido retiradas algumas lajes utilizadas na pavimentação. A partir das Neves, a via aparenta seguir em direcção a São Bartolomeu da Via Glória. Daqui pode colocar-se a hipótese de seguir para sul em direcção à Serra do Caldeirão, atravessando o Vascão na zona do Moinho da Estrada em direcção a Giões. Esta aldeia poderia situar-se junto de uma antiga bifurcação. Para oriente poderia seguir uma via em direcção a Clarines, Pereiro, São Marcos, Corga e Almargem, Quartos e Castro Marim (Baesuris). Em todo este percurso foram identificados povoados datados da Alta Idade Média e alcarias islâmicas, inclusivamente elementos arquitectónicos decorados de antigas igrejas paleocristãs, algumas



Planta do projecto vias romanas e altomedievais

minas, bem como, alguns troços de calçada em zonas próximas do rio Guadiana (Corte das Donas, por exemplo, com indicação de vários troços em direcção a Tenências e Odeleite. Vide, CATARINO, 1997/1998, volume I:159 e 160).

A partir de Giões para ocidente seguiria outro troço em direcção ao Cerro dos Mouros e ao Barranco do Velho onde deveria entroncar na antiga via que ligava *Aranis* a *Ossonoba*. Nas imediações deste entroncamento, as tropas comandadas Paio Peres Correia, que tinham partido de Mértola, encontraram-se com o exército comandado pelo Rei Dom Afonso III que, vindas de Almodôvar, se dirigiam ao cerco de Faro. Também ao longo deste percurso existem vestígios de ocupação no decorrer da Antiguidade Tardia e Islâmica.

Confirmando-se estas vias, podemos pensar que Myrtilis estaria ligada por via terrestre aos mais importantes portos do sotavento algarvio: Ossonoba (Faro); Balsa (Luz de Tavira) e Baesuris (Castro Marim).

A via que ligava Myrtilis a Pax Iulia é, de todas, a melhor preservada e aquela que se conhece o percurso na sua totalidade, quer do percurso principal, quer do diverticulum (troço secundário). O troço principal saía pelo Furadouro, hoje desaparecido, que se situava próximo do Cerro de Benfca, nas

traseiras da escola primária do Largo do Rossio do Carmo, passa perto do actual Estádio Municipal, segue a ocidente da Estação da EDP passa perto da actual Quinta de Santo António e dirige-se para o importante sítio das Alcarias, junto da Corte Gafo de Baixo. Daqui seguia em direcção ao Monte Tomé, ao Almarginho e ao Mosteiro, onde se identificaram vestígios de um monasterium da Antiguidade Tardia. Ultrapassada a Ribeira

sando perto da necrópole ali escavada, seguindo depois pelo Vale de Évora em direcção a norte, juntando-se à via principal (LOPES, 2012: 43).

A via que ligava Mértola a Serpa saía de Myrtilis, partindo da zona actualmente conhecida por Além Rio, na sua margem esquerda do Guadiana, onde, tendo em consideração a identificação de importantes contextos arqueológicos, deveria existir uma extensão do porto da antiga

maior extensão é pavimentada a lajes de xisto e terra compactada com pequenas pedras. Em alguns pontos são visíveis os sulcos longitudinais provocados pelos rodados dos carros que por ela circulavam. Os taludes encontram-se muito bem preservados, tal como os espantosos muros de suporte, que lhe conferem alguma imponência e monumentalidade. Estas estruturas de contenção chegam a atingir dois metros de altura, sendo



Via Mértola Pax
lulia, junto à
Quinta de Santo
António

Via Mértola-Algarve,
passagem
para a foz da
Ribeira de Oei-
ras, junto ao
Convento de
São Francisco

de Terges e Cobres, seguia em direcção aos Montes do Passarão e do Cagaloso, situados a oeste da Cabeça Gorda, Monte da Silveira de Cima, Monte dos Falcões, Fonte dos Piolhos, Monte das Barrocas e Monte de Mértola (MACIAS, volume I, 2005: 87 a 89).

O diverticulum saía de Mértola em direcção à Achada de São Sebastião, pas-

cidade romana. O seu traçado até ao limite do perímetro florestal encontra-se muito bem preservado, sendo visível a partir do pontão situado junto aos antigos celeiros da EPAC, até ao limite oriental do Cerro da Antena, numa extensão aproximada de 1600 metros e com uma largura entre 3 e 4 metros (LOPES, 2012: 43). Utiliza por vezes, o afloramento xístico como pavimento, no entanto na sua

ainda perceptíveis, junto dos mesmos, as valas que recebiam as águas pluviais e as canalizavam, por vezes, subterraneamente, para as bermas da calçada.

A via seguia depois em direcção do "monte" da Casa Branca, sendo parte da sua extensão conhecida como "Estrada Velha". Nas imediações deste "monte" entroncava com a estrada medieval/moderna conhecida por "Picada

da Hortinha" no sítio conhecido por "Pedra da Noiva". No terreno é pouco perceptível a sequência do traçado, mas a acreditar nos desgastes observados na estrada ainda hoje utilizada e nos muretes de suporte existentes perto de algumas ribeiras e zonas de passagem mais difíceis, semelhantes na sua concepção aos muros de suporte supra mencionados, é muito provável que a via seguisse em direcção ao actual Monte dos Fernandes, passando próximo de algumas minas (pelo menos uma laborava em época romana) e do importante sítio arqueológico designado por Cerro da Mina. A partir dos Fernandes poderia seguir pela Portela da Zambreira onde foram identificados dois troços de via (CNS 12094) onde são visíveis os taludes bem conservados e o desgaste provocado pelas rodas dos carros (PALMA, 2012: sítios arqueológicos 46 e 196).

Neste ponto voltamos a perder o traçado da via, no entanto é muito provável que a via contornasse a Serra de Nossa Senhora do Amparo pela sua vertente norte, onde o acesso ao importante povoado (uicus) que aí se localizava, suficientemente importante para ter igreja no século VII, era mais fácil. Tendo em consideração os sítios arqueológicos localizados na zona, a via seguiria a sul de Alcarías 2 e Alcarías 1 e próximo de Vale do Poejo/Moreanes. Depois passaria pela Moreanes em direcção à Bomba Velha (CNS 21759), onde se reconheceu mais um troço de via com cerca de 100m de comprimento, com 2m de largura, assentado directamente na rocha

(PALMA, 2012: sítio arqueológico 386).

Nesta parte do seu percurso a via passaria próximo da uilla romana dos Sapos. A partir da Bomba Velha seguiria para a Mina de São Domingos.

Não se conhecem vestígios do seu traçado no concelho de Mértola na direcção a Serpa ou a Ad Fines (Vila Verde de Ficalho), mas alguns "cortes" na rocha para passagem de antigos caminhos que podem ser observados junto da EN265 na Serra de Serpa, pouco antes de Santa Iria (sentido Mértola-Serpa) poderão corresponder ao que resta dessa via.
[...]

A partir do Além Rio saía uma outra via, secundária, designada por Troço B (PALMA, 2012: sítio arqueológico 22), que fazia a ligação a umas minas situadas perto do Cerro da Mina, informação que devo a António da Palma Valente, que me indicou ainda a descoberta (e destruição) de um canal para condução de água no momento em que se plantou um pinhal junto à uilla do Cerro da Mina, e que seguia em direcção a essa antiga mina, hoje entulhada.

Outra via que merece atenção é a que ligava Myrtilis a Aranís (Santa Bárbara de Padrões). Em parte coincidia com a via que ligava Mértola ao território algarvio até ao Vau da Vaqueira. Daqui seguia pelas Neves, Sapos, Cerro das oliveiras (Namorados), Corte Pão e Água, Alvares, João Serra, Monte do Guerreiro, Alcaria do Coelho, Monte das Sorraias, Viseus e Aranís (Santa Bárbara de Padrões).

[...]

Em suma, o concelho de Mértola preserva ainda hoje um importante conjunto de troços de vias romanas, um dos mais importantes do País. Este conjunto merece o total esforço e comprometimento na sua conservação, devendo para isso, inclusivamente, promover-se a sua classificação como Imóvel de Interesse Público. Da mesma forma, devemos integrá-los em projectos de percursos pedestres (como já acontece na Grande Rota 15), onde quem queira conhecê-los possa, simultaneamente, percorrê-los apreciando a magnífica paisagem do concelho de Mértola, aprofundando o conhecimento da sua história calcorreando e vivificando as vias que os nossos antepassados percorreram no passado.

bibliografia

CATARINO, Helena, *Al Ulya*, n.º6, 3 volumes, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1997/1998.

LOPES, Virgílio Lopes, "O Território de Myrtilis", in PALMA, Maria de Fátima (Coord.), *Carta Arqueológica de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, 2012, pp. 39 a 45.

MACIAS, Santiago, *Mértola, O Último Porto do Mediterrâneo*, 3 Volumes, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2005.

PALMA, Maria de Fátima (Coord.), *Carta Arqueológica de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, 2012.

COISAS DE OUTROS TEMPOS ...

Arquivo Municipal de Mértola & Centro de Documentação da Mina de S. Domingos
Paula Rosa, Arquivo Municipal de Mértola

O apelo à plantação de vinhas no concelho

Na reunião de Câmara de 25/01/1974, o vereador José Rodrigues Palma Júnior propôs que se fizesse chegar à Assembleia Nacional o interesse, por parte do município de Mértola, em que o plantio de vinha se alargasse ao Alentejo, nomeadamente, ao concelho de Mértola, numa altura em que se debatia no parlamento a proposta de lei referente ao regime do condicionamento do plantio da vinha.

A necessidade de fazer este apelo junto da Assembleia Nacional, reflete o controlo que o governo português tinha (de forma mais acentuada a partir de 1757, data em Marquês de Pombal instituiu a Companhia Geral as Vinhas do Alto Douro, impondo o arranque de vinhas nalgumas regiões em defesa do vinho do Douro) – e mantém – na regulamentação e organização da cultura da vinha e produção vinícola. Esta regulamentação incidia sobre o condicionamento do plantio de vinhas, autorização das castas a utilizar, controlo da produção, proteção das regiões e denominações de origem, e daí a proposta apresentada pelo vereador. O objetivo, *"dadas as suas incontestáveis potencialidades [do território de Mértola], tanto no que se refere ao solo, como às condições climáticas [... seria] constituir*



uma riqueza para este concelho, tão carecido de tudo, como ainda seria motivo de fixação à terra dessa enorme massa trabalhadora que se vê forçada a abandonar os seus lares, em busca de trabalho melhor remunerado".

De facto, embora a história das vinhas e do vinho em Mértola remonte a séculos passados, a verdade é que não há uma tradição e transmissão de conhecimento desta cultura e as referidas potencialidades deste território não foram aproveitadas durante muito tempo. Não só pelas medidas impostas por Marquês de Pombal, como atrás referido, e por outras crises económicas e políticas (nomeadamente as guerras mundiais), mas também e sobretudo, pela designada *"campanha do trigo"*, uma política que transformou o Alentejo no *"celeiro nacional"*, em detrimento de outros produtos, designadamente das vinhas. Não obstante o apelo, foi preciso esperar pelo final do século XX para que as vinhas e o vinho do concelho figurassem no mapa nacional da vitivinicultura.

Mértola já disponível no site do Arquivo Municipal de Mértola em: <https://arquivo.cm-mertola.pt>



Circo no antigo Parque da Feira (atual Zona Industrial), década de 1980. Arquivo Municipal de Mértola

Participe no projeto de recolha e divulgação de fotografias antigas e contribua para a memória coletiva do concelho. Contacte o Arquivo Municipal de Mértola através do email arquivo@cm-mertola.pt. A cedência de documentação de interesse local para digitalizar é temporária, não havendo transferência de propriedade, exceto se o possuidor pretender efetuar a doação ou depósito.



Regulamento para Enfermeira Regulamento para Enfermeiro

Desde os primeiros anos da exploração mineira que a empresa teve a preocupação de criar um hospital de forma a acolher e tratar os operários. Compunha-se este de uma sala de espera, uma botica (espaço onde se armazenavam os medicamentos) e uma sala para o médico, que ocorria frequentemente para as consultas.



O crescente número de operários que trabalhava na mina exigia um alargamento dos espaços e da funcionalidade do hospital, cujos serviços eram, de acordo com o documento, prestados por um médico, um enfermeiro e uma enfermeira.

Conforme este regulamento, ao enfermeiro e à enfermeira competiam funções diferentes, evidenciando-se a desigualdade de género. Ao enfermeiro competia acompanhar o médico em todas as visitas, fazer curativos tanto no hospital como nos domicílios, distribuir os remédios receitados pelo médico, ter disponibilidade imediata para qualquer urgência, mandar fazer a manutenção e asseio do equipamento e utensílios do hospital, assim como gerir os vales de comida que eram distribuídos pelos enfermos, estabelecendo uma hora para a sua entrega.

À enfermeira competia manter o asseio das camas, ligaduras, limpeza dos utensílios da botica e higienização dos espaços. Deveria estar sempre disponível a qualquer hora da noite para fazer a receção dos enfermos urgentes e vigiar os internados. A enfermeira recebia ordens do médico ou do enfermeiro e, na ausência dos mesmos, sob as suas ordens, era ela quem ministrava os medicamentos e alimentos aos doentes.



Centro de Documentação da Mina de S. Domingos

O Centro de Documentação da Mina de S. Domingos é um projeto da Fundação Serão Martins para a recolha, arquivo, estudo e tratamento de todo o tipo de documentação (fotográfica, documental, material) com vista à preservação e valorização da memória coletiva dos 150 anos de história do complexo industrial da Mina de S. Domingos.
<https://www.fundacaoserraomartins.pt/> | fserraomartins@gmail.com

Quem foi?

Luiz Teixeira Beltrão

UM HOMEM NA HISTÓRIA DE MÉRTOLA

Por Santiago Macias

Historiador, Investigador, Diretor do Panteão Nacional

Quem foi Luiz Teixeira Beltrão? Um militar da arma de engenharia, nascido em 18 de fevereiro de 1871 e falecido em 31 de outubro de 1940. Comandou a Escola Prática de Engenharia entre 1927 e 1929.

Porque teve um papel na história da vila de Mértola? Pelo facto de ter estado direta ou indiretamente ligado a três edifícios importantes da vila: o mercado, o cine-teatro e a escola primária.

O cine-teatro foi construído no local onde antes estava a ermida de Santo António. Em março de 1914 ainda se hesitava quanto ao destino a dar à antiga igreja, usada como armazém de sal e bebidas. Pensava-se instalar no local a escola, mas em setembro de 1915 já se decidira que o imóvel daria lugar a um cine-teatro. O jornal *O futuro de Mértola*, de 16 de setembro de 1915, informa que o autor do projeto seria o capitão engenheiro Luiz Teixeira Beltrão.

[1871-1940]

Quanto à escola, e depois de alguma hesitação, decidiu-se, em outubro de 1914, que a igreja do Carmo daria lugar ao edifício escolar. Lê-se n'*O futuro de Mértola* de 22 de outubro "o edifício é muito elegante e faz honra ao engenheiro [Luiz Teixeira Beltrão, esclarece o mesmo periódico na edição de dia 10 de dezembro do mesmo ano] que foi encarregado do projecto e ficará sendo o melhor e mais belo edifício publico nesta vila". Previamente anexos, que nunca foram construídos. Lê-se, na edição do citado periódico de dia 25 de junho de 1914, "ao lado deste edifício, e separados do mesmo, serão construídos dois chalets em estilo belga e de preço reduzido, para habitação dos professores". Fica-nos a dúvida sobre o que será um chalet em estilo belga.

Finalmente, e embora não seja o autor do projeto do mercado - da responsabilidade de António Manuel Pereira (engenheiro prático da Mina de S. Domingos - foi ainda o cap. Luiz Teixeira Beltrão a dar parecer favorável para a demolição da muralha medieval, no local onde a Câmara pretendia edificar o mercado (v. *O futuro de Mértola* de 5 de março de 1914). As obras deste edifício iniciaram-se no dia 11 de janeiro de 1915.

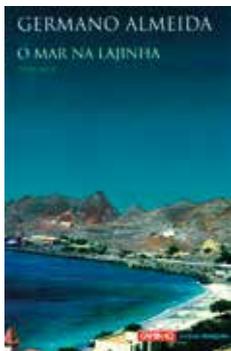


O Rossio do Carmo, c. 1980, com o edifício da escola ao fundo



LITERATURA

LER



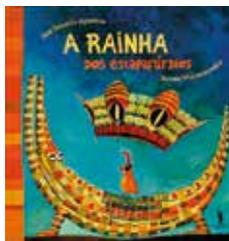
ALMEIDA, Germano
- **O mar na Laginha**.
Lisboa: Caminho, 2004

Todas as manhãs, cumprindo um ritual que se perde nos anos, um grupo de banhistas encontra-se na praia da Laginha. Nas águas quase sempre calmas e apetecíveis fazem-se confidências, repetem-se brincadeiras, embalam-se sonhos, desfazem-se lágrimas.



COUTO, Mia - **O universo num grão de areia**. Alfragide: Caminho, 2019

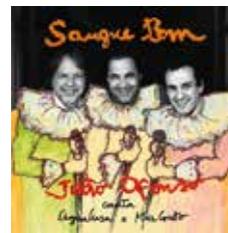
O Universo num Grão de Areia, reúne discursos e artigos de Mia Couto proferidos e publicados nos mais diversos lugares e perante as mais diversas audiências. Uma reflexão sobre os grandes problemas de mundo de hoje, que tem como base uma atitude de responsabilidade, que o autor nunca abandona.



AGUALUSA, José Eduardo - **A rainha dos estapafúrdios**. Lisboa: D. Quixote, 2012

Ana, uma perdigota irrequieta e curiosa, procura uma roupa mais colorida. Engana uma hiena esfomeada, enfrenta um leão feroz e transforma-se na rainha da savana. Como é que consegue tudo isto? A ler a Rainha dos estapafúrdios, pois claro!

OUVIR



AFONSO, João - **Sangue Bom** [registo sonoro]. [Portugal]: Universal, 2014

Na companhia de dois importantes escritores - o angolano José Eduardo Agualusa e o moçambicano Mia Couto -, João Afonso cria canções de amizade, fraternidade e amor. "Sangue Bom" cruza afetos humanos e musicais entre Portugal, Angola e Moçambique.



ÉVORA, Cesária - **São Vicente di longe** [registo sonoro]. [S.I.]: BMG, 2001

Cantora de maior reconhecimento internacional de toda a história da música popular cabo-verdeana. Apesar de ser sucedida em diversos outros géneros musicais, Cesária Évora foi maioritariamente relacionada com a morna, por isso também apelidada de "rainha da morna". Este disco contempla alguns duetos, entre eles com Caetano Veloso.

Horário da Biblioteca Municipal:

Horário de funcionamento: 2ª f. a 6ª f - 10 h - 12.30 h / 14.30 h - 18.00 h.

Uso de máscara obrigatória a partir dos 10 anos.

espaço autor

Ondjaki

Por Cristina Taquelim

“Na palavra cantil guardo a utopia, para que durante a vida eu possa não morrer de sede”

Ondjaki

Diz que é um contador de histórias. Fala dos seus mestres com respeito. Escreve sobre Luanda, com uma permanente saudade pelo que ainda virá a acontecer. Tem uma esperança infinita na reconstrução do seu país e da sua gente. Em 2000, quando publica pela primeira vez, escolhe para pseudónimo o nome que lhe estava destinado antes de nascer: Ondjaki - que em umbundu significa “o que enfrenta desafios”, o destemido.

Quem vive da palavra, da narrativa, da poesia, da literatura, do livro, em qualquer lugar, só pode ser destemido. Viver da arte é um imenso desafio, uma luta, em qualquer parte do mundo, também em Angola. É a ela que Ondjaki regressa em cada livro, em cada filme e agora também com a sua KIELA, uma livraria nascida em 2020, no Bairro de Alvalade, em Luanda, semente de outro sonho: a editora Kacimbo.



foto fonte : Elza fiúza/ABr

Ondjaki nasceu e cresceu em Luanda, estudou sociologia em Portugal, doutorou-se em Estudos Africanos em Itália, estudou cinema nos Estados Unidos, viveu no Brasil e celebra agora 20 anos de carreira literária. Tem uma obra traduzida em mais de uma dezena de línguas e foi agraciado por júris de prestigiados prémios literários em todo o mundo: Prémio Literário José Saramago, com *Os transparentes* (2013); Prémio Jabuti, com *Avôdezanove e o segredo do soviético* (2010); Grande Prémio APE (Portugal, 2007), com *Os da minha rua*; Prémio FNLIJ 2014, com *Uma escuridão bonita* [Brasil], apenas para nomear alguns dos prémios que recebeu. Cresceu como leitor embalado pelas histórias e explicações do mundo contadas pelos “mais velhos”, as histórias mágicas das suas muitas Avós e todas as leituras que fez de Manuel Rui, Ana Paula Tavares, Pepetela, Luís Bernardo Honwana, Mia Couto, Sophia de Mello Breyner, Jorge Amado, Manoel de Barros, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Graciliano Ramos... autores que invadiram a sua vida e que se mesclaram com outros tantos universos literários: Cervantes, Cortázar, Borges, García Márquez.

Quando lhe perguntam sobre o que ainda lhe falta ler, responde “(...) nunca mais acabam os autores, porque a vida vai de-

correndo e livros são como sonhos: ora sonhamos um sonho e amanhã sonhamos um sonho diferente. O que é preciso é deixar o sonho entrar na nossa vida, que é a mesma coisa que dizer que é preciso deixar os livros invadirem a nossa vida.”

Ondjaki é romancista, contista, poeta, pintor, documentarista (*Oxalá cresçam pitangas – Histórias de Luanda* (<https://youtu.be/En8rugU5KTK>)... Um criador permanentemente preocupado em contar as histórias das pessoas. São as pessoas, as suas misérias e grandezas, os seus sonhos, tragédias e esperanças, quem o inspira a escrever. Não vê a literatura separada da vida. Diz que a sua escrita padece da doença da saudade daquilo que ainda nem aconteceu.

A sua alma viajante fê-lo crescer “(...) na direcção de uma maior abertura social, de uma melhor entendimento do “outro” enquanto ser cultural (...)”. Porque sabe que todas as viagens nos acrescentam, também as que fazemos nos livros, considera-se uma pessoa em trânsito enquanto ser humano. “(...) cada criatura é um rascunho a ser retocado sem cessar (...)”, diz Adolfo Dido num dos seus monólogos em *Quantas madrugadas tem a noite* (2004),

Ondjaki escreve na sua língua materna, a sua língua do coração, a língua do seu afeto. “(...) Não posso traduzir os meus sonhos em outra língua. Só posso traduzir numa língua que eu chamo “língua desportuguesa”, porque é a Língua Portuguesa, mas com a influência das modalidades, do ritmo, da loucura que é a Língua Portuguesa de Angola.” Por vezes, escreve em Manuelês, língua mágica inventada por Manoel de Barros. “Os pássaros também falam manuelês, as pedras, os sapos, os rios, os lagartos, as moscas e a curva dos rios, tudo isso são entidades que falam manuelês. O manuelês serve para aproximar as pessoas dos bichos.”

Se imaginarmos a obra de um autor como uma casa, poderíamos dizer que a casa de Ondjaki tem muitas portas de entrada - o conto, a poesia, a novela, o romance, o teatro - cruzando muitas recepções. Na sua escrita, a literatura de recepção infantil e juvenil tem vindo a ganhar espaço. *Ombela*, a origem das chuvas e *A bicicleta que tinha bigodes* são bons exemplos de como Ondjaki convoca para o maravilhamento crianças e adultos e acorda em todos nós a experiência da poesia.

PARA LER ... RECOMENDA



Os Transparentes

Ondjaki (2012),
Prémio Literário
José Saramago (2013)

*"(...) – mas quem manda em tudo isto?
– gente muito superior.
– superior...como deus?
– não. superior mesmo! Aqui em Angola há pessoas que estão a mandar mais que deus.
(da voz do povo)"*
In Os transparentes

Não foi a primeira vez que Ondjaki fez de Luanda a personagem principal de um livro. "Luanda é uma "entidade" que nos absorve, para depois exigir que a contemos" - escutei-lhe um dia. Talvez seja essa a sua obsessão literária: contar a sua cidade cuidando da sua raiz. Dando voz às palavras sábias da avó Kunjikise, "(...) mexem na raiz da árvore e pensam que a sombra fica no mesmo lugar (...)". Dando voz à esperança de Xilisbaba, "(...) os mais-velhos diziam na minha terra que é bom olhar para longe. Atravessar o rio já a pensar na outra margem (...)".

Brincando com a riqueza do seu "desportuguês" e com um humor desconcertante, o autor oferece-nos um romance inquieto sobre as grandezas e as misérias de um país em transformação, sobre a vida quotidiana de um prédio de sete andares, sem elevador, que respira como uma entidade viva e onde se cruzam muitas almas e muitas histórias. Um prédio, permanentemente inundado por milagrosas águas, onde se encontram

os simples e os poderosos, a generosidade e os esquemas, as ameaças, as prepotências, as pequenas e grandes redes de interesse que dominam a lei da cidade e da nação.

É numa Luanda actual do pós-guerra - multifacetada, habitada pela esperança, pela desgraça, pelo sonho, pelas faltas de luz e água, e pela festa - que decorre a acção. É este o lugar onde acontecem as transparências de Odonato, onde se *inconformam* as suas dores "(...) o país dói-me... a guerra, os desentendimentos políticos, todos os nossos desentendimentos, os de dentro e os que foram provocados por aqueles que são de fora (...) ". Uma história de homens e mulheres, caminhantes cansados, carteiros, cegos, vendedores de conchas, que ganham voz iluminados pelas palavras de um grande contador de histórias.

Prosas

MULA EMBARRANCADA, MULA ENRAIVADA

Pedro Bravo. de boca em boca

Esse dia de março marçagão teria tudo para ser igual aos demais, não fora uma sucessão de acasos.

Como seria o normal, Margarida estava no poço a lavar, era moça nova sem nada mais que a distinguisse que o seu falar algo fanhoso, custosa de entender, diziam as vizinhas com quem mais lidava. Mas mesmo fanhosa, não lhe faltaria de que paleiar.

Anormal também não seria o senhor Arsénio ir a caminho da courela no seu carro de bestas para buscar a lenha da limpeza das oliveiras. Ainda que o ano viesse de água, estava um dia de sol radioso e límpido céu, já pintavam as papoilas da esteva e o cuco dava os bons dias à humanidade.

Quando o senhor Arsénio chegou ao barranco, este trazia água suficiente para cantarolar a corrente, motivo pelo qual os bestos estacaram, eram animais de opinião, viram a água e recusaram-se.

O homem bradou-lhes, mulas de um real, realíssimo cabrão e zurziu o chicote. As mulas muito a contragosto, com o sentido de bestas que eram, armaram

um salto mal medido, o carro deu a volta e elas ficaram lá de baixo, embarrancadas, enquanto o senhor Arsénio praguejava quantas mal-criadices sabia, que não eram poucas. Depois, entrando em si, começou a apelar a quem o ouvisse, que as mulas estavam embarrancadas.

O apelo do senhor Arsénio pela distância não chegaria ao monte, mas chegou ao poço onde Margarida lavava a barrela da família.

Ela lá falar falava, mas mal, e ao gritar venham acudir à mula embarrancada, o mau falar e os ventos de março distorceram o apelo para mula enraivada, foi o que soou na aldeia por entre lérias de estorninhos.

Bem podia o senhor Arsénio esperar por ajuda, a notícia da mula enraivada espalhou-se que nem fogo no pasto e ninguém estava na disposição de se lá chegar para ver a tal mula. Uns arrecadaram-se em casa e fecharam as portas, janelas e portões, outros apartaram a fugir nas mais desconstruídas direções, inclusivamente o Costa esbarrou no Simões e com a força da cabeçada ficaram ambos caídos no chão. Também ninguém quis saber deles, quanto mais da mula.

Uns homens que no meio do campo se encontravam encarrapitados numa serra de palha, aventaram-se dali abaixo e um deles, o Joaquim, pronunciou a sua mais célebre sentença, há morrer e há viver, e ó pernas, quando deram notícia deles, já iam todos para lá da ribeira de Oeiras.

Correu célere a notícia da iminente tragédia galopante da mula enraivada, que chegou a uma aldeia vizinha em que mesmo fazendo versos, todos corriam e gritavam muito, como se a rebate tocassem o sino com poesia.

Fujam homens de Tacões
com forquilhas e bordões
aos gritos da Margarida,
aí vem a mula enraivada
que é o fim da nossa vida.

Com tanta correria, tanto desatino, berreiro e alguma poesia, ainda deve haver quem ache que as mulas continuam embarrancadas no barranco à espera de que alguém vá lá dar uma mãozinha.

Pois, em conclusão, realmente a boa dicção poupa-nos muitas aflições.

Licença poética

Esperar o Vento...

Ondjaki da obra Tração a 4 poemas e uma Corda

II

cresce a manhã...
essa aquarela bruta
que cobra ao mundo os seus
nocturnos frios.
cresço de manhã...
a minha ramela emana
nua
o cobre do mundo
os seus amarelos tons.
de manhã
Deus distribui certamente
os seus castigos.
odores
cores
amores...
(...)
Deus:
também eu desejo
esse castigo azul...

III

não sei dizer este azul que encaminha
os céus...
sei respirá-lo intenso
na vibração densa, descompassada
dos olhos que se entornam nele...
não sei morrer noutra cor.
antes esta tonalidade
assim-breve
assim-escorregadia
desintegrando a noite
reinventando o dia.
e eu...
eu não sei escrever este azul
que dá luz á manhã...

IV

há no silêncio do ar
uma paz autorizada...
um murmúrio lírico
no renascimento
de cada momento.
o pássaro brinca entre uma nota de assobio
e um sopro de vento.
a borboleta adormece — encantada.
(...)
para haver paz
há que caminhar silêncios.

V

quero o aconchego
da sombra.
da árvore.
a sua frescura
a sua candura.
quero o seu caule
sólido
a maciez da sua seiva
a dureza da sua raiz.
quero a paz das suas folhas
deitadas
deleitadas
adormecendo — na paz do tempo.

VI

no cântico longínquo das nuvens
cresce uma andorinha branca.
deforma-se
o mundo
para uma nova densidade.
sorri
a primeira gota de chuva.
este cântico das nuvens é
um bramido suave
que adormece os olhos
os olhares
dos bichos.
a andorinha cessa o seu voar.
a nuvem cessa o seu cantar.
a gota de chuva
densa
despede-se do mundo...
e voa!

VII

só na ilusão da asa
o ser se sonha.
seu degredo. sua afluência.
quantas vezes
sem consciência.
só no silêncio da asa
o ser se sonha.
pouco enredo. pouca ciência.
raras vezes
em abstinência.
só na solidão da asa
o ser se silencia.

XII - vento

és a casa dos pássaros.
és o não-chão. nem tremor nem homens nem calor. és o
aéreo que encandeia as nuvens e, num passo gêmeo, as
conduz.

és sedução genuína nessa textura que usas no mar. os
pássaros te frequentam erráticos porque também és o
eco da poesia — a estranha densidade de nada pisar.,
o não silencioso.
o silencioso.
és o deserto que chove sobre o mundo

AR

QUI

TETU

RAS

A

SUL

Portas de Portugal e Marrocos: um sentido comum

José Alberto Alegria, Arquitecto e Cônsul do Reino de Marrocos no Algarve

Muralhas de Marrakech - porta da kasbah

O Reino de Marrocos e Portugal, situados no extremo ocidental deste pequeno "pátio" ou "praça" que é o mar Mediterrâneo, forjaram ao longo de mais de sete séculos de vivência comum um conjunto de continuidades antropológicas, sociais e artísticas que constituem um bom exemplo de sincretismo cultural. Na verdade, durante o tempo em que ambas as regiões eram províncias de mesmo Império Romano, durante os cinco séculos em que o sul de Portugal foi o Gharb al Andalus e durante os séculos em que Portugal esteve presente nas cidades do litoral de Marrocos, foram sendo transmitidos saberes, acumuladas tradições e conservadas memórias que constituem, ainda hoje, um Património Comum feito de continuidades.

No domínio da arquitectura tradicional essa continuidade é bem evidente, tanto a nível de materiais, como de volumetrias, soluções formais e funcionais e até na maneira sábia de dar solução estética e cuidada às necessidades mais quotidianas. Nesse conjunto de soluções o elemento "porta" assume, nos dois lados deste extremo do Mediterrâneo, uma idêntica abordagem interpretativa.



Com efeito, estamos perante uma civilização comum em que tanto a nível da sua funcionalidade como a nível do imaginário, a porta é um elemento fundamental da estrutura arquitectónica. Antes de mais, as portas servem para fechar e proteger; mas elas servem também para dar passagem e para acolher:

- ao fechar e proteger a casa privada, ou mesmo o edifício público (civil ou religioso), a porta deverá resistir à intromissão de pessoas indesejáveis, de olhares indiscretos, do vento, da poeira, das oscilações térmicas e até das invejas dos vizinhos ...
- ao servir para dar passagem a porta deve ser generosa na sua funcionalidade e também simbólica em cada momento de passagem: deixar passar quem é bem-vindo mas também dar a última passagem aos que partem para uma outra vida... Ela deve também dar passagem ao ar, à brisa fresca da noite, servindo aí como precioso elemento de ventilação dos espaços interiores quando convenientemente articulada com os pátios, com os "malkafs", etc;

- ao servir para acolher quem vem do exterior e muitas vezes de longe, ela deve ser simbolicamente bela e nobre: não nos podemos esquecer que nas civilizações que têm por denominador comum o deserto do Sahara, quem chega vem muitas vezes de um longo e penoso percurso, pelo que deverá ser generosamente recebido, sendo a porta o primeiro desses elementos de boas vindas.
- ao chamar para espaços sagrados (mesquitas, "zaowias", igrejas, etc) ou para espaços de negócio ("foundouks", albergarias, etc) todos os que, circulando no exterior, são atraídos pela imponência da porta e até pela sua centralidade com o "wost ed dar" o que, aliás, contrasta com a não centralidade da porta dos espaços familiares que, sendo essencialmente femininos, estão resguardados por um acesso em cotovelo ("skiffa").

É neste contexto de funcionalidade e de simbolismos que, tanto em Portugal como no Reino de Marrocos, as portas tradicionais foram adquirindo características próprias tanto a nível dos seus materiais, como também da sua estru-

turação e dos seus elementos decorativos.

A nível dos materiais, como é sabido, reserva-se habitualmente para a porta principal de acesso ao edifício a madeira mais nobre, tanto nacional como estrangeira. Se no caso português temos o carvalho ou o bom pinho (a par da nogueira e da cerejeira), já em Marrocos, onde a escassez de florestas é mais evidente, são três as qualidades autóctones de madeira usadas tradicionalmente: o cedro, a tuia e a nogueira. Como madeiras de importação usadas com frequência citaremos o ébano de Madagáscar, o acaju do Gabão e da Costa do Marfim e o samba (que terá existido em Marrocos embora actualmente provenha da África Central). É, contudo, o cedro do Atlas (das zonas de Azrou, Khénifra e Midelt), nas suas três qualidades diferentes, que foi sempre preferencialmente utilizado na arquitectura. Segundo a tradição, a madeira de cedro necessita de pelo menos quarenta anos para compreender que foi cortada da sua mãe...

Tipologicamente e estruturalmente, há, como é evidente, diferenciação entre as várias portas de um edifício, sendo reservada para a porta principal exte-

Medina de Marrakech



Medina de Rabat



Medina de Safi



Medina de Tiznit

rior a maior relevância qualitativa. De salientar que, na arquitectura tradicional dos edifícios residenciais de Marrocos, podemos identificar com facilidade três tipologias estruturais de portas:

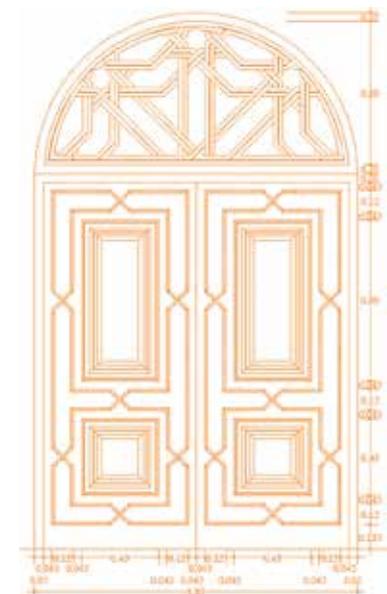
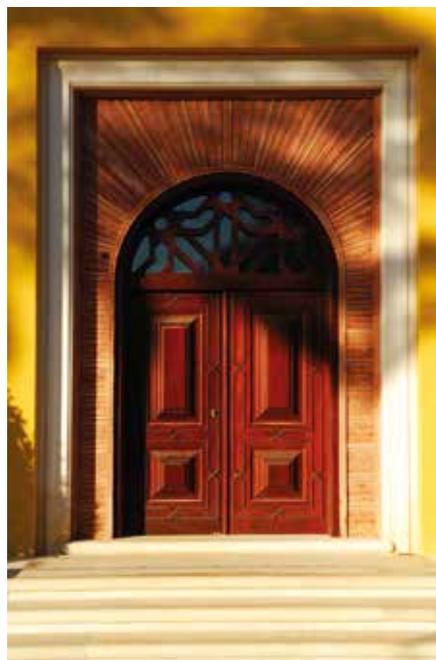
- a porta de entrada (“bab ed dar”);
- as grandes portas dos salões interiores, abertas para os pátios (“dfef”);
- as portas interiores das várias dependências (“medakhel”).

Na generalidade das situações estas portas, sendo em madeira maciça e muito pesadas, são montadas sobre pivots fixados sobre um montante da porta que serve de eixo de rotação. Por esta razão e ficando as portas exteriores a um dos lados da parede, a sua largura é sempre maior que o respectivo vão da alvenaria. De notar que na parte superior do montante de rotação, fixado à parede há um capitel denominado touca (“chéchia”) ou coroa (“taj”).

Para dar resposta às funções de protecção visual, filtragem da luminosidade excessiva e propiciar a passagem de ar e correspondente ventilação, muitas das portas exteriores incorporam um ou vários painéis de “moucharabieh”. Estas mesmas funções são satisfeitas em Portugal com os tradicionais painéis de reixa.

Os elementos decorativos das portas constituem, tanto em Portugal como no Reino de Marrocos, uma notória preocupação para os seus criadores e elementos como “moucharabiehs” ou reixas assumem também essa função estética. Mas não será difícil encontrarmos também “mouqqarnas” ou trabalhos de pintura tradicional do tipo “zouaq” como elementos decorativos complementares. De acordo com a lógica comum, que no decorrer do tempo se foi criando neste extremo “gharb do mediterrâneo”, os elementos decorativos usados nas portas são preferencialmente geométricos ou fitomórficos, o que, aliás, decorre de preceitos corânicos fundamentais. Este princípio alarga-se também aos acessórios de ferro forjado (grades, ferrolhos, “zekrouns”, mãos de Fátima, etc) que muitas vezes aparecem associados à madeira, tanto com função de reforço estrutural como de mera guarnição decorativa ou de simbólicos elementos protectores.

A relevância física, visual e até psicológica que a porta principal de um edifício tem, tanto para o dono da casa, como para quem a projecta e também para quem a observa ocasionalmente, continua, mesmo actualmente, a ser determinante para a sua concepção e aceitação. Na arquitectura contempo-



Quintablanca Palace Hotel

Medina de Marrakech



Tavira

rânea destes nossos territórios exemplos recentes mostram essa relevância: citemos o caso da Igreja do Marco de Caneveses, as portas da Mesquita Hassan II de Casablanca, entre tantas outras que continuam a ser criadas.

Mas também a nível das urbes, as portas da Cidade ou da Medina são elementos delimitadores de uma comunidade e, conseqüentemente, simbólicos da sua segurança, do seu poder e da sua representação mental colectiva. Nas Medinas as portas definem, aliás, os próprios eixos de penetração do tecido urbano e podem igualmente tomar o nome dos territórios exteriores para onde estão voltadas: citemos o caso de Bab Doukkallâa, uma das sete portas da Medina de Marrakech. Também é forte o simbolismo de oferecer as chaves das portas da cidade a quem queremos honrar.

Tanto em Portugal como no Reino de Marroços, a porta da casa encerra em si um significado que tem também uma relação com a imagem exterior que se quer projectar e, porventura, com o conceito mais profundo de ser também a porta da vida:

por ela se acede à vida da família (tal como a chegada ao nascer),
por ela se sai do convívio familiar, uma derradeira vez, no fim da vida...

Adenda:

No momento em que se procede ao restauro cuidadoso da imponente porta do edifício denominado Casa Rosa da vila velha de Mértola, onde vai ser instalado o *Hammam de Mértola*, esta reflexão sobre as nossas portas assume um especial sentido. Num contexto diferente, também esta porta vai iniciar uma nova fase da sua longa vida, acolhendo novas pessoas e cumprindo novas funções de hospitalidade, permanecendo um elemento central deste majestoso edifício.



Casa Rosa, Mértola



MÃOS
MANUA
&
LIDADES

A ARTE DE FAZER COM AS MÃOS

Guilhermina Bento

Técnica de Conservação e Restauro do Museu de Mértola



Estava longe de imaginar que seria paixão para a vida quando, num dia tórrido de julho dos saudosos anos oitenta, do século passado, me juntei a um grupo de jovens vindos de Lisboa que, junto do castelo escavavam sob o comando de Cláudio Torres. Um homem que viria a tornar-se uma referência no meu crescimento pessoal e profissional.

Ali, onde a presença de várias civilizações pulsa, podíamos encontrar tudo: cerâmicas, ferros, pedras esculpidas, espinhas, sementes, vidros, esqueletos, argamassas, tijolos... um não mais acabar de peças e 'cacos'! Aprendi, na hora, que aquilo era História pura e dura, a história do meu território. Vindo mais tarde a perceber que ela se cruzava com a de tantos povos, nossos vizinhos, sendo fundamental para perceber a nossa identidade como povo.

“(...) eu às tantas aos poucos eu fui percebendo, às tantas eu lá fui tateando, às cegas eu lá fui conseguindo, às cegas eu lá fui abrindo os olhos (...)”

Aquela era a nossa história, a história a respeitar e cuidar. Devagarinho, fui acompanhando vários projetos. Era necessário tratar, lavar e começar a identificar o espólio arrancado à terra. Estive lá, em todas as fases com enorme curiosidade e deslumbramento. Ainda recordo vários episódios: No processo de lavagem dos 'cacos', disseram-me “atenção, aquela tigna não é sujidade, ela é história, informação preciosa para perceber a função de outrora”. Um dia, alguns dos cacos pareciam encaixar perfeitamente, um puzzle. Este momento foi muito significativo para mim, serviu de rastilho! Era importante fazer levantamentos sobre as artes e saberes existentes no território em risco de desaparecer, assim como perceber o

estado do património religioso (retábulos, esculturas, alfaías litúrgicas, brocados...) da vila e concelho, e envolvi-me no processo, havia muito por fazer na área do património cultural, muita riqueza por descobrir, cuidar e preservar, entrei nessa viagem fantástica.

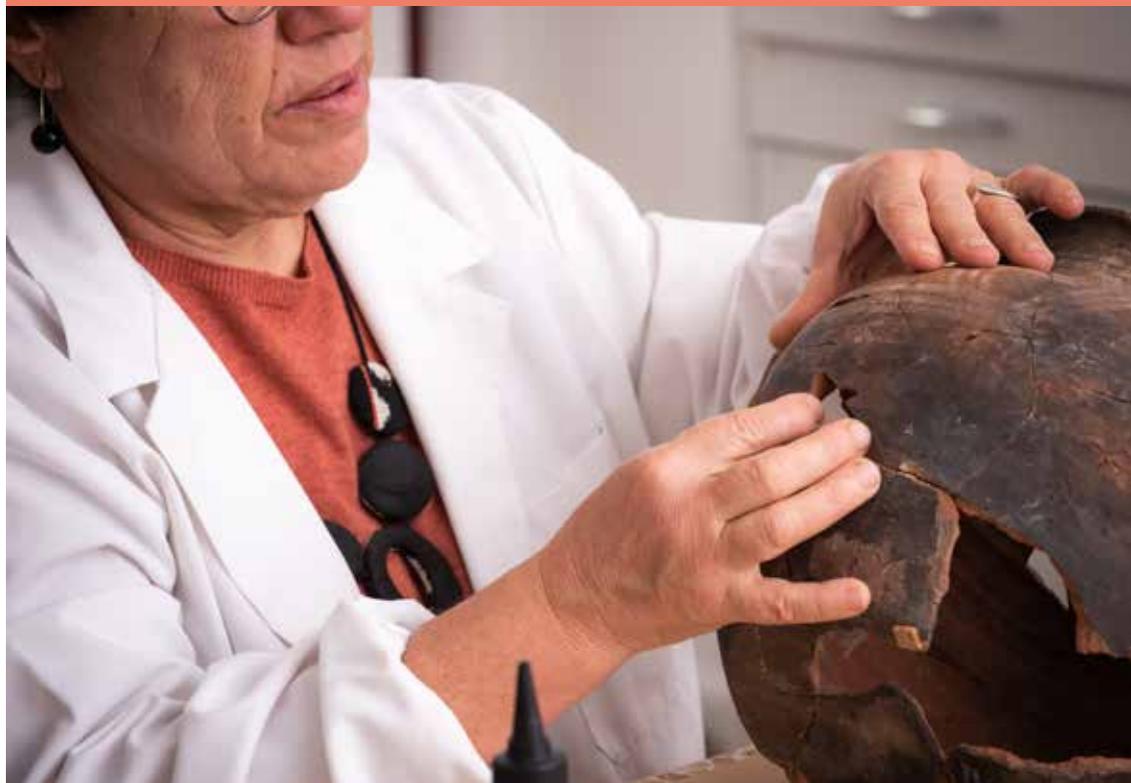
Recordo que após um exaustivo levantamento da imaginária religiosa de Mértola e concelho, não bastava apenas fotografar e inventariar, era preciso ir mais longe e proceder à sua preservação e salvaguarda, dado o adiantado estado de degradação da maioria do espólio (atualmente expostas no Núcleo de Arte Sacra do Museu de Mértola).

Foi aqui o meu primeiro contacto com o mundo da conservação e restauro.” A primeira intervenção foi no tratamento das esculturas em madeira policroma. Uma vez que a madeira sofre alterações de tipo biológico - ataque de insetos xilófagos, foi necessária uma operação de desinfestação com vista a estagnar o processo de deterioração causada pelo ataque destes 'hospedeiros'. E quem não conhece aquela frase 'ficar com o bichinho'? Foi o que aconteceu comigo, enquanto os da madeira iam morrendo, outro agarrava-se a mim. À minha pele. Qual bichinho maravilhoso e surpreendente. Foi paixão para a vida! Ao contrário do que se possa pensar, esta não é uma profissão solitária. Ela é feita de equipas, afetos e apegos, tenacidade e orgulho. Restituir vida e força a uma peça de cerâmica, a um 'caco' ou a qualquer bem patrimonial, após meses e meses de trabalho, é uma coisa que se vai fazendo passo a passo, é tão gratificante! Restaurar o que quer que seja é anunciar que os danos contam uma história (tal como as rugas) e que enaltecê-los é tornar essa história ainda mais bonita.

Após formação intensiva de 'primeiros socorros', conhecimentos teóricos e práticos relativos à conservação das esculturas e painéis em madeira policroma, recordo com orgulho a intervenção no retábulo Pentecostes, pintura do Séc. XVI proveniente da Igreja Matriz de Mértola (atualmente exposto no núcleo de Arte Sacra do Museu de Mértola). Era uma grande responsabilidade, mas ao mesmo tempo desafiante devolver o brilho e as cores originais,

permitir a sua leitura na perfeição, fazê-lo renascer! Pegar numa obra suja, com várias camadas de verniz pouco perceptíveis e sem saber o que se poderá encontrar ao longo do processo, é um verdadeiro trabalho de arqueologia – passo a passo, camada por camada até à camada original. Este é sempre um trabalho de descoberta. Começa-se sempre por uma zona mais recatada da obra que, à partida, não será problemática e que não interferirá com a originalidade da mesma, para que, se acontecer qualquer coisa problemática se possa recuar e proceder a testagens de outros produtos (importante referir que todos os materiais utilizados na conservação e restauro têm de ser reversíveis e que muitos dos solventes orgânicos são feitos no próprio laboratório), que não danifiquem o objeto. Timidamente, devagar, conhecendo a pintura, o seu comportamento aos produtos utilizados, surgiam aos nossos olhos os tons amarelados a darem lugar a azuis, verdes, vermelhos, castanhos – os pormenores – os panejamentos, os livros, a heráldica, o pavimento, a auréola, a pomba), cores que sem o restauro não se notariam. Recuperava a aparência do Séc. XVI!

Presentemente, o meu mundo são as cerâmicas. Entre “puzzles”, identificação de patologias, propostas de tratamento, discussão entre pares (só assim podemos crescer nas nossas competências), limpezas, colagens, reconstituições que podem





ser totais ou parciais, ou seja, nem todos os objetos que se encontram expostos num museu estão completos, podendo faltar-lhes alguns 'bocadinhos'. E porquê? Porque esse passo pode não se mostrar essencial na estabilidade e leitura da peça. O importante mesmo é curar e preservar, devolvê-la ao mundo! É impossível não criar laços afetivos com todas as peças em que tocamos, eles vão evoluindo, até que este património, que é de todos, também se torna nosso. É impossível não criar afinidade, porque nós tocamos, nós mexemos, nós conhecemos os pormenores em primeira mão. Estes objetos já não podem cumprir a função de outrora, mas contarão a história do seu tempo ao mundo, quer seja num museu ou ainda nas suas reservas, 'casas guardiãs' da memória dos povos. Só aqui elas fazem sentido, onde estão garantidas todas as condições de segurança para a sua salvaguarda.

Na verdade, o mundo do restauro e conservação é muito amplo. Existe um leque de possibilidades dentro da profissão. Prevenir é sempre melhor que intervir, e não é qualquer pessoa que está habilitada a fazê-lo. É necessário que o técnico saiba identificar e definir muito bem quais são os seus limites e as suas prioridades no processo de intervenção de qualquer bem patrimonial, que não sobrevalorize os desejos do artista de modo a respeitar as normas deontológicas e as linhas orienta-

doras que regem a profissão. Nenhum objeto é igual ao outro. Restaurar é um trabalho minucioso e moroso. Há peças que, dependendo do seu estado de conservação, podem demorar um mês a restaurar, mas esse mês também se pode transformar num ano ou até mais, dependendo muito do que podemos encontrar no decorrer do processo.

Por isso, antes de intervir em qualquer objeto para além dos registos exaustivos antes, durante e após (fotográficos, fichas técnicas, desenhos), é preciso fazer um bom diagnóstico. Isto é, analisar materiais constituintes em presença, estado de conservação, e delinear estratégias de intervenção. E é precisamente nessa fase que nunca podemos esquecer o papel do conservador do museu, nem dissociar disciplinas como a História, a História de Arte, a Química e outras disciplinas humanas. O restaurador deve ser um artista pois a sua ação é afim da arte, intervindo na obra mantendo de forma consciente as suas qualidades estéticas originais e significados, pois só podemos valorizar o passado e as suas representações iconográficas preservando a sua originalidade representativa e compreendendo-as.

Conservar e restaurar, para além de restituir a beleza original da obra, e fazê-la perdurar no tempo, também permitirá uma leitura mais fiável, o que permitirá ao investigador um estudo mais apurado da

mesma. Dificilmente nos escapa um pormenor. Muitas vezes somos o elo de ligação entre várias áreas bastante distintas - por exemplo, trabalhar com o engenheiro, o arquiteto, o técnico que vai montar o ar condicionado, assim como explicar à funcionária da limpeza que se limpar a sala com água e detergentes perfumados, estes vão afetar as peças e o ambiente em que estão envolvidas.

Passados estes anos, trabalho com a mesma paixão e entrega porque neste mundo da conservação e restauro, as competências emocionais, sociais e comportamentais, motivação e pró-ação são tão importantes como as competências técnicas. Trabalho de equipa e em rede.

Só restaura quem pensa em preservar!

Museu de Mértola/Câmara Municipal de Mértola
Preservar, conservar e restaurar



C
A

P
A

F
O
R

T
A
R
R

Serviços Educativos _ Viagem ao Centro da Terra

Capacitar para a geologia do território – Programa educativo da Candidatura do Vale do Guadiana a Geoparque.
Sérgio Esperancinha _ geólogo, candidatura Geoparque do Vale do Guadiana.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e Geociências, que ligação?

Num apelo universal à ação, as Nações Unidas adotaram em 2015 os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como parte da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável 2030, um documento que define o caminho a e as medidas a implementar ao longo de quinze anos (2015-2030), rumo à sustentabilidade. Com 17 objetivos e 169 metas, os ODS têm o propósito global de erradicar a pobreza e outras privações, introduzir estratégias que melhorem a saúde e a educação, reduzir a desigualdade e estimular o crescimento económico, assegurando ao mesmo tempo a proteção ambiental. Para o conseguir, é necessária uma transformação profunda dos sistemas financeiros, económicos e políticos que regem as nossas sociedades, sendo vital o empenho político e a ação de todas as partes envolvidas.

Interligados, os ODS abrangem áreas tão diversas como a educação (ODS 4), a igualdade de género (ODS 5), produção e consumo sustentáveis (ODS 12) e a paz, justiça e instituições eficazes (ODS 16). Cada ODS tem metas que precisam de ser alcançadas para que o objetivo seja considerado cumprido. A título de exemplo, para o Objetivo 7 – Energias Renováveis e Acessíveis - cuja finalidade é o de “assegurar o acesso universal a uma energia acessível, fiável, sustentável e moderna”, as metas a atingir até 2030 são: “assegurar o acesso universal a serviços energéticos acessíveis, fiáveis e modernos”; “aumentar substancialmente a quota das energias renováveis no mix energético global” e “aumentar para o dobro a taxa global de melhoria da eficiência energética”. Os progressos na implementação destas metas são acompanhados pelos Estados-Membros através das Revisões Nacionais Voluntárias e apresentados no Fórum Político de Alto Nível da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, o principal fórum global de revisão dos sucessos, desafios

e lições aprendidas na implementação da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável 2030.

Como podem as Ciências da Terra contribuir para a implementação dos ODS?

As geociências, ou ciências da Terra, estudam o planeta Terra. Este estudo abrange a sua superfície e os processos que a moldam, mas também o seu interior e as dinâmicas que ocorrem sob a crosta. Através do estudo dos oceanos, da atmosfera, dos rios e lagos, das camadas de gelo e dos glaciares, dos vulcões e dos terremotos, do solo e subsolo, as ciências da Terra tentam compreender como estes sistemas funcionaram no passado, como operam hoje e tentam prever como se poderão comportar no futuro. Este estudo abrange também a forma como os seres vivos, incluindo os humanos, interagem com o planeta, por exemplo, através dos recursos que utilizamos ou a forma como a água e os ecossistemas estão interligados.

1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA



Como ciência que estuda o sistema terrestre, as geociências têm a capacidade de compreender as complexas interligações entre a atmosfera, hidrosfera, criosfera, biosfera e litosfera, fornecendo uma perspectiva única de todo o sistema Terrestre. Esta ciência está, portanto, direta ou indiretamente ligada a todos os ODS, sendo a sua importância particularmente evidente em oito destes objetivos:

Essenciais para a vida humana, os recursos geológicos, em particular os recursos minerais, estão presentes na nossa vida quotidiana em objetos tão diversos como a pasta de dentes, telemóveis e equipamentos médicos. De elevada demanda e alto valor económico, estes recursos são um instrumento vital para o desenvolvimento económico, sendo particularmente importantes para países em vias de desenvolvimento. Nesse âmbito, a identificação de acumulações de recursos minerais, com valor económico – responsabilidade das geociências - em países em desenvolvimento será crucial para o progresso económico local e para o combate à pobreza. As geociências permitirão também às autoridades públicas destas regiões implementar, ou melhorar, práticas sustentáveis de extração e gestão mineral, reforçando as capacidades e competências institucionais.

2 FOME ZERO



A produção alimentar é altamente dependente da presença e qualidade de solo fértil, que por sua vez está relacionada com o seu conteúdo mineral e matéria orgânica. As geociências são fundamentais para o conhecimento dos solos, no enriquecimento de solos de baixa fertilidade através de fertilizantes minerais, na remediação de solos contaminados e para promover a sua conservação e utilização sustentável.

3 BOA SAÚDE E BEM-ESTAR



As geociências são fundamentais para um desenvolvimento económico que respeite o ambiente e consequentemente proteja a saúde humana. Através do estudo da superfície e subsuperfície é possível explorar recursos geológicos sem comprometer cursos de água, lençóis freáticos e os solos; planejar corretamente a ocupação urbana, gerir a eliminação de resíduos industriais e domésticos, minimizando ou eliminando os efeitos da poluição e mitigar a exposição dos cidadãos a catástrofes naturais e a contaminantes.

4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE



Por todo o mundo, centenas de projetos educativos estão em curso com o objetivo de educar os cidadãos e, particularmente, as gerações mais novas para a sustentabilidade. Neste domínio, a Rede Mundial de Geoparques UNESCO, que conta atualmente com 161 geoparques em todo o mundo, funciona como salas de aula ao ar livre, onde se promove o conhecimento sobre o desenvolvimento sustentável, a diversidade cultural, a paz e a gestão dos recursos naturais de forma ambientalmente correta.

6 ÁGUA LIMPA E SANEAMENTO



A vida na Terra depende da água. No entanto, mais de 40% da população mundial tem um acesso deficiente aos recursos hídricos e todas as previsões apontam para um cenário de maior escassez. A compreensão do ciclo da água da Terra, a gestão dos sistemas hídricos (à superfície e em profundidade) e a prevenção da sua contaminação são condições fundamentais para o fornecimento universal de água potável, sendo competências das geociências.

7 ENERGIA ACESSÍVEL E LIMPA



Um dos maiores desafios de sustentabilidade que o mundo atualmente enfrenta é o de fornecer energia a uma população em crescimento, mudando, ao mesmo tempo, a forma como essa energia é utilizada. Para alcançar a sustentabilidade, a energia terá de ser abundante e acessível e, simultaneamente, as emissões antropogénicas de carbono terão de ser reduzidas para que os efeitos das alterações climáticas sejam mitigados - duas questões aparentemente contraditórias. Com este objetivo em mente, todas as possíveis fontes de energia com baixo teor de carbono devem ser consideradas. Uma delas é a energia geotérmica, o calor gerado pelo interior quente da Terra que é armazenado em rochas sólidas e fluidos sob a superfície. A utilização da energia geotérmica não é nova - os seres humanos têm utilizado fontes e piscinas termais desde a antiguidade. Mais recentemente, e particularmente em regiões vulcanicamente ativas, como a Islândia e os Açores, o calor gerado pelo interior da Terra tem sido utilizado para produzir eletricidade e aquecer edifícios. Projetos geotérmicos profundos estão também em curso noutros locais para captar os fluidos quentes que circulam a grandes profundidades dentro da crosta terrestre e gerar eletricidade de baixo carbono.

13 COMBATE ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS



Com as emissões de gases com efeito de estufa atualmente 50% acima do que em 1990, os efeitos das alterações climáticas são evidentes em todo o mundo. O aquecimento global está a provocar alterações no sistema climático ameaçando a estabilidade das sociedades e a vida humana. O Objetivo 13 visa mobilizar anualmente 100 mil milhões de dólares para responder às necessidades dos países em desenvolvimento na adaptação às alterações climáticas. Isto inclui investir em modelos de desenvolvimento sustentável com baixo teor em carbono, integrar medidas de redução do risco de catástrofes e gestão sustentável dos recursos naturais nas estratégias nacionais de desenvolvimento, áreas de intervenção das geociências.

Por outro lado, a chave para prever o futuro é o passado, portanto, é através do registo geológico da Terra que a ciência obtém dados que fornecem pistas sobre as mudanças climáticas que poderão ocorrer. Este registo fornece informação sobre climas passados, mudanças ambientais e extinções que ocorreram durante a história da Terra. Através do estudo destes extensos arquivos geológicos - registos de gelo e poeira, sedimentos terrestres e oceânicos, animais e plantas fósseis - é possível reconstruir ambientes antigos (fauna, flora e características da paisagem) e estimar temperaturas passadas. A título de exemplo, os geólogos sabem hoje que durante o Eocéno (55 a 45 milhões de anos) a Terra era tão quente que a Antártida estava livre de gelo, a flora tropical crescia em latitudes muito superiores às atuais e animais de sangue frio, como os crocodilos, viviam na região ártica. O que se seguiu foi um período invulgarmente frio - a Idade do Gelo - que terminou há apenas 20 000 anos.

15 VIDA SOBRE A TERRA



A flora terrestre fornece 80% da dieta humana e as florestas cobrem mais de 30% da sua superfície. Estas, constituem um habitat vital para milhões de espécies, são fontes importantes de ar e água limpos, e são cruciais para combater as alterações climáticas. No entanto, 13 milhões de hectares de floresta são destruídos anualmente, enquanto a degradação contínua das regiões secas levou à desertificação de 3,6 mil milhões de hectares. A ameaça sobre a biodiversidade é grave e precisa de ser combatida.

A biodiversidade é uma função do ecossistema, do conjunto de organismos vivos, do ambiente físico e das ligações estabelecidas entre eles. Este ambiente físico, a geosfera, é definido pelo movimento das placas tectónicas, e por processos que ocorrem na superfície da Terra, alterando-a ao longo do tempo geológico. As montanhas são erodidas para formarem suaves planícies, e os rios esculpem desfiladeiros profundos transportando sedimentos para o mar onde são depositados. Nesse sentido, a geologia - expressa nas muitas paisagens que existem em todo o mundo e que são uma função da relação entre o movimento das placas tectónicas e os processos de superfície - define as condições para o desenvolvimento da vida e a forma como a biodiversidade é expressa. Uma compreensão profunda da geosfera é por isso vital, para preservar a diversidade da vida e sustentar o futuro da humanidade.

Sabia que os seus objetos são na verdade um aglomerado de elementos químicos provenientes de minerais? Para os obter, é necessário extraí-los através de mineração, uma atividade que acarreta sempre impactos ambientais. Estes minerais são recursos finitos e o seu elevado valor económico é frequentemente causa de conflitos armados. É por isso essencial reduzir o consumo de bens em nome da sustentabilidade. Conheça quais são e de onde vêm os minerais que compõem os seus objetos do dia-a-dia. Estes são os minerais e elementos usados para fabricar um **carro híbrido**.



Maiores produtores



Minerais de Conflito



Potencialmente radioativos

Pirolusite: Manganês

📍 África do Sul e Austrália



Serpentinite: Platina

📍 África do Sul



Quartzo: Silício

📍 China



Molibdenite: Molibdénio

📍 China e EUA



Bastnasite: Neodímio

📍 China



Níquel

📍 Indonésia e Austrália



**O PLANETA
DENTRO
DAS
COISAS**

Cromite: Crómio

📍 África do Sul e Cazaquistão



Bauxite: Alumínio

📍 Austrália e China



Calcopirite: Cobre

📍 Chile e Peru



Magnetite: Vanádio

📍 África do Sul e China



Esfarelite: Zinco e Cádmio

📍 China, Peru, Austrália



Espodumena: Lítio

📍 Austrália e Chile



Ouro

📍 China, Rússia, Austrália



Cobalto

📍 Congo



Aula Aberta

A caminho da 2ª ruralidade

António Covas, Professor Catedrático da Universidade do Algarve.

A economia rural da modernidade foi (é) feita de especialização (escala), de intensificação (tecnologia) e de êxodo (urbanização). Os resultados conhecidos são contraditórios: a abundância, a qualidade e a modernização agroalimentares coabitam com a insegurança alimentar, a anarquia periurbana, a degradação dos recursos e o abandono das zonas rurais desfavorecidas.

A economia rural do século XXI será determinada por dois novos primados que já aí estão: o primado da mobilidade e o primado agroecológico. O primeiro altera radicalmente as nossas perceções convencionais sobre o espaço, o tempo e o acesso aos diferentes territórios, em especial os de baixa densidade, o segundo recoloca a prevalência do território por via dos seus atributos biofísicos e ecológicos. Falamos da mobilidade de pessoas e de espécies da fauna e flora em virtude das alterações climáticas, mas, também, da aplicação das novas tecnologias da informação e comunicação. A transição pós-productivista já se anuncia e os sinais da 2ª

ruralidade já aí estão, em especial nos planos agroecológico e territorialista.

No primeiro caso, podemos apontar como exemplos, a restauração biofísica e a agricultura biológica, o hibridismo energético e a micro geração em rede, a economia da conservação e biodiversidade, a gestão proactiva dos ecossistemas e do mosaico paisagístico, a linha de produtos eco e bio e as redes de produção local e multilocal.

No plano da coesão territorial ou territorialista, podemos apontar como exemplos, a gestão das amenidades rurais e a economia da recreação, lazer e turismo em espaço rural, a agricultura multifuncional e as estratégias familiares compreensivas, finalmente, a promoção e delimitação do interesse público sob a forma de novos bens públicos e novas modalidades de ação coletiva e colaborativa, sobretudo em zonas desfavorecidas e áreas de paisagem protegida.

Creio que, no próximo futuro, naquilo que eu designo como a “2ª ruralidade”, a novidade mais importante será a emergên-

cia de uma grande variedade de redes e plataformas tecnológicas e sociais. Assim, na 2ª ruralidade teremos, muito provavelmente, três níveis de intervenção diferenciada:

- Em primeiro lugar, a agricultura de precisão e a engenharia florestal, mais capitalizadas, mas, também, os problemas ambientais ligados à biodiversidade, aos ecossistemas e à certificação ecológica das atividades agroflorestais;
- Em segundo lugar, as pequenas agriculturas periurbanas, as agriculturas urbanas e as agriculturas alternativas, numa lógica de agricultura de proximidade acompanhada pela comunidade local e de acordo com o plano verde do “jardim agroecológico municipal”;
- Em terceiro lugar, o incentivo a formatos socioinstitucionais mais inovadores, à boleia do nosso conhecido rural tardio e como forma de atrair os mais jovens, os neorurais, para as atividades rurais em sentido amplo, por exemplo:
 - O formato “condomínio rural”, à imagem do condomínio urbano,

- O formato “cooperativa de produção e distribuição” local e regional,
- O formato “comunidade intermunicipal” de apoio a sistemas produtivos locais,
- O formato “parque agroecológico intermunicipal” de fins múltiplos,
- O formato “parque natural e área de paisagem protegida”,
- O formato “cuidados ambulatorios e prestação de serviços multifunções”,
- O formato “quintas pedagógicas, campos de férias e de trabalho voluntário”.

Em todos estes casos, é privilegiada a noção de “inteligência coletiva territorial” (ICT), em particular, pela constituição de plataformas colaborativas apropriadas. Nesse sentido, a reforma da PAC em curso deve considerar e prever a constituição de alguns “laboratórios colaborativos” onde os serviços regionais, as instituições de ensino superior e as organizações profissionais possam fazer convergir os seus interesses, em particular, cofinanciar serviços de incubação

empresarial, gestão agroambiental e extensão rural.

Neste âmbito, “os neorurais vindouros” terão aí um papel fundamental na criação das startups da 2ª ruralidade que tornarão o campo quase irreconhecível tal como o conhecemos hoje. A agricultura acompanhada pela comunidade (AAC) e a gestão comunitária e agrupada de aldeias e vilas serão uma realidade, a economia da partilha e as boas práticas da economia circular serão, igualmente, uma realidade face aos recursos ociosos e quase esquecidos, finalmente, a patrimonialização dos recursos arqueológicos e históricos e a sua moderada turistificação serão, também, uma realidade. Não será o melhor dos mundos, mas será seguramente um mundo melhor.

Agora que se volta a falar de reorganização administrativa, de descentralização de competências, agrupamentos de freguesias e comunidades intermunicipais, esta pode ser uma excelente oportunidade para reestruturar e reorganizar o mundo rural da 2ª ruralidade.

Charcos Temporários Mediterrânicos

Os Charcos Temporários Mediterrânicos (CTM) são um habitat típico da Região Mediterrânea, constituído por depressões pouco profundas que apresentam uma alternância anual entre uma fase seca (nos meses mais áridos) e uma fase inundada (nos meses com maior pluviosidade). A existência de uma camada de solo na área dos charcos com menor permeabilidade do que na área circundante favorece, ali, a retenção da água da chuva.

As comunidades biológicas destes habitats desenvolveram estratégias adaptativas extremas à alternância entre os períodos secos e alagados, tais como formas de resistência à seca ou a capacidade eficaz de migração para outros locais. Como resultado, as espécies presentes apresentam características únicas e são frequentemente raras ou exclusivas destes meios. Ao contrário dos lagos e lagoas, os charcos temporários mediterrânicos (CTM), como são depressões pouco profundas onde a luz penetra totalmente, é possível a ocor-

rência de plantas em toda a sua área. A ausência de estratificação da temperatura da água e de formação de ondas são outras das suas características que lhes dita uma biodiversidade muito peculiar. Muitas das espécies que albergam são consideradas raras e ameaçadas, quer a nível europeu, quer a nível global. Têm ainda um papel importante na conectividade entre outros habitats de água doce.

Devido à sua fragilidade, singularidade e riqueza ecológica, os charcos temporários mediterrânicos estão inscritos no Anexo I da Directiva Habitats como habitats prioritários em termos de conservação (habitat 3170), o que proíbe por lei a sua destruição e exige a designação de Zonas Especiais de Conservação (ZEC) para garantir a sua preservação. Apesar disso, a realidade mostra uma regressão generalizada destes habitats em toda a bacia mediterrânica.

A vegetação colonizadora de charcos temporários mediterrânicos tem uma compo-

sição florística muito particular, dominada principalmente por plantas anuais e herbáceas perenes que aparecem durante o Inverno e Primavera e que produzem um grande número de sementes que sobrevive aos períodos de seca. A dinâmica espaço-temporal condiciona a composição e zonação dos seres vivos nos charcos. No início da primavera, podemos observar as plantas aquáticas flutuantes, com as folhas e flores à superfície. Sucedem-se as plantas anfíbias, que começam o seu desenvolvimento vegetativo ainda submersas e florescem apenas quando a água começa a desaparecer, persistindo até à chegada da fase seca (início do verão). As plantas características dos charcos asseguram os micro-habitats essenciais à sobrevivência de diversos animais, tais como crustáceos macro-invertebrados, anfíbios e répteis.

No sudoeste português, estão associadas aos Charcos Temporários Mediterrânicos espécies da flora com elevado valor

de conservação. Como exemplos encontram-se espécies com estatuto de ameaçada como *Pilularia minuta*, (lista vermelha IUCN), quase ameaçada como *Isoetes setaceum* (lista vermelha IUCN) ou vulnerável como *Caropsis verticillo-inundata* (lista vermelha IUCN) e *Hyacinroides vicentina* (anexos II e IV da Directiva Habitats).

Quanto à fauna, os charcos temporários servem de zona de alimentação e de reprodução a várias espécies de aves, anfíbios e invertebrados. São mesmo cruciais para a existência de algumas espécies pouco

comuns ou com elevado valor de conservação, como a Rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*) com estatuto de proteção em Portugal (*Livro Vermelho dos Vertebrados*), a Relacômum (*Hyla molleri*) endemismo ibérico ou o cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*). Os charcos temporários são ambientes muito importantes para várias espécies de mamíferos que podem viver neles permanentemente utilizando o charco e os vários habitats na sua área envolvente ou que os visitam regularmente para se alimentarem e beber água.

Particularmente, os morcegos visitam os charcos em diversos períodos do ano. Têm maior actividade durante a fase aquática dos charcos, onde bebem água e se alimentam da grande quantidade de insectos presente. Nos meses mais quentes, embora os charcos estejam secos, verifica-se que estas áreas mantêm uma grande disponibilidade de insectos, permitindo aos morcegos em alimentação consumir grandes quantidades em pouco tempo de actividade.

Mais sobre Charcos Temporários em LIFE Charcos, coordenado pela Liga para a Protecção da Natureza (LPN). <https://lifecharcos.lpn.pt/>



Rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*). Fotografia, Pedro Marques

OS
O
F
O
M



PA
LA
VRA

PASSA

PLANO LOCAL DE LEITURA CUIDAR DA INFÂNCIA

Cristina Taquelim e Paula Cusati

A primeira aproximação que fazemos ao acto de ler acontece naquele primeiro caldo de linguagem e afectos que é a interacção entre a mãe e o bebé. A relevância dessa relação e do meio familiar no desenvolvimento da linguagem e da relação da criança com a cultura escrita convida a sublinhar a importância da qualidade desta interacção. Os repertórios de afectos das práticas familiares estão marcados pela oralidade e oferecem possibilidades imensas no desenvolvimento da linguagem, na descoberta do ritmo, da melodia, da consciência dos sons que compõem a língua. As interacções da criança com o objecto livro ajudam a esclarecer a natureza e função da palavra, da leitura e da escrita, a conhecer as diferentes formas de representação do mundo. Estas dinâmicas protagonizadas por adultos afectivamente significativos possibilitam a construção de uma relação cúmplice que responda às necessidades emocionais e à expressão dos afectos dos sujeitos em interacção. As cantigas de embalar, os jogos de dizer, de contar, de nomear, os contos cumulativos, os maravilhosos, os travalinguas que guardamos na memória são uma forma

integrada e multidimensional de tocar a criança. Eles estão apoiados na sensorialidade, no jogo, na poesia e em dinâmicas de acção e contenção, fundamentais à escuta.

Estas experiências possibilitam que a criança aceda aos primeiros artifícios literários, à construção dos primeiros esquemas narrativos, de onde ressaltam personagens, valores, imaginários, linguagens. Depois virá a aprendizagem formal da leitura, onde a escola participa na sistematização e automatização, tornando explícito e consciente o que da linguagem a criança já pode experimentar, apoiando a construção de sentido.

Este permanente re-ligar da palavra da oralidade e da cultura escrita é importante para o desenvolvimento da criança. Crescer rodeado pelas palavras aumenta as oportunidades de desenvolvimento, aprendizagem e sucesso de qualquer sujeito, mas, sobretudo, potencia a mais fundamental de todas as leituras: a que fazemos da nossa relação com o mundo. Com o vivido e com o ficcionado.

Investir na criação de “ambientes leitores” desde a mais tenra idade, parece ser uma boa estratégia se quisermos pensar no desenvolvimento sustentado de qualquer território. Investir no desenvolvimento leitor da infância será um bom esteio para um plano local de leitura.

Plano Local de Leitura

Através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 48-D/2017, de 31 de março, o Governo promove o Plano Nacional de Leitura 2017-2027, no horizonte da próxima década, estabelecendo uma aposta na consolidação das ações concretizadas nos primeiros 10 anos do referido plano e em novas vertentes a desenvolver até 2027, designadamente através de um reforço da articulação com as autarquias locais.

Entre as linhas orientadoras para o Plano Nacional de Leitura contam-se a implementação de novas parcerias e a realização de ações concertadas com o apoio de entidades públicas e privadas, sublinhando-se neste âmbito a intervenção das autarquias locais, atentas às atribuições que prosseguem nos domínios da educação, ensino, cultura e ciência.

Nesse sentido, está em marcha no território a preparação de implementação de um Plano Local de Leitura.



SO

CIE

DADDE

RECREATIVA

SOCIEDADE RECREATIVA POMARENSE

Fundada em 1 de maio de 1911, a Sociedade Recreativa Pomarense, localizada no Pomarão, é uma das mais antigas associações do concelho de Mértola. Criada meses após a implementação da República, teve como órgãos diretivos os seguintes elementos:

Direção

Presidente - António Diogo Fernandes
Tesoureiro - Januário Manoel Revez
Secretário - Alberto Machado Vaz Velho
Vogal - Joaquim Gonçalves
Vogal - Manuel Martins Coriel

Assembleia Geral

Presidente - Manoel Zarcos Palma
1º Secretário - Manoel Paulino Ramos
2º Secretário - António Alho de Freitas

Sobrancelheiro ao Guadiana, o edifício inicial da sua sede situava-se na parte alta do Pomarão, hoje casa de habitação. Era lá que decorriam a maior parte das atividades desta associação que aí permaneceu até à inauguração da nova sede, cedida pela La Sabina – Sociedade Mineira e Turística, S.A, em 20 de julho de 1957.¹



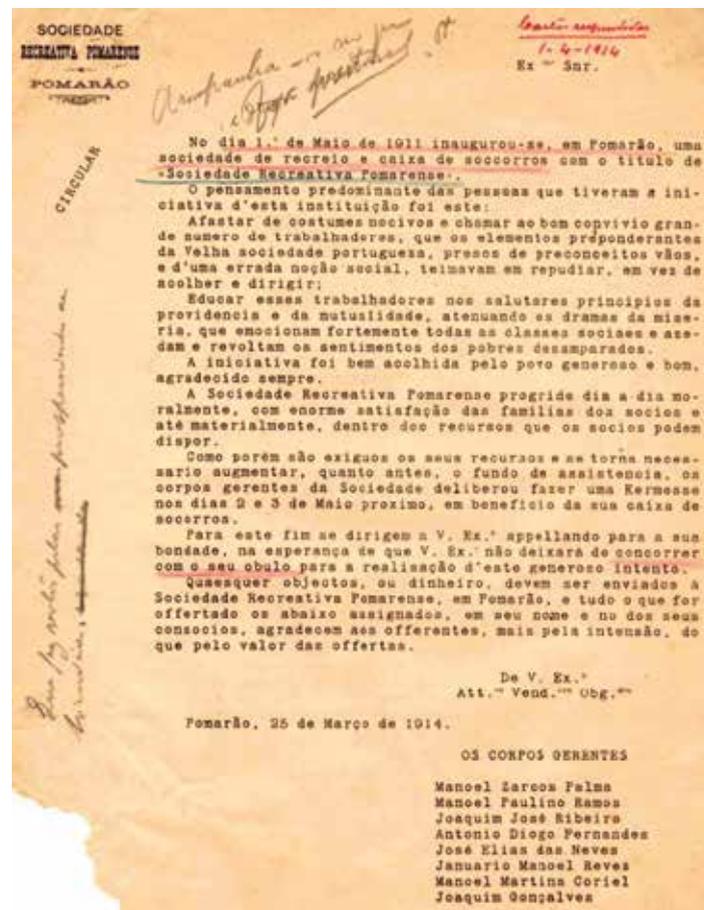
Numa circular partilhada na internet² e corroborada pelos documentos abaixo referenciados, é possível verificar o caráter social que esta associação teve na base da sua criação e a alteração de mentalidades que se propunha fazer junto dos seus associados. Não nos podemos esquecer que a formação da associação é coincidente com os problemas de miséria, desemprego e a falta de condições de vida existentes na altura, ainda que a mina de S. Domingos estivesse em laboração.³

Numa leitura mais atenta dos dois primeiros livros de atas daquela associação (livro de atas das sessões da Direção e livro de Atas da Assembleia Geral) podemos encontrar elementos identificativos do seu funcionamento, tantas vezes idênticos ao que ainda se mantêm atualmente nas nossas sociedades. O apoio aos mais necessitados (era ao mesmo tempo sociedade de recreio e caixa de socorros), a realização de atividades culturais e recreativas (bailes, quermesses, jogos de cartas e de tabuleiro, empréstimos de livros, ...), a gestão do bar (cantina) e sobretudo o fazer cumprir as disposições estatutárias, faziam parte do dia-a-dia da associação com que os dirigentes tinham de conviver.

Nalgumas descrições retiradas das atas podemos identificar igualmente a importância das redes de parceria, nomeadamente na doação de dinheiro à Sociedade Recreativa Alcoutinense e ao Centro Mertolense de Instrução e Recreio, (o primeiro 1000 réis para uma quermesse e o segundo 2000 réis para a Biblioteca).⁴ Também o empréstimo de dinheiro aos associados⁵ e os castigos àqueles cujo comportamento não se coaduna com os objetivos da associação são transpostos para as atas⁶, fazendo parte do historial desta entidade. Manteve sempre uma ligação muito forte ao rio, não apenas nas atividades que ia desenvolvendo, mas igualmente nos petiscos que o bar/cantina ia confeccionando.

As festas e os dias comemorativos sempre foram de especial importância para a sociedade. António João Cavem Lourenço, 75 anos, natural do Pomarão, que saiu desta localidade aos 13 anos para Alcochete regressando há cerca de 15 anos, refere: "A sociedade era o foco principal da localidade. Aqui se faziam grandes bailes, concursos de pesca, provas

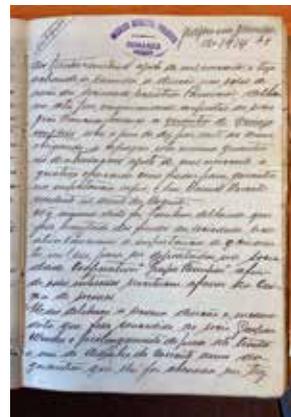
3 - A Mina de S. Domingos encerra a sua exploração em 1965.



2 - retirado de (https://issuu.com/cemspd/docs/1914_srpomarense?ff=true)



4



5



6

de natação, jogos de futebol, corrida de barcos, pau de sebo, entre muitas outras atividades”. Conta ainda que a telefonia existente era a bateria e quando a bateria faltava era necessário ir carregá-la junto à Capela no aerodinamo ali existente. Refere histórias de pancadaria, dando o exemplo de um marroquino (provavelmente embarcadiço) que terá descomposto homens e mulheres da povoação, mordido um dedo ao Zé Mariano e que após a chegada da GNR para apaziguar a zaragata, roubou a arma à própria GNR. O desfecho foi trágico já que o marroquino acabou por falecer a caminho de Vila Real de Stº António. Juntamente com o Fernando Vargas (Zarak) referem feitos e personagens como o José Regatão (vencedor de várias provas de Pau de sebo), o André da Palma Vargas (pai do Zarak) pela força e bravura e outros que ao longo dos tempos foram criando memórias deste lugar. Também os contactos com os espanhóis eram frequentes. As duas margens do Chança eram pontos de ligação entre comunidade portuguesa e espanhola, visíveis ainda hoje pelos vários descendentes luso espanhóis e espanlo lusos. Referem ainda que no café existente na “Casa Amarela”, hoje em ruínas, a libra Inglesa e o dólar Americano eram transacionados a par do escudo.

Já no final dos anos 90 do século passado é editada uma folha informativa da Sociedade onde é dado a conhecer aos associados as várias atividades que a mesma vai desenvolvendo, incentivando a colaboração dos mesmos. Numa rubrica denominada “*á sombra do cais*” pode ler-se: “*Ao olhar as águas calmas do Rio, veio-me inevitavelmente á memória o que foi o Pomarão em tempos idos.*”

Estes farrapos que ainda hoje por aqui se observam do que foi a exploração mineira, são bem o símbolo da tragédia Alentejana.

Trabalho árduo, inimaginável nos dias de hoje mas que fazia do Pomarão uma terra a regorgitar de vida. Na década de 50 cruzam-se aqui várias línguas das mais variadas nacionalidades. Culturas de outros

povos que quando em confronto não poucas vezes resultam em pancadaria, as canoas levam o “guano” até Mértola, o Pombal, o Alcobaça etc, etc afanosamente empurram os vagões para os cais.

A moçada sai da escola aos magotes como passarinho solto da gaiola e á tarde o mineiro ainda sente forças para jogar a sua partida de xito, beber o seu copito e cantar as nossas modas.

Histórias do nosso passado.”

A Sociedade Recreativa Pomarense vê passar ao longo dos vários anos da sua existência várias cheias do Guadiana das quais se destacam as de 1947 e a de 1997, marcadas na parede do espaço da sua última sede.

Apesar de todos os percalços por que passou ao longo de mais de 100 anos, só em 2013 por sentença do Tribunal da Relação de Évora vê-se obrigada a devolver a sede à La Sabina. Fechou-se por enquanto um ciclo de uma sociedade que sempre soube bem acolher, que muito contribuiu para a promoção da cultura do lugar e que tanta gente soube ajudar.

A memória das pessoas e das entidades só perduram se conseguirmos manter os registos orais, escritos ou materiais e os trouxermos a lume para que os passemos às futuras gerações.

Manter a memória das instituições é fundamental para melhor conhecer as nossas raízes. Cabe a cada um de nós esse designio e é sobretudo aos dirigentes associativos que recai uma responsabilidade acrescida na preservação desse património.

Um agradecimento especial ao Fernando Vargas pelas informações prestadas e pela disponibilização do acesso aos documentos que continuam religiosamente guardados e ao António João Cavém Lourenço pela disponibilidade em partilhar memórias.



GAS
TRO
NOMIA
MERCADOS

O ABC das plantas comestíveis, aromáticas e medicinais

*Programa Nacional para a
Promoção da Alimentação Saudável*

As ervas aromáticas são plantas de pequena dimensão que fazem parte da cultura portuguesa, sendo a Península Ibérica um dos locais mais ricos de espécies identificadas. A sua utilização na cozinha realça significativamente o prazer ligado ao ato de comer, através da diversidade de aromas, cores e sabores que conferem aos alimentos, tornando as refeições mais agradáveis e atraentes. Na Pirâmide da Dieta Mediterrânica, as ervas aromáticas, encontram-se localizadas no grupo dos alimentos de consumo diário, sendo muito utilizadas em saladas, sopas, marinadas, carnes, peixes, chás, compotas, entre outros. No entanto, estas plantas também são conhecidas pelo seu papel na redução do consumo de sal.



A figueira-da-índia, pertencente à família das Cactaceae, é o arbusto suculento mais distinto que se pode encontrar nas nossas paisagens. Um cacto que se destaca pelo porte, podendo atingir até 6 metros, pelas pequenas flores de cor laranja e, principalmente, pelos “figos”, o fruto sumarento que é amplamente consumido. Constituída por cladódios (palmas), com até 50 cm, espinhosos, com grupos de até 6 espinhos finos, rectos e esbranquiçados (com até 40 mm), com flores de tom amarelo a laranja intenso (cerca de 8cm de diâmetro), que florescem no fim da primavera (maio e junho), e com frutos (pseudobagas) de cor amarela a púrpura, obovoide-oblongos, que amadurecem a partir do verão.

Apesar da sua ampla distribuição pelo nosso país, principalmente no Alentejo e Algarve, esta planta é originária da América tropical, sendo nativa de uma zona árida e semiárida que engloba o México e a Colômbia. Por cá, deverá ter chegado durante a colonização da América latina, pelos potenciais do fruto, para consumo e como corante, sendo hoje o principal uso criar sebes de delimitação de propriedades, pelo seu porte espinhoso.

Atualmente, começam a ver-se vastas explorações desta planta, em monoculturas agrícolas que fazem a nossa paisagem assemelhar-se, cada vez mais, a um deserto. Ainda assim, é reconhecido o valor desta planta, em que todas as partes podem ser aproveitadas, desde as palmas consumidas como legumes ou usados para produção de farinha, às flores, que depois de secas podem usar-se em infusões, e, sem esquecer, todo o potencial do fruto, consumidos frescos ou usados em sumos, compotas, licores e xaropes, assim como da semente, da qual se pode extrair óleo para alimentação e cosmética. No que diz respeito ao fruto, contém propriedades antioxidantes, benéficas para a saúde, para além dos bons níveis de potássio, magnésio, cálcio e vitaminas C, A, B1 e B2.

F de Figueira-da-índia

Família: *Cactaceae*

Género: *Opuntia*

Espécie: *Opuntia ficus-indica*

Texto de Associação Montícola
Francisco de Sousa (Arquiteto Paisagista)
Leonor Pires (Arquiteta Paisagista)

Curiosidades...

Esta planta, tal como outras semelhantes e da mesma família, apesar de muito comum em todo o país, é uma espécie com comportamento invasor! Além de se dispersar com enorme facilidade, quer pelas inúmeras sementes que cada fruto possui (que também são apreciados pelos animais), quer pela quebra dos caules (que facilmente enraízam), forma “moitas” espinhosas intransponíveis, diminuindo a biodiversidade da nossa flora e descaracterizando a típica paisagem mediterrânica. Desta forma, a sua produção deve ser acompanhada por um plano bem definido de controlo de expansão para o meio silvestre.



A remoção desta planta é a melhor forma de a controlar, sendo que o arranque deve ser feito com cuidado e usando Equipamento de Proteção Individual, pela quantidade de espinhos que possui, mas tendo também atenção para não deixar quaisquer raízes, cladódios ou frutos nessa área, sobre o risco de gerar novos focos de invasão. Todo o material vegetal deve ser destruído ou queimado, de preferência no local onde foi removido.

No lugar desta planta aconselha-se olhar para outras famílias, como a das Fabaceae, com muitos arbustos capazes de formar sebes densas e espinhosas (como as giestas, os tojos e os piornos) que por serem leguminosas, ainda contribuem para fertilização do solo.

A Origem dos Alimentos

Conserva de Peixe

À Conversa com Fernando Sequeira

Sessenta e dois anos, natural e residente em Mértola

De olhar perdido no rio, todos os dias encontramos o Sr. Fernando Sequeira junto à Torre do Relógio e depois do cumprimento usual, um comentário de arrepio – O que o rio era... e o que o rio é...

A conversa é recheada de memórias saudosistas e sempre sobre o rio. Fala-se da falta de peixe, de Alqueva, da vida de antigamente, no rio, do que acontece na ribeira... e há muito que vimos falando na conserva do peixe, que aprendeu a fazer com o seu pai, Francisco Sequeira, vendedor de peixe no mercado municipal.

Hoje, abrigados da chuva, cumprimos a promessa há muito prometida para falar especificamente dos tipos de conserva de peixe que se faziam em Mértola.

Explica-nos então:

“A sardinha estivada é aquela sardinha que a gente punha dentro das canastras. Punha-se uma camada de sardinha, tal qual ela era apanhada, uma camada de sal, outra camada de sardinha, outra camada de sal e assim até se encher a canastra. Depois tapava-se com uma tábua, ou uma outra coisa qualquer, e deixava-se a um canto, guardada. A cesta, de cana, deixava arejar a sardinha e ao mesmo tempo deixava passar a água que a sardinha ia deitando.

lam-se tirando à medida que se queriam comer, punham-se em água fria, para perderem o excesso de sal e seguidamente iam a fritar, cozer ou assar. A sardinha ficava toda amarela, toda amarelinha...

Fazíamos também o atum em “moura” – Era feito em barricas de vinho, cortadas ao meio. Metia-se lá água bem fria e fartura de sal, depois mergulhava-se o atum lá dentro, já limpinho e cortadinho. Ao processo de infiltração do sal no atum chamava-se “moura” e era a forma de conservar o atum para o ano inteiro. Depois era só cozinhar, podia-se guisar com batatas ou outra coisa qualquer, como a gente quisesse.

O melhor atum era o das barrigas... é como no peixe do rio, o melhor é sempre a barriga do peixe, é o mais gostoso...





Aprendi a fazer a estivada com o meu pai. Ele era vendedor de peixe e eu é que me meti nessa vida da pesca. Mais tarde, meteu-se também na venda do peixe o meu irmão Virgílio. Eu ainda vou continuando mas pouco, muito pouco...

Do atum voltamos ao rio e aos machinhos, ... eram escalados, limpos e bem salgadinhos, tal como o bacalhau. No dia seguinte enfiava-se um fio pela boca e eram pendurados mas numa casa onde não entrasse nenhuma mosca. Quando chegasse o tempo tirava-se o machinho, cortava-se às tiras e assava-se.

O meu irmão Virgílio é que costumava secar os machinhos.

Todo este trabalho era feito no edifício onde, agora, funciona o restaurante “O Migas”, antigamente era a Central Eléctrica.

Quando o espaço foi desocupado nós aproveitámos aquele corredor e ali fazíamos a sardinha estivada, o atum e o machinho e o meu pai vendia o peixe, em cima, no mercado.”

E lá ficámos, ainda a recordar tempos em que o Sr. Fernando Sequeira era o encarregado dos trabalhos de restauro do castelo, a falar das antiguidades de Mértola e também das suas histórias mais recentes.

No final, a jeito de despedida, ficou a promessa de um dia irmos a fazer todos estes processos, quando vier o tempo da sardinha, do atum e do machinho sim, porque por aqui, tudo tem o seu tempo.

Já se sonha com tempo mais quente e um **petisquinho** ao final da tarde ...



RECEITA DOS CARACÓIS DO CAFÉ BATISTA

Ingredientes:

Caracóis, Sal, Alhos, Piri-Piri (vagem), e Oregãos

Modo de confecção:

Lavar muito bem os caracóis;
Pô-los de molho por algum tempo;
Escolher bem os caracóis;
Colocar num tacho e tapá-los com água;
Deixar ferver, retirar a espuma e depois pôr os temperos;
Deixar cozinhar por alguns minutos conforme o tamanho do caracol.

Bom apetite e uma cervejinha.

PIPIS, PETISCO DO ANTIGO CAFÉ CENTRAL

Ingredientes: 1 Kg de miúdos de frango; 2 cebolas grandes; 2 dentes de alho; 2 folhas de louro; azeite q.b.; 1 colher de sopa de colorau; 1 dl de vinho branco; Sal, pimenta, piri-piri e vinagre q.b.

Modo de confecção:

Arranjam-se e lavam-se os miúdos de frango em água com vinagre.

Picam-se as cebolas e os alhos e levam-se ao lume com o azeite e os miúdos.

Deixa-se alourar tudo.

Em seguida rega-se com o vinho branco onde se desfez o colorau e tempera-se com sal, pimenta, o louro e piri-piri.

Tapa-se e deixa-se estufar sobre lume brando.

Se for necessário acrescenta-se um pouco de água.

Serve-se como petisco ou entrada.

SALADA DE ORELHA DE PORCO PRETO DO ANTIGO CAFÉ GUADIANA ANA MARTINS E HENRIQUE SILVESTRE

Ingredientes: Orelhas de porco preto; Coentros; Alhos; Azeite Vinagre e sal q.b

Modo de confecção

Arranjam-se e limpam-se muito bem as orelhas;

Dá-se-lhes uma fervura de cerca de 10 minutos;

Secam-se muito bem;

Grelham-se em lume de carvão com uma pedrinha de sal;

Partem-se aos bocadinhos pequenos;

Temperam-se com coentros e alho bem picadinhos, rega-se com azeite e vinagre e por fim rectifica-se o sal.



Mértola, em família!

A pandemia realçou a necessidade de união entre as pessoas. Por razões afetivas, mas também por razões de segurança, para os seus tempos livres, muitas pessoas irão procurar experiências enriquecedoras em família, em destinos seguros, e com uma oferta criativa e inclusiva para todos.

Mértola é um destino family friendly, um território cheio de oportunidades para desfrutar junto de quem nos é mais próximo, reforçar laços e construir memórias.

Ficam aqui algumas sugestões de atividades



Forno, Mesquita.

Férias na Aldeia

Quem não tem memória de umas férias na aldeia? Ou porque as viveu ou porque povoam o imaginário de um tempo já ido. O regresso em cada verão à casa de família no campo ou à casa dos avós. Brincar às escondidas, apanhar bichos, jogar à bola, ao pé-coxinho, à cabra cega em plena rua. Deixar passar o tempo onde os dias pareciam mais longos e as noites se prolongavam com brincadeiras sob a lua cheia e uma brisa que aliviava o tempo quente do dia. Dias de verdadeira liberdade. O som da carrinha do pão, do peixe ou da mercearia ambulante parada no largo à espera de freguês. A festa, a romaria, a procissão, a quermesse e o baile.

Se quer proporcionar aos seus filhos momentos únicos de uma infância despreocupada e simples marque uns dias num dos alojamentos que temos distribuídos pelos montes e aldeias do concelho. Mesquita, Moinhos de Vento, Santana de Cambas, Monte do Guizo, Alcaria Ruiva, S. João, Monte Góis são apenas algumas, mas há mais. Alguns destes alojamentos têm piscina, para completar o "ramallete".

Viagem no tempo

Por este rio acima e rio abaixo

Seja na primavera, seja no verão a opção de desfrutar do rio Guadiana é sempre uma aposta vencedora para quem planeia umas férias em família. Para os mais novos há descidas de rio em canoa ou sessões de paddle. Para os mais aventureiros pode até agendar uma descida de rio noturna. Experiência única e plena para todos os sentidos. Para os que preferem propostas mais tranquilas há passeios de barco entre Mértola e o Pomarão com variantes para programas de observação de aves e paragem para almoço num dos restaurantes ribeirinhos do Pomarão ou Penha d'Águia. O rio proporciona ainda várias zonas de lazer e contemplação como os Canais do Guadiana ou as Azenhas na proximidade de Mértola. Em qualquer das circunstâncias, recomenda-se que as crianças usem coletes e seja dada especial atenção às correntes.



Canoagem, Azenhas do Guadiana.

Mértola, todas as histórias num lugar só. Visitar o centro histórico de Mértola, o Museu polinuclear constituído por 14 núcleos distribuídos por todo o concelho ou passear pelos trilhos do antigo complexo industrial da Mina de S. Domingos é fazer uma verdadeira viagem no tempo! Conhecer as várias civilizações antigas que aqui se estabeleceram e calcorrear os caminhos da história.

Para desfrutar de um programa à medida, contacte o Museu de Mértola ou um dos guias locais. Há itinerários desenhados por temas e atividades exploratórias relacionadas com a arqueologia, o ciclo da lã ou a arqueologia industrial.



Núcleo de Arte Islâmica, Museu de Mértola.

Uma aventura no Pulo do Lobo

O título decorre da coleção uma Aventura de Maria Magalhães e Isabel Alçada. O desafio é a partir do universo do livro, sair em família à descoberta do património natural de Mértola: as paisagens, a biodiversidade e a geologia e desfrutar em pleno do outdoor. As atividades são várias: caminhadas, observação de aves, flora e insetos, cycling entre outras. A não perder a visita ao Pulo do Lobo, Canais do Guadiana, Estações da Biodiversidade da Bombeira e da Ribeira do Vascão ou Centro de Interpretação do Lince Ibérico em S. João dos Caldeireiros e Amendoeira da Serra. Ao cair da noite outra vida começa. Mértola integra a reserva Dark Sky Alqueva e não faltam atividades para desfrutar do nosso inesquecível céu noturno. Para não se perder recomendamos que contacte um guia local. No Posto de Turismo pode ainda encontrar guias e mapas.



Pulo do Lobo

Férias na Praia

Pois é! Quem diria que no Alentejo profundo iria encontrar a praia perfeita para fazer férias em família? Segura, acessível, com bandeira azul e bandeira de ouro atribuída pela qualidade da água. É assim a praia da Tapada Grande da Mina de S. Domingos. Um refúgio num plano de água límpida e calma, areia branca e chapéus-de-sol. A praia é vigiada, dispõe de estacionamento, bar de apoio que serve refeições ligeiras e casas de banho. Há ainda animação, aluguer de equipamento náutico e atividades educativas para os mais novos.



Praia da Tapada Grande, Mina de S. Domingos

Aventura precisa-se!

E se pensa que por cá é só tranquilidade e calma, desengane-se! Para os mais destemidos e aventureiros há trilhos de trail run e BTT, paint-ball, descidas de rio noturnas, slide e manobras com cordas. São quase sempre atividades que têm de ser agendadas com tempo e em grupo, mas localmente há empresas especializadas nesta oferta que têm o programa certo para a sua família.

A estas sugestões juntamos a oferta de gastronomia de restaurantes e produtores locais e de alojamento de qualidade em várias tipologias. E não faltam também as soluções para o seu animal de estimação, há várias unidades pet friendly que aceitam animais e, caso seja, necessário há também a solução de um hotel canino.

Conheça estas e outras ofertas em www.visitmertola.pt



App Agenda desdobrável

Agora para ficar a par de toda a agenda cultural de Mértola, pode descarregar a app agenda cultural. Pode selecionar os eventos que não quer perder, receber notificações. Vá às app stores IOL e Android e rescarregue Agenda Cultural Mértola.

propriedade

Câmara Municipal de Mértola

edição

Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude

tiragem

1500 exemplares

periodicidade

trimestral
distribuição gratuita

Se desejar enviar alguma informação para eventual inserção na próxima edição da Agenda Cultural de julho, agosto e setembro de 2021 pode fazê-lo até dia 07 de junho de 2021, através do Fax: 286 610 101, e-mail: geral@cm-mertola.pt ou por carta para Câmara Municipal de Mértola, Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude, Praça Luís de Camões, 7750 -329 Mértola.

Versão digital em:
www.cm-mertola.pt



MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

